

Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira
Ana Carolina Garcia Braz
Daniel Facciolo Pires
Marinês Santana Justo Smith
Silvia Regina Viel
Welton Roberto Silva (Orgs.)

PSICOLOGIA: a multiplicidade de olhares
e saberes

Coleção Ciência e Desenvolvimento
57

ISBN VOLUME



ISBN COLEÇÃO



DOI

**Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira
Ana Carolina Garcia Braz
Daniel Facciolo Pires
Marinês Santana Justo Smith
Sílvia Regina Viel
Welton Roberto Silva (Orgs.)**

PSICOLOGIA: a multiplicidade de olhares e saberes

**FRANCA
Uni-FACEF
2025**

Corpo Diretivo

REITOR

Prof. Dr. José Alfredo de Pádua Guerra

VICE-REITOR

Prof. Dr. João Baptista Comparini

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Prof. Dr. Alfredo José Machado Neto

PRÓ-REITORA ACADÊMICA

Profª Drª Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO, CULTURA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Profª. Drª Melissa Franchini Cavalcanti Bandos

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO e COORDENADOR DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

Prof. Dr. Sílvio Carvalho Neto

COORDENADORA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Profª. Drª. Marinês Santana Justo Smith

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Prof. Me. Cyro de Almeida Durigan

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Prof. Dr. Orivaldo Donzelli

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – Publicidade e Propaganda

Prof. Ma. Fúlvia Nassif Jorge Facuri

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE ENFERMAGEM

Profª. Drª. Márcia Aparecida Giacomini

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE ENGENHARIA CIVIL

Prof. Dnd. Anderson Fabrício Mendes

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Prof. Dr. Flávio Henrique de Oliveira Costa

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE LETRAS

Profª Drª Maria Eloísa de Souza Ivan

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE MATEMÁTICA

Prof. Drª Sílvia Regina Viel

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE MEDICINA

Prof. Dr. Frederico Alonso Sabino de Freitas

CHEFE DE DEPARTAMENTO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Profª Drª Maria de Fátima Aveiro Colares

CHEFE DE DEPARTAMENTOS DE COMPUTAÇÃO

Prof. Dr. Daniel Facciolo Pires

Comissão Científica

Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira (Uni-FACEF)
Daniela de Figueiredo Ribeiro (Uni-FACEF)
Melissa F. Cavalcanti Bandos (Uni-FACEF)
Sílvia Regina Viel (Uni-FACEF)
Marinês Santana Justo Smith (Uni-FACEF)
Maria Eloísa de Souza Ivan (Uni-FACEF)
Daniel Facciolo Pires (Uni-FACEF)
Pedro Geraldo Tosi (UNESP)
Érika Andressa da Silva (IFESC)
Evandro Eduardo Seron Ruiz (USP)
Josiane Maria Starling Duarte (Uni-FACEF)
Kelly Jacqueline Barbosa (Uni-FACEF)
Lívia Maria Lopes (Uni-FACEF)
Andreia Aparecida Reis de Carvalho Liporoni (UNESP)
Edson Zangiacomi Martinez (USP)
Janise Braga Barros Ferreira (USP)
Mário Luís Ribeiro Cesaretti (UNIFESP)
Rodrigo Guimarães dos Santos Almeida (UFMS)

Comissão Organizadora

José Alfredo de Pádua Guerra
João Baptista Comparini
Alfredo José Machado Neto
Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira
Ana Carolina Garcia Braz
Melissa Franchini Cavalcanti Bandos
Sílvio Carvalho Neto
Marinês Santana Justo Smith
Sílvia Regina Viel
Welton Roberto Silva
Lucas Antônio Santos
Leonardo Carloni Rodrigues Meira

© 2025 dos autores
Direitos de publicação Uni-FACEF
www.unifacef.com.br

Coleção: Ciência e Desenvolvimento, v. 57.

Oliveira, Sheila Fernandes Pimenta e (Orgs.)

O51p Psicologia: a multiplicidade de olhares e saberes. / Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira; Ana Carolina Garcia Braz; Daniel Facciolo Pires; Marinês Santana Justo Smith; Sílvia Regina Viel; Welton Roberto Silva (Orgs.). – Franca: Uni-FACEF, 2025.

157p.; il. – (Coleção Ciência e Desenvolvimento ; v. 57)

ISBN Coleção 978-65-8877-105-1

ISBN Volume 978-65-8877-188-4

DOI

1.Multidisciplinar - Fórum. 2.Psicologia. 3.Saúde mental. I.T.

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código Penal. **Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade exclusiva de seus autores.**

Editora Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca
Associada à ABEC - Associação Brasileira de Editores Científicos

PREFÁCIO

O Centro Universitário Municipal de Franca – Uni-FACEF sediou em 2025, o XIX Fórum de Estudos Multidisciplinares, que tradicionalmente engloba quatro eventos: o XIII Congresso de Iniciação Científica, o XIV Encontro de Iniciação à Docência, o XIII Encontro de Iniciação à Tecnologia e Inovação. O atual volume foi compilado, a partir das pesquisas apresentadas no evento, com foco em temas relacionados a saúde mental e seus diversos campos de atuação, com os múltiplos olhares teóricos diante da diversidade de temas, trazendo contribuições importantes ao meio acadêmico e à comunidade em geral. O artigo de autoria de Rafaela Fagundes e Raquel Rangel Cesário, intitulado *“A Psicoterapia de grupo e a terapia comunitária integrativa: história, técnicas e a influência da cultura”* destacam a importância da terapia comunitária integrativa e atividades grupais na prevenção e promoção da saúde. A importância da música no cuidado aos idosos, potencializando as questões psíquicas e cognitivas dessa população é descrita pelos autores João Pedro Naves da Ciuti Silva, Enzo Lima Casaqui, Raphael Monteiro da Cruz e Sofia Muniz Alves Gracioli no artigo *“Impacto da música na vida de pessoas idosas”*. A partir de uma visão existencialista, os jogos virtuais são discutidos pelos autores Elesbão Evaristo Costa Freitas Júnior e Marcos Silvestre Gera no artigo *“Jogos virtuais: uma análise existencialista”*

A abordagem junguiana, que centraliza algumas das teorias a respeito dos sonhos, é destacada no artigo de revisão bibliográfica *“O sonho como caminho para individuação desde a infância: uma revisão bibliográfica”*, de autoria de Stephany Matias de Oliveira Crisostono e Maria Cherubina de Lima Alves. A personalidade autoritária, é discutida no artigo de Luma de Pedroso Paula e Gustavo José de Toledo, onde estudam algumas das questões levantadas pelo filósofo Theodor Adorno na obra *A Personalidade Autoritária*, produzida durante os anos 40 nos Estados Unidos. O tema da psicopatia é destacado pelos autores Maria Fernanda Silva Souza, Sofia Muniz Alves Gracioli e Sofia da Silva Cordero, com o tema: *“Sob e mesmo teto do inimigo: impactos psicológicos em famílias convivendo com psicopatas”* destacam através de relatos documentais a contextualização de famílias que viveram sob essas condições. *“O consumo de álcool na juventude e seus impactos na saúde mental e nas relações interpessoais”* são destacados por Ana Luísa Botelho Reis, Sofia Muniz Alves Gracioli e Guilherme Henrique Andrade Pimentel e demonstram a relevância do tema em relação ao desenvolvimento de jovens adultos. As terapias integrativas também são destacadas nesse volume sob o tema: *“Energia quântica, fonte energética das terapias integrativas: saúde, equilíbrio e bem-estar”*, dos autores Kátia Simone Lessa Freitas, Sofia Muniz Alves Gracioli Ana Laura Rocioli Messias evidenciando a importância da ferramenta como forma de equilíbrio energético do corpo humano para promover o bem-estar e melhorar a saúde física, mental, emocional e psicológica. Em *“Perspectiva de futuro em*

adolescentes em uma cidade interiorana: uma pesquisa- intervenção” com foco na promoção da psicoeducação e da qualidade de vida, de autoria de Isabela Fernandes Bareense e Maria Cherubina de Lima Alves destacam nessa pesquisa a importância de promover uma reflexão e uma intervenção sobre a perspectiva de futuro de jovens do Ensino Médio. E por fim no artigo: *“Xingamentos e papéis de gênero: as expectativas que recaem sobre o gênero e seus impactos na identidade e nos comportamentos de homens e mulheres”*, de Gustavo Garcia Radi e Marcos Silvestre Gera, os autores nos convidam a refletir os papéis de gênero que levam justamente à desigualdade de gênero, legitimando a violência e a opressão sistêmica de mulheres, homossexuais dentre outros.

Considerando as contribuições científicas apresentadas, a leitura desse volume com certeza promoverá reflexões importantes não apenas no campo da ciência, mas nos cenários diversos vivenciadas por profissionais da área da saúde e educação no cotidiano de suas práticas.

Profa Dra Maria de Fátima Aveiro Colares
Coordenadora do Curso de Psicologia
UNIFACEF

SUMÁRIO

A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: HISTÓRIA, TÉCNICAS E A INFLUÊNCIA DA CULTURA.....	9
JOGOS VIRTUAIS: uma análise existencialista.....	18
ENERGIA QUÂNTICA, FONTE ENERGÉTICA DAS TERAPIAS INTEGRATIVAS: saúde, equilíbrio e bem-estar	36
O CONSUMO DE ÁLCOOL NA JUVENTUDE: impactos na saúde mental e nas relações interpessoais.....	54
O IMPACTO DA MÚSICA NA VIDA DE PESSOAS IDOSAS.....	72
O SONHO COMO CAMINHO PARA INDIVIDUAÇÃO DESDE A INFÂNCIA: uma revisão bibliográfica.....	86
PERSPECTIVA DE FUTURO EM ADOLESCENTES EM UMA CIDADE INTERIORANA: uma pesquisa- intervenção com foco na promoção da psicoeducação e da qualidade de vida	98
PERSONALIDADE AUTORITÁRIA: Notas sobre o capítulo XVI	112
SOB O MESMO TETO DO INIMIGO: impactos psicológicos em famílias convivendo com psicopatas	124
XINGAMENTOS E PAPÉIS DE GÊNERO: as expectativas que recaem sobre o gênero e seus impactos na identidade e nos comportamentos de homens e mulheres.....	138
ÍNDICE	157

A PSICOTERAPIA DE GRUPO E A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: HISTÓRIA, TÉCNICAS E A INFLUÊNCIA DA CULTURA

Rafaela Fagundes Nascimento
Graduanda em Psicologia– Uni-FACEF
Rafaelafagundes321@gmail.com

Raquel Ragel César
Doutora em Medicina e Saúde

1. PSICOTERAPIA DE GRUPO

O surgimento da psicoterapia não tem um marco inicial específico, já que grupos experimentais emergiram quase que simultaneamente em diversas partes do mundo, nas mãos de vários autores, cada um com sua própria técnica e público-alvo. Os autores Bechelli e Santos (2004) descreveram sobre o histórico da psicologia de grupo e, baseando na obra destes autores, aqui será pontuado os grandes marcos na história da psicoterapia de grupo.

Há o entendimento que Joseph Pratt foi o precursor da terapia de grupo, por desenvolver com pacientes portadores de tuberculose, grupos de trocas de experiência, onde Pratt instruía os participantes com melhores maneiras de cuidar de si. O grupo de Pratt foi criado em 1905 nos Estados Unidos e acolhia de 20 a 30 pacientes semanalmente. O trabalho com pacientes hospitalares também foi realizado por Marsh desde 1909 e por Lazell em 1920. Todos eles tinham como foco o reconhecimento de senso de coletividade dos participantes, trocas de experiências e acolhimento. Os três seguiam um modelo de classe de aula em seus grupos, entretanto, Marsh desenvolveu uma característica de grupos maiores, com cerca de 200 a 400 participantes (Bechelli e Santos, 2004).

Do outro lado do continente, outra grande força da psicoterapia de grupo nascia. Moreno, em 1921, marca a data de seu primeiro grupo de psicodrama em público, na Áustria (Guimarães, 2020). Nas sessões de psicodrama os participantes eram convidados a vivenciar experiências próximas de um teatro, onde eles eram os protagonistas perpassando por dramatizações espontâneas que se tornavam terapêuticas (Boris, 2014). Entretanto, as experiências de Moreno com grupos têm

início quase 10 anos antes, entre 1910 e 1914, quando ele formou grupos com crianças e também promoveu apresentações dramáticas com mulheres em situação de prostituição, visando promover autoajuda e bem-estar (Bechelli e Santos, 2004).

Ainda neste período, diversos outros criadores surgiram, trabalhando com grupos com outras técnicas, como Burrow com sua técnica de análise grupal, que bebia diretamente da psicanálise Freudiana, como Wender que combinava psicoterapia grupal e individual, método que foi seguido pelo psiquiatra austríaco Schilder. O engenheiro Slavson foi responsável pela criação da técnica de “método ativo” com crianças e, mais adiante em 1948, Slavson fundou a Associação Americana de Psicoterapia de Grupo”. Lewin também apresentou uma abordagem importante que se baseava em uma orientação Gestaltista onde eram trabalhados grupos heterogêneos, ou seja, não havia um recorte do público que poderia participar, sendo aceito todos os tipos de participantes (Boris, 2014).

Para entender a história da psicoterapia de grupo, é essencial entender a influência do contexto social da época. Mesmo que o desenvolvimento inicial da prática tenha se dado essencialmente nas duas primeiras décadas do século XX, a prática de grupo se difundiu em larga escala depois da Segunda Guerra Mundial (Ferreira, 1989). O período pós-guerra foi caracterizado por pessoas psicologicamente fragilizadas e o trauma do evento trouxe mais credibilidade para o papel do psicólogo, que antes ainda não tinha tanto reconhecimento. Entretanto, com a grande demanda para uma profissão pouco difundida, ocorreu uma escassez de profissionais para atender a população de forma individual e, por conta disso, as técnicas de grupo se propagaram como as mais viáveis diante da situação. (Bechelli e Santos, 2004).

O resto do século XX ocorreu o que é denominado por Bechelli e Santos (2004) como um período de expansão, consolidação e amadurecimento do trabalho psicoterapêutico de grupo, fato que era palpável com o aumento de artigos e pesquisas publicadas no tema. Neste período houve diversas iniciativas relevantes aos dias atuais, entre elas: a criação da Associação Americana de Psicoterapia de Grupo nas mãos de Slavson, em 1948; a criação da National Training Laboratories, onde foi desenvolvidos os chamados grupo-T com foco no enriquecimento do processo educacional; em 1961 Bion publicou “Experiências com Grupos” que foi um marco para a psicoterapia em grupo na vertente psicanalista; Rogers propõe os

chamados grupo de encontro e tanto o autor quanto suas obras são combustível para outras vertentes até os dias atuais (Boris, 2014). A psicoterapia de grupo é atualmente ramificada e bem estruturada na sociedade.

1.1 As Principais Técnicas de Psicoterapia de Grupo

Assim como na psicoterapia individual, existe uma diversidade de técnicas de psicoterapia em grupo, muitas vezes desenvolvidas como pensando no usuário daquele grupo. Uma diferença que deve ser delimitada nos grupos terapêuticos é entre grupos heterogêneos e homogêneos: Nos grupos homogêneos há uma predeterminação de características em comum que os participantes devem apresentar, como idade, ou até mesmo demandas psicológicas ex: depressão; ansiedade; etc. Já nos grupos heterogêneos, não existem delimitações dos participantes, permitindo uma troca de experiências e opiniões mais vastas que enriquecem o processo terapêutico (Furst, 1951).

Entre os grupos homogêneos existe uma gama de práticas que Fernandes (2003) traz em sua obra e que aqui serão resumidas e adaptadas no formato de quadro.

Classificação	Descrição
Idade	Crianças, adolescentes, adultos, idosos
Ambiente de Trabalho	Privado (consultórios, aulas particulares em grupo), Institucional (empresas, escolas, hospitais)
Configurações Vinculares	Orientação familiar, intervenção institucional, outros grupos
Tipos de Grupos	Grupos operativos, grupos terapêuticos, grupos de discussão, grupos temáticos, grupos de acolhimento, grupos Balint, grupos de sala de espera, grupos comunitários, grupos de reflexão, grupos de autoajuda
Abordagens	Psicoterapia psicodinâmica de grupo, psicoterapia analítica de grupo, grupanálise, psicanálise de grupo, psicodrama, outros

Grupos Específicos	Grupos de orientação (gestantes, diabéticos, hipertensos, alcoolistas/AA), grupos de diagnóstico, grupoterapia breve psicanalítica, psicoterapia do casal, psicanálise dos vínculos, grupoterapia com pacientes somáticos (dor crônica, HIV+, hipertensos)
Ambiente de Trabalho Específico	Grupos de pacientes internados (hospital geral, hospital psiquiátrico, comunidade terapêutica, centros de reabilitação, hospitais-dia)

Fonte: Fernandes, 2003, p. 185-189

Os grupos podem ser diferenciados também por grupos Operacionais e Terapêuticos. Esses dois termos estão relacionados a finalidade do grupo: Um grupo operativo está mais voltado a resolução de problemas mais práticos e realização de tarefas específicas, entretanto isso não significa que eles não tenham também função terapêutica. São realizados mais comumente em instituições como escolas, empresas e hospitais. Os grupos terapêuticos por outro lado, têm como objetivo final, fornecer suporte emocional, tanto para a melhora de questões pessoais como para crescimento do grupo como senso de coletivo e de unidade (Costa, Silva e Silveira, 2020).

Portanto, é visível a necessidade de versatilidade em técnicas, dependendo do contexto de seus participantes. Por isso, nascimento das técnicas é diretamente relacionado a demanda e a cultura local, e é por esta lógica que surge a Terapia Comunitária Integrativa, método terapêutico criado no Brasil e utilizado amplamente pelo mundo (Barreto, 2019).

2. TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) foi criada em 1987 por Adalberto Barreto, doutor em antropologia e psiquiatria e professor do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará. Esta técnica foi desenvolvida para abordar questões de saúde mental e promover redes de apoio comunitário, utilizando uma abordagem integrativa e sistêmica (Barreto, 2019). Este método se constrói baseando-se em 5 arcabouços teóricos:

Pedagogia de Paulo Freire

A pedagogia de Paulo Freire é um dos pilares fundamentais da TCI. Freire enfatiza a educação como um processo de libertação e conscientização, onde o diálogo é central. Na TCI, essa abordagem é utilizada para promover a troca de experiências e saberes entre os participantes, valorizando a voz de cada indivíduo e incentivando a construção coletiva do conhecimento.

Resiliência

A resiliência é a capacidade de superar adversidades e se adaptar positivamente às mudanças. Na TCI, o conceito de resiliência é aplicado para fortalecer os participantes, ajudando-os a desenvolver estratégias de enfrentamento e a encontrar recursos internos e externos para lidar com desafios. A prática da TCI busca aumentar a resiliência individual e comunitária, promovendo o empoderamento e a autonomia.

Antropologia Cultural

A antropologia cultural fornece uma compreensão profunda das práticas, crenças e valores das diferentes culturas. Na TCI, esse pilar é utilizado para respeitar e integrar a diversidade cultural dos participantes, criando um espaço inclusivo onde todos se sentem valorizados. A antropologia cultural ajuda a contextualizar os problemas e soluções dentro dos contextos socioculturais específicos dos participantes.

Teoria da Comunicação Humana

A teoria da comunicação humana, também conhecida como pragmática da comunicação humana, explora como as pessoas se comunicam e interagem. Na TCI, essa teoria é aplicada para melhorar a comunicação entre os participantes, facilitando a expressão de sentimentos e pensamentos. A comunicação eficaz é vista como essencial para a construção de vínculos e para a resolução de conflitos dentro do grupo.

Pensamento Sistêmico

O pensamento sistêmico é uma abordagem que considera as inter-relações e interdependências entre os componentes de um sistema. Na TCI, essa perspectiva é utilizada para entender os problemas de forma holística, considerando os múltiplos fatores que influenciam a vida dos participantes. O pensamento sistêmico ajuda a

identificar padrões e conexões, promovendo soluções integradas e sustentáveis (Barreto, 2019).

Para a execução das rodas, existe um roteiro a ser seguido, que será apresentado no próximo subcapítulo.

2.1 A Estrutura das Rodas

Segundo Adalberto Barreto (2019), as rodas de de TCI são pré-estruturadas em 5 etapas, e são guiadas por um terapeuta e um coterapeuta que o auxilia. As etapas ocorrem da seguinte forma:

2.1.1 Acolhimento

O coterapeuta é responsável por esta etapa e os participantes são recebidos em um ambiente acolhedor e seguro. De início, é conduzida uma atividade de aquecimento que comumente consiste em dinâmicas de grupo. Logo depois, o coterapeuta explica as regras da roda:

- 1 Fazer silêncio: quando um fala os outros devem escutar.
- 2 Falar apenas das experiências pessoais
- 3 Não dar conselhos
- 4 Regra da cultura: qualquer participante pode sugerir um elemento cultural como uma música ou piada, que se relacione com o que está sendo falado.
- 5 Respeitar a história de cada pessoa

Posterior às regras, ocorre a etapa das celebrações, onde os participantes trazem eventos da vida que ocorreram recentemente e que são gratos por eles.

2.1.2 Escolha do Tema

-Os participantes são convidados a trazer “uma pedra no sapato”, uma situação incômoda, uma insegurança etc. É dada a palavra a 2 ou 3 participantes.

Entre os temas apresentados, o grupo escolhe o tema com maior identificação do coletivo para ser discutido. O tema pode ser relacionado a problemas pessoais, comunitários ou sociais.

-A escolha do tema é feita de forma democrática, com a participação de todos.

2.1.3 Contextualização

-Todos os participantes são convidados a questionar a pessoa que trouxe o tema, a fim de saber mais sobre a situação apresentada. A contextualização ajuda a criar um entendimento comum sobre o tema.

2.1.4 Problematização

Os participantes discutem o tema, compartilhando suas experiências e perspectivas, enquanto a pessoa que trouxe o tema fica em silêncio. Aqui o terapeuta utiliza o “mote” que consiste em uma pergunta chave para instigar os participantes para adentrarem na discussão com suas perspectivas. A problematização permite que os participantes explorem diferentes aspectos do tema e identifiquem possíveis caminhos para a resolução.

2.1.5 Encerramento

O facilitador resume os principais pontos discutidos e as soluções propostas. Os participantes são incentivados a refletir sobre o que aprenderam e como podem aplicar essas aprendizagens em suas vidas. O terapeuta precisa trazer uma conotação positiva para o final das rodas, e, no último momento, deve ser formada por todos uma roda com os ombros apoiados uns nos outros, ali o terapeuta sugere uma música e ressalta o que teve de positivo naquele encontro.

Desta forma, a TCI sempre tem um grande alicerce na cultura dos participantes, portanto, uma roda de Terapia Comunitária Integrativa que ocorre no

interior de São Paulo, terá um funcionamento diferente de uma roda em Salvador, levando em consideração as referências culturais de cada região.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As terapias de grupo surgiram oficialmente há pouco mais de um século, entretanto, desde toda a existência humana, as relações grupais sempre foram predominantes. Quando houve o aumento significativo das terapias em grupo no início do século XIX, as teorias que nasceram de forma simultânea, mas em localidades diferentes evidenciavam uma coisa: a cultura é fator determinante sobre o funcionamento do grupo.

Quando Pratt criou seu grupo com pacientes com tuberculose, o seu objetivo era voltado para pessoas que se encontravam hospitalizadas e seus métodos se adequavam a este fato, como por exemplo a tendência de buscar uma mentalidade positiva e o uso de tarefas de casa. Já Moreno desenvolveu sua teoria olhando outros ambientes, observando crianças no parque, ou trabalhando com mulheres em situação de prostituição, e por meio do entendimento de que as atividades de dramatização com aquele público tinham grande efeito terapêutico. Ambos foram muito relevantes para área, mesmo atuando de forma oposta, justamente por considerar o contexto do público-alvo de suas técnicas.

Na mesma lógica, a Terapia Comunitária Integrativa foi criada por Adalberto de Paula Barreto no sertão nordestino, visando uma atividade para saúde mental e bem-estar coletivo que respeitasse e abraçasse a cultura e história daquele povo. Para ele, o respeito e a integração social são essenciais na construção do coletivo, como é afirmado:

No dia que todo conhecimento científico, toda prática política e toda profissão de fé caminharem no sentido de ajudar as pessoas a acreditar nelas, em seus recursos culturais, o mundo será diferente, porque ajudaremos o ser humano a sair de toda forma de dependência e submissão, para atingir a liberdade e a autonomia que nos tornam cidadãos do mundo (Barreto, 2019).

Assim, deve-se reconhecer o indivíduo como alguém que integra algo maior do que si mesmo, ele faz parte de uma comunidade e uma cultura.

Por fim, as técnicas de terapia em grupo são muito importantes não só na promoção da saúde mental, mas no desenvolvimento social dos indivíduos. Os grupos terapêuticos têm o poder de envolver seus participantes no pertencimento e na identificação. A Terapia Comunitária Integrativa surge nas mãos de um psiquiatra que não procurou uma forma de curar pessoas, mas sim de criar um ambiente acolhedor e humanitário, onde cada um pudesse se sentir respeitado e valorizado. Por esta razão, sua aplicação é versátil e envolvente, podendo ser replicada em diversos contextos.

REFERÊNCIAS

- BECHELLI L.P.C, SANTOS M.A. **Psicoterapia de grupo**: como surgiu e evoluiu. Rev Latino-am Enfermagem 2004 março-abril; 12(2):242-9
., Goiânia , v. 20, n. 2, p. 206-212, dez. 2014 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200008&lng=pt&nrm=iso>. v. 15, n. 2, p. 59-75,
- BORIS, G. D. J. Elementos para uma história da psicoterapia de grupo. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 20, n. 2, p. 206-212, dez. 2014 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 abr. 2025.
- FERNANDES, W. J. **Os diferentes objetivos do trabalho grupal**. In: FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. S. (Orgs.). *Grupos e configurações vinculares*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 185-193.
- FURST, W. Homogeneous versus heterogeneous groups. International Journal of Group Psychotherapy, v. 1, p. 120–123, 1951. Disponível em:
<https://psycnet.apa.org/record/1952-04033-001>. Acesso em: 22 abr. 2025. Nova York.
- GUIMARÃES, S. Moreno, o mestre: Origem e desenvolvimento do psicodrama como método de mudança psicossocial. São Paulo, Ágora, 2020

JOGOS VIRTUAIS: uma análise existencialista

Elesbão Evaristo Costa e Freitas Júnior

Marcos Silvestre Gera

1. INTRODUÇÃO

A palavra “pertencimento” remete ao termo “pertencer” que de acordo com o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa significa: “3. Formar ou fazer parte; 4. Ser parte integral de”. O pertencer é algo comum na vida humana, tanto hoje em dia, quanto nos primórdios de sua existência, em vista que sempre foi necessário que os homens convivessem para suprir suas necessidades básicas de trabalho, alimentação, convivência e até lazer. Como já dizia Aristóteles em sua obra denominada “Política”: “O homem é um animal político”. Tendo a política um significado de uma ação conjunta onde todos prezam pelo bem-estar da comunidade e esta se dá principalmente pela fala e por isso, o homem é o único animal político.

Sociedade e homem mantém, portanto, relações indissociáveis: o homem precisa da sociedade e a sociedade precisa do homem. A concepção de que o homem é um animal político em Aristóteles possui duas acepções. Na primeira delas podemos interpretar que, para o pensador, ao dizer que o homem é um animal político significa que somos seres que precisamos de uma coletividade, da vida comunitária, de uma vida partilhada na polis. (FUKS, s.d., s.p.)

Com isso, compreende-se que o ser humano não foi feito para viver sozinho ou de forma isolada, afinal isso iria contra a sua natureza. Ao longo da história, outros pensadores fizeram seus trabalhos em cima desse olhar coletivo sobre o ser humano, tal como Vygotsky e a sua teoria de que a identidade primeiro se formava no campo do coletivo e só depois era internalizada. Ou ainda Sartre, em sua obra “O ser e o nada” onde ele trabalha com a ideia da existência precedendo a essência e como tudo que o ser humano faz é justamente para justificar essa existência. Assim como uma pessoa que constrói uma casa gigantesca para afirmar sua existência e identidade, mesmo que o dono nunca receba uma visita, a casa se torna então uma afirmação para o dono.

Esta é uma visão que tem sido cada vez mais comum no atual mundo onde vivemos, principalmente após as grandes Revoluções Industriais e o advento do capitalismo que ditam a forma “correta” de viver pautada sempre no individualismo e no consumismo exagerado, reforçando uma ideia onde o sujeito deve-se preocupar apenas com ele mesmo e de explorar o outro se um dia ele quer crescer e atingir os seus objetivos. Objetivos esses que são pautados em valores pessoais e que na grande maioria não visam o bem-estar coletivo.

Este estilo de vida, por sua vez, trás o adoecimento psíquico individual e também adoece a sociedade como um todo. Basta que pensemos na sociedade como um organismo vivo e nos membros dela como membros essenciais. Caso seja arrancado um deles, o seu funcionamento será afetado. Assim como para o próprio indivíduo, em termos mais individuais (embora não seja possível separar as coisas), também terá severas consequências em seu desenvolvimento padrão resultantes do isolamento social, tal como o aumento da possibilidade do desenvolvimento de transtornos como ansiedade e depressão, como já foi visto durante a pandemia de covid-19 no ano de 2020. Esta problemática também já fora apontada por Zygmunt Bauman no que ele chama de “modernidade líquida”:

“Não se pode escapar do consumo: faz parte do seu metabolismo! O problema não é consumir; é o desejo insaciável de continuar consumindo... Desde o paleolítico os humanos perseguem a felicidade... Mas os desejos são infinitos. As relações humanas são sequestradas por essa mania de apropriar-se do máximo possível de coisas. (BAUMAN, 2014, s.p)

Com a ascensão da internet, o “pertencer a um lugar” se tornou algo muito mais abstrato, em vista que esse “lugar” não era mais algo físico ou uma posição dentro de uma empresa ou instituição. O pertencimento de um grupo ou de um espaço virtual se tornou também um sentimento importante, principalmente aos mais jovens que se importam tanto com a sua identidade nas redes sociais, tal como facebook e instagram e com isso volta na ideia de Sartre e a necessidade de se reafirmar não só para os outros, mas para si sobre o que e quem você é.

E percebe-se que nos jogos eletrônicos isso não é diferente. É uma forma interessante de enxergar esse mundo como reflexo das populações mais jovens que estão cada vez em maior contato nesses mundos, principalmente aqueles que dão uma maior liberdade para o jogador explorar o universo criado pelos desenvolvedores, os popularmente conhecidos de “jogos de mundo aberto”. Estes

por sua vez criam centenas de “quilômetros digitais” com uma diversidade de acontecimentos acontecendo em tempo real enquanto o jogador “vive” a sua vida no personagem designado. Por exemplo, no jogo “Red Dead Redemption 2”, um jogo que se passa no velho oeste, enquanto o seu personagem anda livremente pela cidade, existem pedestres nessa cidade que trabalham, conversam e seguem uma rotina, mesmo que você não vá vê-los fazendo nada disso, trazendo o questionamento: “Será que a minha existência nesse mundo é tão necessária?”

Ou podemos ainda citar um dos jogos com maiores vendas de todos os tempos, Minecraft. Este é um jogo com possibilidade de jogar no modo multijogador, via internet, tornando uma experiência muito mais divertida e coletiva. Porém, nos seus primórdios, ele foi criado para ser um jogo de apenas um jogador enquanto ele explora um universo cheio de recursos e perigosos que vão desafiar sua exploração. Ao longo da jogatina, o jogador poderá coletar os recursos que deseja para construir o que bem entender, porém, ao contrário do Red Dead Redemption, nesse jogo suas construções e feitos gigantescos, serão apenas para inflar o seu próprio ego. Então aqui a sua presença é mesmo necessária.

A relevância do presente artigo se dá pelo fato de ser um tema pouco explorado e que influencia diretamente na saúde mental de jovens e adultos que consomem esse tipo de conteúdo (jogos eletrônicos).

O objetivo visa compreender o termo pertencimento dentro do âmbito social e virtual e como esse pertencimento (ou não pertencimento) é representado nos jogos.

A metodologia foi uma revisão bibliográfica crítica com uso de artigos científicos, livros na área do conhecimento e vídeos do *Youtube* de criadores de conteúdo dessa mesma temática que experienciaram tais jogos.

2. A EXISTÊNCIA PARA O EXISTENCIALISMO

O Existencialismo é uma corrente filosófica que surgiu em meados do século XIX pelo dinamarquês Soren Kierkegaard. Explicado por Paul Foulquié, no livro chamado “O existencialismo”, ele abre o assunto referenciando o próprio diário de

Kierkegaard (pág 71): “Enquanto o pensamento abstrato tem por objetivo compreender abstratamente o concreto, o pensador subjetivo (ou existencialista) tem por tarefa compreender concretamente o abstrato.” Portanto, compreende-se o Existencialismo como modelo de pensamento que se preocupa em compreender o homem enquanto ser concreto e singular, antes mesmo de ser influenciado por qualquer categorização universal ou geral.

Kierkegaard buscava compreender questões abstratas e presentes na vida dos seres humanos, tal como a liberdade ou a angústia, através de um viés individual de cada um dos sujeitos, sem cair em conceitos e generalizações. O fato é que essa ideia traz uma noção de essência e de fato, há pontos de convergência com o essencialismo, uma vez que ambos procuram responder perguntas relacionadas à busca de compreensão e significado da vida humana. Porém, o essencialismo o faz isso com uma lente mais geral, enquanto o existencialismo numa perspectiva individual, mas não significa que ele nega a essência.

Com efeito, em vão intentaríamos o conhecimento dos seres singulares na sua singularidade: deter-nos-famos sempre naquilo que eles são, na sua essência, individual, sem dúvida, mas que não deixa de ser uma essência; não atingiremos o fato de eles serem, a sua existência. (Paul Foulquié, 1971, pág 38)

Ainda nesse tema, Kierkegaard difere o “existente” da “existência”, sendo essa última como sendo um processo dinâmico advindo do próprio existente. O existente é todo ser humano que experimenta a vida de maneira concreta e singular, sendo a existência é o processo dinâmico de viver como o existente e assim atingir a “existência autêntica” que é quando o sujeito compreende e aceita as responsabilidades pela construção do seu próprio ser e por suas escolhas, ao invés de se conformar com ideias impostas pelos grupos sociais.

É muito comum dentro do cotidiano que tudo que existe seja dado um significado para ele, um significado portanto que já lhe foi atribuído por outras pessoas, tal como Sartre pontua em seu conto “A Náusea”, onde o personagem principal passa a ver um simples carvalho não como o carvalho já significado, mas como um objeto que é um conjunto de várias outras significações, como se naquele momento o personagem estivesse olhando para a “existência pura” daquele objeto e não algo que ele atribuiu ao carvalho.

Nós atribuímos a existência às coisas, mas na realidade, sem nós, elas não existem. O ser bruto alcança o nível de verdadeira existência através do nosso conhecimento, e a nossa consciência do mundo está pressuposta pela consciência do mundo [...] (Paul Foulquié, 1971, pág 40)

A consciência de existir é muito rara. A massa dos homens concentra-se nos objetos deste mundo que condicionam a sua felicidade. Quanto aos filósofos, o saber e o pensamento abstrato os desviam da existência: Não há saber, exceto o dos possíveis e nós procuramos reduzir a alguns destes possíveis tudo o que se nos apresenta. [...] (Paul Foulquié, 1971, pág 41)

Pode-se explicar esse posicionamento da consciência humana contra essa tendência do Existencialismo de Sartre relacionado ao fato de que as coisas existem mesmo que nós não damos significado a elas. É como o exemplo da árvore que cai na floresta. Se existe um carvalho numa floresta isolada de qualquer civilização, a pergunta que fica é: O carvalho caiu ou não caiu? E na visão de Sartre, sim, ele caiu, afinal as coisas existem por si só em sua subjetividade, mesmo que não exista alguém para dar-lhes significado. Os seres humanos são egocêntricos e precisam de respostas que reforcem sua noção de existência.

Mas enfim, o que então é o existir? Como dito por Foulquié, o existir é privilégio do homem, mas nem todo homem existe. De acordo com o dicionário Existencialista, existir é o ato da passagem entre a possibilidade e a realidade de fato. Porém, esse ato demanda da liberdade e da escolha, portanto não podemos dizer que ele se aplica por exemplo à uma barra de ferro que quando colocada no fogo se torna um lingote de ferro, isso porque ele não teve essa opção de escolha para se tornar sua segunda aparência. Dito isso, o único com capacidade de existir e de ter essa dinâmica da possibilidade para a realidade (Devir) é o homem.

Porém, o Devir demanda da liberdade e escolha, ainda sabemos que alguns homens não fazem suas próprias escolhas, seja por terem sua liberdade castrada, seja por sentirem a necessidade de se adequarem ao sistema, fator esse que lhes impede de trabalhar na sua própria identidade e logo na sua existência verdadeira. Para que o sujeito exista, é necessário que ele faça escolhas que reforcem isso.

Com efeito, a existência não é um estado, mas um ato, a própria passagem da possibilidade à realidade; [...]. Todavia, para existir, não basta passar de um a outro estado [...] As modificações da matéria preexistem em suas causas e não há, nos fenômenos físicos, este surgimento da novidade que constitui o Devir. O verdadeiro Devir e a verdadeira existência é privilégio do homem. (Paul Foulquié, 1971, pág 43)

Para existir, devemos – discernir no novo ser, resultante de nossas escolhas anteriores, os possíveis que ele contém – optar incessantemente

por aquele em que ele contém – optar incessantemente por aquele em que nos queremos converter. [...] A existência é constante transcendência, isto é, ultrapassamento daquilo que somos; só existimos pela livre realização de uma mais-ser. (Paul Foulquié, 1971, pág 44)

A essência portanto, é apontado por Foulquié como um personagem o qual se decide ser, a fim de integrá-lo com o objetivo de nos adaptarmos às situações impostas. Um conceito parecido é imposto por Carl Jung quando ele fala de “Persona”, estrutura da psique não só consciente, como influenciada tanto pelo inconsciente individual, como para o inconsciente coletivo e que nos ajuda na adaptação social, porém que pode ser construída com um enfoque mais pessoal e até mesmo de grau patológico, de forma que não ocorre a distinção entre o Ego (o eu) e a persona.

Porém, para se escolher essa essência, é necessário primeiro existir. Essa é a teoria central do pensamento existencialista: A existência precede a essência. E por quê essa afirmação? *“Porque só ele, no mundo de nossa experiência, é livre. Todos os demais “livres” são predeterminados”*, diz Paul Foulquié (1971, pg. 45). Por exemplo, uma semente tem a capacidade de germinar, crescer e dar frutos, mas são todas transformações em que ela não tem a escolha de fazer ou não. O homem por sua vez é compreendido a partir das escolhas que faz, por conta da sua liberdade, dando significado a sua existência e escolhendo então a sua essência.

É claro que as coisas não são tão “preto no branco” assim, afinal ainda que os existencialistas busquem uma visão individualista de cada um, é inegável que o sujeito está dentro de uma sociedade e ele tem fatores sociais, culturais e mesmo econômicos que ele leva em consideração na hora de fazer suas escolhas e por isso diz-se que essa “liberdade” não é tão libertária assim.

É pontuado por Foulquié, na página 46: *“Para os existencialistas, como para Husserl, é essencial à consciência de estar no mundo: existir não é apenas ser mas estar aí; estar em situação [...]ou seja, estar em relações determinadas com o mundo e com os outros seres conscientes.”*

3. A EXISTÊNCIA JUSTIFICADA

Como foi comentado no capítulo anterior, Sartre traz a ideia da existência precedida da essência, de forma que só com a criação e desenvolvimento da

existência, o ser humano terá as bases para a criação da sua essência. É possível observar que a visão de Sartre sobre a existência tem uma ponte estreita com o conceito de liberdade e de sentido, como se tudo o que um ser humano em “existência ideal” almejassem fosse com o intuito de se validar.

Assim como foi citado o exemplo do carvalho que cai na floresta longe de qualquer olho ou ouvido para validar a sua queda, é possível perceber que para que o ser humano se note como existente ele dá significados a todas as coisas, sendo possível perceber que o conceito de existência que Sartre já defendia tem caído por terra na sociedade atual que tem sempre seus holofotes para aquilo que mais chama atenção e os membros dessa sociedade, por sua vez, cada vez mais procuram por essa atenção, um exemplo claro disso é a exposição desenfreada da vida particular nas redes sociais e o “boom” de profissionais que se denominam “*influencers digitais*”, onde o seu maior objetivo é conseguir um número cada vez maior de seguidores e quando não o conseguem, sentem um intenso sofrimento por falta de validação. É claro que isso também tem influência do sistema capitalista que prega o consumo desenfreado, uma vez que consumo é ter dinheiro e ter dinheiro é ter poder.

Albert Camus em sua obra “O mito de Sísifo” (1942) trabalha com essa ideia da busca pela validação da vida humana, utilizando como ferramenta para isso o termo “absurdo”. O Absurdo, portanto, para Camus, é a ideia de que o universo como um todo não possui significações para a vida humana (assim como defendia Sartre) e em contrapartida, os seres humanos buscam dar esses significados para que suas vidas tenham sentido.

Os seres amados sabem bem disto. Mas se a resposta for sincera, se expressar aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta, ela é então um primeiro sinal do absurdo. (Camus, 1942, pág 20)

Camus ainda exemplifica como cenários cotidianos que ocorrem sempre num mesmo ritmo e intensidade, tal como um trabalhador que pega sua condução, vai ao trabalho, faz uma pausa para almoçar, volta ao trabalho, chega em casa para jantar com a família e o ciclo se repete. Camus pontua que o “absurdo” tem o seu início

quando esses episódios cotidianos ganham um “porque” e todas aquelas ações que o homem já fazia, agora elas ganham uma importância que visa justificar seus atos.

Ainda vale ressaltar como esse “absurdo” tem um significado líquido. Isso porque num primeiro momento o ser humano busca o significado para tudo aquilo que lhe rodeia, mas que mais cedo ou mais tarde, o mundo voltará a se tornar o que ele realmente é, uma realidade que existe independente das significações que damos a ela.

Essa liquidez dos significados pode ser reforçada pela ideia do filósofo Bauman quando ele diz sobre “modernidade líquida”(1999) que nada mais é do que a ideia dos seres humanos estarem inseridos em um meio em que nada dura por muito tempo, principalmente depois das Revoluções Industriais e do advento do capitalismo e da grande importância que se dá ao consumo, onde num momento se está preocupado em adquirir algo, enquanto o mercado logo lança uma versão mais nova. O capitalismo nos faz pensar que uma vida só vale a pena ser vivida caso tenhamos as mercadorias que o mercado diz que precisamos e por tudo isso ser muito “fluido”, precisamos estar fazendo isso durante todo o tempo.

É nesse momento que Camus chama atenção ao suicídio por falta de sentidos na vida e também por isso que o nome do livro é “O mito de Sísifo”, fazendo referência a figura mitológica que tem como objetivo rolar uma pedra morro acima e sempre que ele está quase alcançando o topo, ela rola para baixo novamente. Esse é o ser humano buscando sempre novas significações e tendo que ver as mesmas cair por terra na sua frente.

O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós. Assim como há dias em que, sob um rosto familiar, de repente vemos como uma estranha aquela mulher que amamos durante meses ou anos, talvez cheguemos mesmo a desejar aquilo que subitamente nos deixa tão sós. Mas ainda não é o momento. Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo. (Camus, 1942, pág 21-22)

Porém, Camus chama atenção para um suicídio diferente, o que ele chama de “suicídio filosófico” que é quando o ser humano tem uma percepção de que a sua vida e as suas ações no plano material não possui um sentido que dignifique a sua existência. Claro, é possível que uma pessoa viva de acordo com os seus planos

peçoais que a impulsiona para os seus afazeres, o suicídio filosófico por sua vez, se concentra naquelas pessoas que se apegam a crenças não peçoais, mas transcendentais ou metafísicas de forma apelativa, apenas para conseguir esse significado que lhe falta.

Tomo aqui a liberdade de chamar de suicídio filosófico a atitude existencial. Mas isto não implica um julgamento. É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação (Camus, 1942, pág 39)

Dessa forma, compreende-se que a visão de Camus se assemelha muito com a de Sartre, principalmente na sua crítica com o que ele chama de suicídio filosófico. Camus também defende a ideia de que o ser humano não precisa necessariamente estar a todo momento buscando um sentido de vida, ele deve buscar suas crenças peçoais que norteiam a sua vida, sem se preocupar em explicações que ele pouco entende simplesmente para se validar.

4. O “ABSURDO” NOS JOGOS ELETRÔNICOS

E finalmente chegamos ao tópico central do presente artigo. Aqui é a parte onde juntamos todos os conceitos já discutidos e aplicamos aos jogos eletrônicos que não se pode negar que vem fazendo cada vez mais parte da vida cotidiana dos jovens (e até dos adultos). Mas para que possamos estudar os jogos com esse viés filosófico é necessário fazer uma “peneira” dos jogos (ou gêneros) que entrarão na lista a serem observados.

Começamos devagar, com um jogo já explicado na introdução do trabalho, Red Dead Redemption 2. Este é um jogo que se passa nos anos finais do Velho Oeste, mais precisamente em 1890. O jogador assume o ponto de vista de Arthur Morgan, um cowboy membro da gangue “Van Der Linde” que por muitos anos fora vista como uma das mais perigosas, conseguindo fazer roubos grandes sem serem pegos, mas que durante os meses que se passa o jogo, esse mar de sorte acabou e eles caminham para o seu desfecho por conta da expansão do Leste sobre o Oeste.

O que importa nesse jogo é pensarmos que um jogo lançado no ano de 2018 pela Rockstar Games abriga mais detalhes que muitos outros jogos lançados em anos seguintes e quando é dito detalhes, são literalmente pequenos detalhes e que acontecem com o jogador estando ali para observar ou não, tal como NPCs

(personagens controlados pela programação) que possuem um cotidiano do momento que acordam até quando vão dormir. Ou ainda animais selvagens que se predam, tendo uma cadeia alimentar viva, estando você ali para assistir ou não. Isso é no mínimo impressionante, principalmente se pensarmos que anos atrás, os micro eventos dos jogos aconteciam por “gatilhos”, então você deveria fazer algo específico, para que outra ação acontecesse.

O que o trabalho tenta chamar atenção ao jogo é que por mais impressionante que ele seja, ele trás uma ideia quase prática do que justamente Camus e Sartre defendiam em suas obras e ideias. Ou seja, até que ponto as nossas ações são de fato importantes naquele mundo? E o que diferencia o jogador principal dos “NPCs” que vivem a sua vida um dia de cada vez? Já que Red Dead Redemption 2 tem um sistema de missões que fazemos para progredir na história e completá-lo, podemos dizer que essas missões são os objetivos pessoais de cada ser humano e que lhe dá significado, lhe diferencia do outro, dando ao jogador o papel de “jogador principal”, aquele que faz a trama acontecer. Mas também nos faz questionar: O que é o jogador principal se não um NPC que vive a partir do seu cotidiano (as missões) assim como os personagens controlados pela programação?

Um outro jogo que podemos utilizar dessa ideia é o Minecraft. Um jogo lançado no ano de 2010, por Notch Persson. Desde o início, mesmo ainda muito “arcaico”, o objetivo sempre foi o mesmo: Permitir que o jogador explorasse um mundo gerado aleatoriamente, podendo portanto construir o que bem entendesse e coletar recursos que facilitaria em sua jornada.

Em seu canal no Youtube, o criador de conteúdo conhecido apenas por “JJ”, publicou um vídeo com o título “O vazio do minecraft”, no ano de 2023. Nele, o criador do vídeo abre o mesmo com a fala:

“Ao longo dos anos, os desenvolvedores vêm tentando retirar as raízes do jogo. Aquelas primeiras versões com aquela neblina “creepy” (assustadora), adicionando novas e novas distrações e atualizações para se adequarem ao novo público para que o jogo não pareça mais tão solitário quanto as primeiras versões eram.” (JJ, 2023, Youtube)

De fato, ao comparar as primeiras versões do jogo com as atuais, as diferenças são até assustadoras. Os computadores da época não eram tão potentes, o que fazia com que a visão do jogador fosse bloqueada por uma neblina densa que impedia que o mesmo olhasse para muito longe e não forçasse a

máquina. Não haviam construções que se parecessem com criações humanas, apenas cavernas espalhadas e geradas aleatoriamente pelo mapa. E ainda não havia nenhuma criatura que se quer se parecesse com um ser humano, assim como o jogador, tendo o mesmo como companhia apenas os animais selvagens, como porcos, galinhas e vacas.

Atualmente, o Minecraft possui uma vasta gama de criaturas que se parecem com humanos, que vivem em vilarejos ou em outras construções que se percebe que foram eles que construíram, mesmo que o jogador saiba que tudo aquilo foi construído a partir da geração aleatória do mundo por meio de programação. O jogador pode continuar explorando por muitos e muitos quilômetros virtuais, ele encontrará vilas, templos, embarcações em naufrágio, o que trás essa ideia de um mundo orgânico, um mundo que por mais que pareça solitário, ele tem uma história, mas que pelo visto, ficou no passado e a única coisa que resta para o jogador, são aquelas construções abandonadas, exceto pelas vilas.

Não importa o quanto você lute. Você pode fazer uma fazenda com todos os animais disponíveis no jogo, viver em vilas com aldeões que podem te ajudar. Você pode criar um golem para te proteger, um cachorro para te proteger e até mesmo um gatinho que dorme ao lado da sua cama. Não importa o que você faça, o sentimento de solidão do jogo não passa. (JJ, 2023, youtube)

É o mesmo exemplo do Red Dead Redemption 2. No Minecraft, não importa as nossas ações, o mundo continuará “vazio”. Não literalmente, mas humanamente. Arrisco dizer que os jogadores de Minecraft são um dos mais criativos de toda a comunidade gamer, pois conseguem fazer estruturas que um leigo no assunto pode muito bem se confundir com uma foto tirada via satélite.

Casas gigantescas são construídas, cidades e vilas inteiras podem ser levantadas, o jogador pode esquematizar todo o seu pensamento em como aquela cidade funcionaria caso ela fosse real, mas o vazio não irá embora. Minecraft, mais do que Red Dead Redemption 2, é um exemplo perfeito do Absurdo de Camus e da busca de significado já defendida por Sartre. Um universo virtual onde a sua ação não vale de muita coisa para o mundo em si, mas vale de muita coisa para o seu próprio ego.

Perceba que os ‘villagers’ seguem a sua vida normalmente, mas nós impactamos o mundo, pois o mundo gira em torno de nós. Ou seja, todas as grandes construções que fazemos, são para impressionar e agradar a nós mesmos. Construímos cidades e casas mobiliadas, sem que ninguém

chegue a morar ali. É como se estivéssemos pintando um quadro que não poderemos mostrar a ninguém. Ou seja, você é quem pensa, o que produz e ao mesmo tempo, a plateia. (JJ, Youtube, 2023)

Um jogador normal de Minecraft pode construir o básico apenas para que suas atividades dentro do jogo sejam completadas e ele possa finalizar o jogo, tal como um cercado de animais simples que lhe ofereça comida, assim como um plantação de poucos blocos. Em contrapartida, um outro jogador pode elaborar toda uma construção realista, com cercados separados por animais, uma plantação com dezenas de blocos, e um celeiro e uma sede de uma fazenda, por motivo nenhum, mas apenas para dar um ar de “fazenda do interior”. A grande questão aqui é que tudo isso construído não é pelo mundo, não é para deixar a jogatina mais fácil (muito pelo contrário, só dá mais trabalho), mas preencher esse vazio que o jogo desperta ao jogador.

Um outro grande exemplo disso, desse excesso de liberdade e desse vazio existencial, é o fato de que os desenvolvedores não se preocuparam em criar uma história para o jogo, o jogador é apenas solto em um mundo que ele não conhece e precisa explorar para sobreviver, pois o objetivo do Minecraft sempre foi oferecer ao jogador essa “tela em branco” para que ele mesmo pudesse construir a sua história. Isso dá abertura a todo um folclore rico dentro da comunidade que cria teorias e histórias sobre criaturas que vivem junto do jogador, sem ninguém nunca ter visto ou presenciado qualquer ação deles, assim como na vida real, onde o ser humano deve se apegar às suas crenças para que o fato de ele acordar cedo naquele dia tenha algum sentido maior. Mas como apontado por JJ, o foco do mundo é o jogador, ele é o único par de olhos do mundo, sendo também a única verdade, apenas para escapar daquela realidade solitária que o jogo lhe permite sentir.

5. AS CONSEQUÊNCIAS DO VAZIO NA SAÚDE MENTAL

Antes de entrarmos nas consequências do vazio na saúde mental, permita-me fazer uma breve introdução ao psicólogo Rollo May. Psicólogo existencialista que teve contato com outros psicólogos de peso, como Adler e Freud, sendo que com esse último cortou relações quando desenvolveu a sua “Psicologia individual” a qual enxergava o ser humano como criatura ativa ao que acontece com ele, e não um ser passivo diante do contexto e das estruturas internas da psique.

A ciência tradicional positivista, coloca a ansiedade (e outros transtornos) resultante de condições em que os fatores biológicos são sempre os mais vistos e mais levados em consideração. Porém, segundo a psicologia existencial, esse tipo de visão desconsidera a integralidade do ser humano. Por isso, é importante ressaltar que a Psicologia Existencial não é indicada para psicodiagnósticos e o tratamento de transtornos mentais avançados, mas para a consciência de si e a busca por um significado de vida.

Importa desde já referir que não se constituem como técnicas de cura da perturbação mental, mas sim como intervenções cuja finalidade principal é ajudar o crescimento pessoal e facilitar o encontro do indivíduo com a autenticidade da sua existência [...] (TEIXEIRA, 2006, pg 289).

A ansiedade para Rollo May (1980) é “uma apreensão deflagrada por uma ameaça de algum valor que o indivíduo considera essencial para a sua existência, como a personalidade”. Essa ameaça pode ser de ordem física ou subjetiva (como a castração da liberdade ou da autenticidade). Em outras palavras e de forma resumida, a ansiedade é algo que ameaça as bases onde o indivíduo fundou a sua personalidade e a sua identidade.

Quando essa ansiedade se instala em um nível patológico, a diferenciação do indivíduo (e da sua personalidade) com o fator ameaçador não se torna possível. É importante ressaltar que essa capacidade de diferenciação inata ao ser humano é o que torna capaz de ser autêntico e de dar os significados para a sua vida. Essa falta de diferenciação tira a autenticidade do indivíduo e o faz um “não-ser”. Algo um pouco parecido com o suicídio filosófico de Camus, onde o sujeito deixa de seguir a sua individualidade e cede às forças sociais, agindo com pensamentos pré-determinados na busca de ter um significado de vida. Assim como na filosofia de Sartre onde ele aponta que o “ser” é aquele que consegue fazer escolhas e significá-las a partir disso, enquanto o não-ser é o que obedece um ritmo, por exemplo, uma lingote de ferro que não pode ser nada além de uma ferramenta de ferro.

Ainda assim, não só no contexto da psicologia existencial, mas na ciência médica como um todo, reconhece-se a existência de uma ansiedade patológica, como já citamos na visão da Psico. Existencial acima, mas também a ansiedade natural que é uma ferramenta de extrema importância para a sobrevivência dos seres humanos. Essa mesma ansiedade natural foi defendida por May (1980) e descrita por Ana Cecília Amorim (vide as referências) como algo que impulsiona o

desenvolvimento do sujeito, possibilitando o aprendizado do seu contexto, suas potencialidades e limitações, a fim de agir com a máxima autenticidade possível. É como se fosse um gatilho que faz o sujeito sair da zona de conforto.

Ao contrário da ansiedade patológica, a ansiedade comum pode ser um fator de desenvolvimento do sujeito, uma mola para a criatividade, abrindo possibilidades de aprendizado, tendo em vista que a consciência da finitude, seja pela morte física ou mesmo pelos laços afetivos, pode proporcionar uma nova atitude relacional consigo mesmo e com o mundo (MAY, 1980) (AMORIM, 2021, pg 19)

De acordo com a pontuação de Ana Cecília Amorim (2021), que citou diretamente May (1980) sobre os critérios de uma ansiedade patológica, temos que:

1) é desproporcional ao perigo objetivo, 2) envolve repressão (dissociação) e outras formas de conflito intra psíquico, e, como corolário, 3) é controlada mediante várias formas de supressão de atividade e consciência, como as inibições, o desenvolvimento de sintomas e os diversos mecanismos de defesa neurótica. (...) Note-se que essas características estão mutuamente relacionadas; a reação é desproporcional ao perigo objetivo porque está envolvido algum conflito intrapsíquico. Assim, a reação nunca é desproporcional à ameaça subjetiva. (MAY, 1977, p. 207, grifo do autor) (AMORIM, 2021, pg 19)

Neste sentido, a autora que cita May resume a ansiedade patológica como sendo um ciclo em que há um conflito interno entre a subjetividade do sujeito, com a respectiva ameaça que visa a diminuição dessa autenticidade. O termo “ciclo” porque é uma ansiedade que se retroalimenta, pois reduz a capacidade do indivíduo de enxergar essa luta constante interna, o fazendo perder essa autonomia e consequentemente, o levando ao sentimento de impotência sobre si mesmo.

No pior dos casos, Rollo May (1980) aponta que uma ansiedade patológica a longo prazo pode levar até a casos de desintegração do eu que é literalmente o processo da perda de identidade do sujeito moderno e a falta de significação diante do seu contexto sócio-histórico. Algo que pode muito facilmente causar essa desintegração do ser humano é a questão da relação dialética com a sociedade que quando não superado de forma autêntica e autônoma, pode causar essa ansiedade no sujeito, com um sentimento de contradição do que o sujeito é e do que a sociedade espera dele.

Este conflito ao qual se refere May (1980), está relacionado em especial à perda de identidade do sujeito moderno, a falta de significação diante de seu contexto histórico e o enfraquecimento das relações interpessoais: “Acredito que o denominador comum pode ser encontrado na relação dialética do indivíduo e sua comunidade” ((p. 219, grifo do autor) [...]))(AMORIM, 2021, pg 19)

Retomamos portanto a teoria de Vygotsky sobre o desenvolvimento da identidade, já discutida resumidamente na introdução do artigo. A teoria sócio-histórica de Vygotsky, pautada nas ideias de Marx e Engels, defendia a ideia de que o ser humano só poderia firmar a sua própria identidade por meio da relação dialética com a sociedade e a cultura que a mesma está inserida, só depois dessa relação portanto, o homem poderia internalizar aqueles conteúdos e enfim construir a sua identidade.

Ao relacionarmos Vygotsky com a ansiedade existencial patológica descrita por May, podemos chegar a conclusão que a ansiedade patológica pode ser uma consequência desse processo identificatório com a comunidade, em algum momento em que essa relação se fez contraditória com o que o sujeito acreditava. E caímos portanto, novamente, no que Camus dialogava sobre o ser humano que desiste de viver por si e comete o suicídio filosófico, buscando ideias já prontas na sociedade para suprir o vazio existencial de abandonar a si mesmo, buscando uma versão de si que não é jugada pela sociedade.

Essa ideia de viver com ideias prontas é como viver usando máscaras, ou melhor, se apropriando um conceito de Jung, viver usando personas. Personas são estruturas da nossa psique que são as nossas adaptações aos diferentes momentos da nossa vida. Esse mecanismo de adaptação nos permite agir de diferentes maneiras sem perder a nossa individualidade. Exceto, em casos de “possessão da persona” que são casos onde a pessoa não se vê sem aquela máscara, ela se reconhece a utilizando, mas não consegue sair dela.

A grande questão é que a persona não diz respeito ao sujeito em si, mas é algo que ele se atrelou para conseguir viver num determinado contexto e agora não se vê fora disso. E como bem sabemos, o corpo humano tem uma “programação” inata de buscar gastar menos energia possível, fazendo o básico. O mesmo vale para nossa psique, para nossa mente, que tem essa capacidade neuroplástica (capacidade cerebral de adaptação) e que quando falamos sobre manter uma máscara (ou uma persona) que não nos representa de fato, é algo que foge do nosso comum e conseqüentemente gasta mais energia para mantê-la e por isso que viver nessa dinâmica é tão negativo para o ser humano, pois ele sempre estará exausto.

Relacionando toda essa teoria com o tema do presente artigo, os jogos eletrônicos, podemos citar Melanie Klein e Winnicott, que foram importantes psicanalistas que trouxeram a importância do brincar e do lúdico como forma de representação e simbolização de algumas coisas. Os jogos, nesse sentido, são nada mais e nada menos do que um campo de experimentação da realidade. Pelos estudos com crianças, Klein percebeu que suas brincadeiras eram ricas de elementos projetados da sua vida cotidiana e das relações que elas tinham com seus próximos.

Quando adultos, essa exploração do lúdico fica cada vez mais rara, porém na sociedade atual, com o avanço das tecnologias e da internet, sem falar na mudança daquele pensamento que dizia: “ah, videogames são para crianças”, hoje até os adultos podem experimentar esse mundo de fantasia. E assim como as crianças, eles levam seus conteúdos internos para aquele mundo.

Hoje em dia fala-se muito do uso desenfreado de telas das crianças, mas não se percebe que os jovens adultos também têm mergulhado profundamente nesse mundo virtual e acabam se viciando. Isso porque, se pararmos pra pensar, esses sujeitos em condição de ansiedade existencial, buscando algo para preencher esse vazio por conta dessa desintegração do eu, é muito mais fácil buscar preencher-se em um mundo de fantasia, em um mundo onde você tem o controle. Um mundo onde você tem o protagonismo, afinal, no mundo dos jogos, não existe a dialética da comunidade para contradizê-lo, pois o sujeito é o foco.

Além da desintegração do sujeito e a incorporação de ideais prontos para suprir esse vazio, a OMS ainda alerta o perigo das telas a longo prazo e que não se limitam só em transtornos de ansiedade, como também: Atraso das habilidades sociais e de linguagem, o isolamento pode causar uma queda de autoestima (o que pode gerar consequências no desempenho no trabalho ou na escola), pode atrapalhar a rotina de alimentação e de sono (causando assim mudanças comportamentais e emocionais).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se portanto que os dois jogos analisados, apesar de não serem os únicos a trazerem esse sentimento, são bons exemplos das ideias de Kierkegaard, Sartre e Camus, principalmente ao pensarmos que com o advento e crescimento de uma tecnologia cada vez mais avançada e que faz parte da vida cotidiana dos jovens e adultos, é de se esperar que cada vez mais essas redes de entretenimento começarão a flertar cada vez mais com os sentimentos mais íntimos da humanidade, mesmo como forma de marketing ou da representatividade que é tão importante. Isso sem tirar a importância do lúdico dos jogos, assim como defendia Melanie Klein, o lúdico é como um laboratório do mundo real, permitindo que aquele inserido nesse laboratório tenha experiências e sentimentos quase que reais, a fim de prepará-lo para a vida real. Portanto, a importância de trazer esse assunto linkando os dois jogos é de trazer uma reflexão das projeções feitas da nossa vida em espaços virtuais, trazendo em forma de questionamento como o ser humano, além de biopsicossocial, ele tem se tornado também virtual, incentivando mais pesquisas nessa área, onde o foco não necessariamente precisa ser algo ruim e danoso à saúde, mas talvez uma projeção positiva da vida no contexto virtual.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Ana Cecília. ANSIEDADE NA MODERNIDADE: Diálogos a partir da Psicologia Existencial de Rollo May. Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista. 2021. Monografia (Especialização em psicologia clínica: Gestalt) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 2021.
- CAMUS, Albert. O Mito de Sísifo. [S. l.]: Editora Record, 1942. 115 p.
- ESCUR, Núria. Zygmunt Bauman: "Resulta muy difícil encontrar una persona feliz entre los ricos". Sociedad, [S. l.], p. s.p., 17 maio 2014.
- FOULQUIÉ, Paul. O Existencialismo. [S. l.]: Difusão Européia do Livro, 1955. 142 p. v. 20.
- FUKS, Rebeca. Frase O homem é um animal político. [S. l.], s.d. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-homem-e-um-animal-politico/>. Acesso em: 15 maio 2024.
- JJ. O VAZIO DO MINECRAFT. Youtube. 12 de Abril de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D4fXkSm3NIA>. Acesso em: 13 de Agosto de 2024.

RINALDI, Roberta. 10 citações do filósofo Zygmunt Bauman para usar na redação. [S. l.], 10 out. 2017. Disponível em: <https://blog.imagine.com.br/filosofo/>. Acesso em: 15 maio 2024.

TEIXEIRA, José A. C. Introdução à psicoterapia existencial. *In*: INTRODUÇÃO à psicoterapia existencial. [S. l.: s. n.], 2006.

ENERGIA QUÂNTICA, FONTE ENERGÉTICA DAS TERAPIAS INTEGRATIVAS: saúde, equilíbrio e bem-estar

Kátia Simone Lessa de Freitas
Graduanda em Psicologia - Uni-FACEF
katitasimone@yahoo.com.br

Ana Laura Rocioli Messias
Graduanda em Psicologia – Uni-FACEF
anauramessias00@gmail.com

Carolina Ferreira Rodrigues
Graduanda em Psicologia – Uni-FACEF
carolina_30a@hotmail.com

Sofia Muniz Alves Gracioli
Professora Uni-FACEF - Doutora FFCLRP-USP
sofiagracioli@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A energia quântica como fonte de energia das terapias integrativas que visa equilibrar o campo energético do corpo humano para promover bem-estar, saúde física, mental e emocional. Baseando-se nos conhecimentos da física quântica, passando a mecânica quântica e chegando a biologia quântica, destacando a complexidade da matéria viva e seus fenômenos biológicos relacionados aos sistemas vivos. Essa abordagem requer uma visão integrativa e interdisciplinar, envolvendo os campos da biologia, química, física, medicina e da psicologia.

Baseando-se nesses estudos interdisciplinares, entendendo que a energia é parte importante, em todos os seres vivos, e como ocorrem os fenômenos quânticos nos organismos, e claramente poderá influenciar na compreensão dos mecanismos das doenças causadas por desequilíbrios energéticos, que poderão ser evitadas.

A relevância do conhecimento de tais conceitos, desde sua origem até sua aplicação, como fonte energética dos tratamentos terapêuticos integrativos. É de prevenção na saúde, contribuindo para a ampliação de novas técnicas terapêuticas atuando em conjunto com a medicina tradicional e em outras áreas como a de psicologia.

As terapias integrativas, refere-se a aplicação e reposição de energia utilizando diversas técnicas, vindo a contribuir para o bom funcionamento do corpo humano em sua totalidade, e melhora na qualidade de vida. Tornando-se uma área de relevância a ser estudada e explorada, em prol da saúde física, mental e emocional.

A pesquisa tem como objetivo relacionar o conceito da energia quântica, como fonte energética as práticas terapêuticas integrativas. Tendo como desafio a comprovação por meios de testes laboratoriais comumente utilizados.

A metodologia do presente artigo é uma revisão bibliográfica crítica com uso de artigos científicos e livros na área de conhecimento.

2. ENERGIA QUÂNTICA

Pode ser considerado que após a criação da bomba atômica, o mundo iniciou a sua trajetória rumo a física quântica Lopes, 2015, *apud* Santos e Queiroz, 2016. Albert Einstein desenvolveu teorias revolucionárias que serviram de marco para o início da Física moderna, ou física quântica. Einstein desenvolveu suas teorias na primeira metade do século vinte. A Física Quântica pode ser considerada como uma parte da ciência moderna desde a década de 1930, quando diversos estudiosos, como Max Planck dessa área começaram a ter uma nova visão acerca dos casos clássicos elaborados pelos físicos de séculos passados (Santos; Queiroz, 2016).

Einstein, no início de sua trajetória, tentou trabalhar a partir das teorias iniciadas por Newton na Física clássica, passando algum tempo do início de sua vida acadêmica procurando entender as leis da Física Clássica (Nadai, 2010, *apud* Santos; Queiroz, 2016).

2.1 Física Quântica

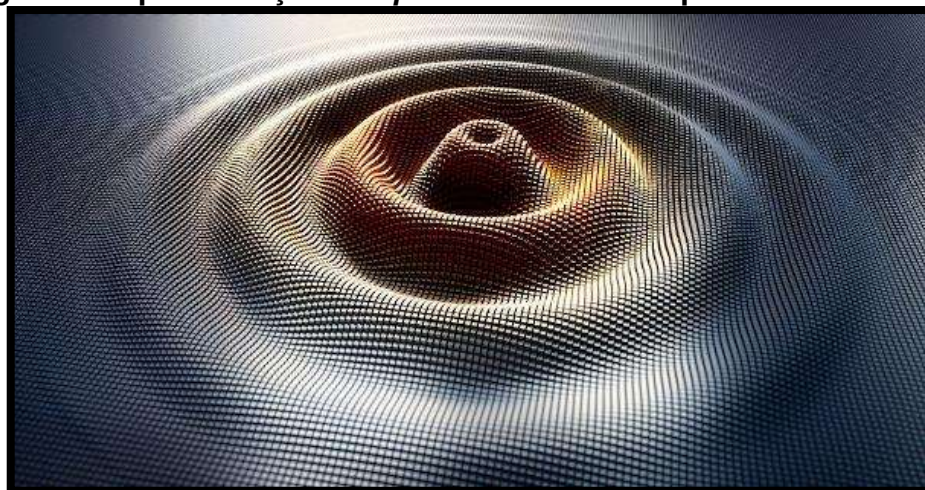
A Física Quântica é uma área da Física que nasceu do estudo do átomo e das partículas subatômicas, representando um esquema conceitual que possibilita a compreensão das propriedades microscópicas do universo. Na passagem do século XIX para o século XX, os cientistas começaram a conhecer melhor a estrutura atômica, e para sua surpresa descobriram também um novo

universo regido por outras leis, bem diferente das Leis Newtonianas, que eram conhecidas pela Física Clássica.

A mecânica quântica revela que nas escalas das distâncias atômicas e subatômicas o universo tem propriedades espantosas. Em consequência, há de se alterar significativamente tanto a linguagem quanto o raciocínio para tentar compreender este novo paradigma Xavier, 2012, *apud* Santos e Queiroz, 2016.

O físico alemão Max Planck é considerado o pai da Física Quântica. O seu conceito de quantização de energia mudou radicalmente a maneira de se entender o mundo. Planck propôs que a natureza seria feita de blocos, mas não de matéria e sim de blocos de energia. Pela primeira vez se falava em *quantum*, que posteriormente seria denominado de fóton (Marcondes, 2014, *apud* Santos; Queiroz 2016). O *quantum* significa unidade elementar e indivisível, a menor parte de alguma coisa, por exemplo, em relação ao corpo humano podemos dizer que o *quantum* é a célula. Na física quântica o *quantum* significa a menor quantidade de energia nos processos físicos, tudo teria o seu respectivo *quantum* (Lopes, 2015, *apud* Santos; Queiroz, 2016). Teoria quântica e terapia vibracional, uma nova visão a ser inserida nas práticas integrativas e complementares.

Figura 1: representação do *quantum* na teoria quântica vibracional



Fonte: Peter Schreiber (2019)

Foram elaboradas teorias para explicar as chamadas partículas abstratas, que na verdade definiram a partícula universal, o átomo, a menor porção

da matéria constituído por um espaço vazio e energia, contendo a maior força do universo, sendo assim, massa e energia é igual a partícula e onda.

A matéria é energia condensada com rigidez e dada pela energia eletromagnética (Lopes, 2015, *apud* Santos; Queiroz, 2016). Os físicos quânticos descobriram que os “blocos” de construção de átomos (elétrons, prótons, nêutrons) e outras subpartículas atômicas, não representam propriedades de objetos físicos. As unidades subatômicas não se comportam como partículas sólidas, parecem entidades abstratas que se comportam como se fossem ondas, outras vezes como partículas (Marcondes, 2014, *apud* Santos; Queiroz, 2016). No caso dessas partículas, como o elétron, por exemplo, também exibem comportamento ondulatório, ou seja, um elétron é na verdade uma dualidade onda-partícula, e não apenas uma partícula elementar, como era ensinado há tempos atrás nas escolas (Xavier, 2012, *apud* Santos; Queiroz, 2016).

Segundo a mecânica quântica, no nível subatômico, os objetos são entendidos como ondas de possibilidades cujos movimentos são indeterminados e a realidade é criada a partir de um mecanismo chamado de Efeito do Observador. Esse efeito, até o momento tido como inconsciente, determina que o mundo físico depende daquilo que você comunica a outras pessoas e do que você acredita que é real. Esse fenômeno é explicado pela teoria quântica como um evento de colapso, ou seja, quando ocorre uma escolha, precipita-se um evento real que consiste em um sujeito observando um objeto. Então, o colapso é entendido como a passagem de uma condição de possibilidades para um estado de ser, ou de realidade. (Chalmers, 2011, *apud* Santos; Queiroz, 2016).

No caso da física clássica a identidade de um átomo está no número de prótons contidos no seu núcleo, são eles que vão determinar a carga elétrica do núcleo, que por sua vez determina o número de elétrons em órbita deste núcleo. Já na física quântica a identidade física de um átomo está na frequência vibracional que o diferencia tudo no universo, é próprio e interativo. As ondas quânticas se movimentam mais rapidamente que a velocidade da luz, um verdadeiro *táquion* (coisa mais rápida do mundo) (Marcondes, 2014, *apud* Santos; Queiroz, 2016).

2.2 Biologia Quântica

Baseada no uso de ferramentas da teoria quântica para a investigação de fenômenos envolvendo organismos vivos, a biologia quântica vem se constituindo em um campo de pesquisa essencialmente interdisciplinar. A sustentação de seus estudos se dá, sobretudo, pela colaboração estabelecida entre profissionais da biologia, química e física, tendo a mecânica quântica e a química teórica como elementos centrais de sua produção científica (Oliveira, 2020, *online*). “A tentativa de entender e controlar aspectos estruturais de sistemas biológicos tem chamado a atenção de pesquisadores para o estudo de fenômenos quânticos, ou seja, de eventos que não podem ser explicados pela física clássica do mundo macroscópico”, explica Fernando Semião, 2006, *apud* Oliveira, 2020 (*online*), do Laboratório de Ciência e Tecnologia em Informação Quântica da Universidade Federal do ABC (UFABC), onde, além da biologia quântica, também são realizados estudos sobre informação quântica pura, termodinâmica quântica e pesquisa experimental em óptica quântica.

No Brasil, estudantes de pós-graduação que decidem realizar pesquisas nessa área, no entanto, não dispõem de caminhos institucionalizados, o que requer mais empenho para a obtenção, geralmente de forma autônoma, desses conhecimentos. “Mesmo sendo um campo de pesquisa promissor, aqui ainda há poucas instituições que desenvolvem esse tipo de estudo”, avalia Semião (2006) *apud* Oliveira (2020, *online*).

As primeiras menções à biologia quântica remetem a meados do século XX. No livro *O que é a vida? O aspecto físico da célula viva* (Unesp, 1997), publicado originalmente em 1944, do físico austríaco Erwin Schrödinger (1887-1961), são apresentados conceitos importantes para a constituição da biologia quântica como campo de estudos, fundamentado principalmente na complexidade da matéria viva Oliveira (2020).

Na obra, *O que é a vida? O aspecto físico da célula viva* é um livro científico de 1944, foi escrito para o leitor leigo pelo físico *Erwin Schrödinger*. O livro foi baseado em um curso de palestras públicas ministradas por *Schrödinger* em fevereiro de 1943, sob os cuidados do Instituto de Estudos Avançados de *Dublin*, onde foi Diretor de Física Teórica, no *Trinity College, Dublin*. S.I.L 2q22e (Oliveira, 2020).

“Os pesquisadores da época, no entanto, não estavam preparados para enfrentar esse desafio”, afirma Carlos Alberto dos Santos, do Instituto de Física da Universidade Federal de Alagoas (IF-Ufal), ao expor possibilidades de estudo da termodinâmica de sistemas biológicos, a obra aos poucos passou a mobilizar físicos e biólogos (Oliveira, 2020, *online*).

A *Base Web of Science* publicou, o primeiro trabalho utilizando o termo *quantum biology* remonta ao ano de 1956. Com uma produção tímida de pesquisa até o início deste século. Em 2007, com a publicação do artigo “*Evidence for wavelike energy transfer through quantum coherence in photosynthetic systems*”, na *Nature*. Houve uma reviravolta quando um grupo de pesquisadores liderados pelo químico britânico Graham Fleming, da Universidade da Califórnia em Berkeley, Estados Unidos, obteve evidências de que macromoléculas envolvidas na fotossíntese apresentam oscilações eletrônicas passíveis de descrição apenas pela física quântica (Oliveira, 2020, *online*).

A partir de 2007 o número de artigos científicos acelerou. “É certo que o campo de estudos começa a se firmar a partir desse período”, completa Carlos Alberto dos Santos, do Instituto de Física da Universidade Federal de Alagoas (IF-Ufal). Desde a divulgação dos estudos do grupo de Fleming, a fotossíntese se tornou o primeiro fenômeno biológico a ser considerado resultado legítimo da mecânica quântica. O fenômeno é descrito como um processo biológico em que certas bactérias, algas e plantas obtêm energia, a partir dos fótons, com absorção de energia, que é transportada por diversas proteínas e transformada em energia química (Oliveira, 2020, *online*).

“O transporte dessa energia acontece por meio de um efeito intitulado coerência quântica”, explica Guilherme Menegon Arantes, do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (IQ-USP), que emprega simulação computacional para investigar fenômenos quânticos envolvendo biomoléculas (Arantes, 2016, *apud* Oliveira, 2020, *online*).

A eficiência da conversão de energia solar em energia química no processo da fotossíntese é algo que sempre intrigou pesquisadores. Até então, os efeitos quânticos eram caracterizados como fenômenos ultrarrápidos que ocorrem apenas em ambientes controlados e com temperaturas muito baixas. Aponta que a

fotossíntese é um fenômeno biológico essencial à vida, que converte a energia luminosa em energia química com eficiência de cerca de 100%. A física clássica não consegue explicar esse processo, mas a alta eficiência na transferência de energia luminosa para os centros de reação pode ser explicada pelos princípios da incerteza quântica e da propriedade ondulatória da matéria (Oliveira, 2020, *online*).

A *magneto* recepção em organismos, como aves migratórias e peixes, também se baseia em princípios quânticos. Além disso, fenômenos quânticos como coerência, emaranhamento e tunelamento quântico foram implicados na consciência e em fenômenos cognitivos S I L. (Oliveira, 2020, *online*).

2.3 Energia, Medicina e as Práticas Integrativas

A medicina é uma das áreas que vem aproveitamento de modo amplo os avanços tecnológicos viabilizados pela base teórica dos conceitos quânticos. Sem a base teórica do salto quântico, por exemplo, o laser não seria viável, a ressonância magnética é outro exemplo de tecnologia utilizada nos diagnósticos médicos onde a base está na teoria quântica.

A energia quântica atua num nível extremamente sutil da composição da matéria. O spin de partículas subatômicas de nosso corpo entra em ressonância com o campo eletromagnético emitido pelo aparelho. Desta forma a informação enviada por estas partículas em forma de quanta (plural de *quantum*) de energia é convertido em uma imagem e traz uma visão detalhada do órgão examinado (Xavier, 2012, *apud* Santos; Queiroz, 2016). A doença é vista como um agente que busca reorganizar e equilibrar o organismo, sendo um sistema de adaptação deste organismo a estímulos anômalos ambientais, conflitos e modificação da energia vital. A relação médico-paciente; fenômenos anômalos da medicina, como cura espontânea, cura a distância pela oração, auto cura e cura espiritual, são alguns exemplos.

A física quântica esclarece e explica também muitas facetas até aqui misteriosas da medicina oriental (chinesa e indiana), da medicina dos chackras e da homeopatia (Xavier, 2012, *apud* Santos; Queiroz, 2016).

3. O PONTO DE PARTIDA DA PESQUISA BIOQUÂNTICA

As descobertas decorrentes dos avanços em biologia quântica poderão, no futuro, aumentar sua proximidade com os campos da física e química e o consequente estabelecimento de disciplinas que contemplem mais especificamente essa temática. “O estudo dos fenômenos quânticos que surgem como ponto de ligação entre essas áreas do conhecimento pode transformar os currículos de graduação”, observa Sandra Denise Prado, do IF-UFRGS (Oliveira, 2020, *online*).

As instituições europeias e dos Estados Unidos já oferecem disciplinas que favorecem o aprofundamento nesse campo. Na Universidade de Surrey, na Inglaterra, por exemplo, oferecem um programa de pós-graduação do *Leverhulme Quantum Biology Doctoral Training Centre (QB-DTC)* que permite a formação em temas como magnetorrecepção, biofotônica quântica, tunelamento quântico em DNA, evidenciando os efeitos quânticos da fotossíntese e decorrência dos ruídos em sistemas biológicos (Oliveira, 2020, *online*).

3.1 Interface e Colaboração

A biologia quântica tem ganhado importância no campo da biomedicina. “Entender melhor como ocorrem os fenômenos quânticos pode impactar e influenciando a compreensão dos mecanismos das doenças”, considera Francisco Laurindo, do Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da USP (InCor), que vê a possibilidade, no momento ainda teórica, de integração de conhecimentos entre biologia quântica e biologia redox, área de estudo já consolidada e dedicada ao estudo de processos biológicos que envolvem reações de troca de elétrons em biomoléculas em seres vivos (Laurindo, 2013, *apud* Oliveira, 2020, *online*).

3.2 Práticas Integrativas e Complementares: Fundamentos e a Integralidade como uma Política Pública de Saúde

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) caracterizam-se por serem práticas não alopáticas e não invasivas, que têm como objetivo a estimulação de mecanismos naturais no cuidado em saúde, apresentando-se como

um fenômeno em ascensão no Brasil, enquanto política pública, devido à ausência de efeitos colaterais, além do custo-benefício, e de sua visão holística e particular do processo saúde-doença (Jesus, 2020). Esse crescimento gera debates entre os profissionais da área da saúde sobre o desenvolvimento e a forma de aplicação das práticas, e ao que se refere aos seus aspectos.

A pesquisa aponta para, uma análise das relações existentes entre Psicologia e PICs, além de sua disponibilidade e peculiaridades como uma política pública oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Jesus, 2020). Onde observou-se que as PICs mostram resultados significativos, enquanto cuidados paliativos, na cura, tratamento de doenças e na contribuição do bem-estar biopsicossocial do ser humano (Jesus, 2020). Além disso, concluiu-se que apesar de terem visões e objetivos em comum, a Psicologia e as PICs possuem técnicas distintas, sendo assim, fica estabelecida uma fronteira onde cada uma deve ser executada em momentos e ambientes diferentes, mesmo que desenvolvidas por um só profissional (Jesus, 2020).

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) caracterizam-se por serem um grupo de práticas de atenção à saúde não alopáticas que contém em si técnicas e instrumentos de uso clínico como a acupuntura, fitoterapia, florais, cromoterapia, yoga, entre outras que não condizem com o modelo biomédico tradicional, no entanto têm eficácia reconhecida pela comunidade científica, pois atuam no tratamento de dor de cabeça, diabetes, hipertensão, câncer, doenças crônicas e até mesmo ansiedade e depressão (Mantovani, 2016, *apud* Jesus, 2020). São práticas que tem como objetivo a estimulação dos mecanismos naturais no cuidado com a saúde e prevenção de agravos através de meios seguros, fugindo, dessa forma, do modelo biomédico tradicional de medicalização (Mendes *et al.*, 2019, *apud* Jesus, 2020).

As PICs têm grande influência do pensamento oriental levando em conta aspectos religiosos, filosóficos, culturais e do grau de desenvolvimento dos povos. Estão associadas ao alívio de sintomas e redução de efeitos adversos de medicações, além do retardo da progressão de doenças. As PICs, fugindo do pensamento médico ocidental dominante, se caracterizam por técnicas e intervenções não invasivas e com índice praticamente nulo de efeitos colaterais, lidando com desequilíbrios físicos, emocionais, mentais e energéticos. Visam

contribuir para uma melhoria significativa na qualidade de vida e proporcionar conforto e bem-estar ao ser humano, além de lidar com sintomas de ordem psicológica, emocional e física.

Seus tratamentos envolvem o uso de relaxamento, meditação e têm como base o holismo, em que se acredita na unidade entre corpo e alma, na qual a alma caracteriza-se pela união de aspectos mentais e espirituais (Drago, 2018, *apud* Jesus, 2020).

Tais procedimentos podem ser utilizados em várias situações clínicas, sendo um complemento do tratamento biomédico com objetivo de cuidado integral, humanizado, com efeitos e resultados (Mendes *et al.*, 2019, *apud* Jesus, 2020).

Marques e Pereira Neto, discorrem que as PICs são compostas por um amplo sistema heterogêneo de formadores de prevenção e tratamento e diagnóstico em que algumas pertencem a tradições terapêuticas orientais e outras têm origem em diferentes culturas e se utilizam de conhecimentos seculares, além de ter como pressuposto a existência de energias sutis que atuam no próximo processo de cura integral.

Um dos pontos principais do desenvolvimento dessas práticas é a inversão do paradigma da doença, para o da saúde, gerando uma menor dependência de certos cuidados e dos remédios, bem como a autonomia em busca pelo autocuidado (Barros e Tesser, 2008, *apud* Jesus, 2020). Afirma ainda Mendes:

quando pacientes com doenças terminais são submetidos aos cuidados paliativos há um momento de fragilidade, estresses psicológicos e espirituais severos e muitas vezes dores e questionamentos sobre a vida. Devido a esse contexto de morte, muitas práticas podem ser utilizadas para melhorar esse momento, dentre elas a homeopatia que auxilia nessa angústia espiritual. Além disso, as práticas integrativas proporcionam alívio da ansiedade, reduzem a dor e melhoram a qualidade de sono dos pacientes, sendo assim, um complemento do tratamento convencional (Mendes *et al.*, 2019, *apud* Jesus, 2020, p. 20).

As técnicas de relaxamento são importantes no controle do estresse, pois elas focam na tensão muscular além de lidar com estados emocionais negativos. A melhora da tensão muscular leva o paciente a uma condição emocionalmente melhor, beneficiando a interação adequadamente nas situações do dia a dia (Garbaccio, 2008, *apud* Jesus, 2020). A mente e o espírito são as verdadeiras fontes de consciência, o seu desequilíbrio pode causar doenças através

de ligações energéticas e neuro hormonais. Em contraponto, quando existe um equilíbrio entre ambas, isso pode ser fator importante e decisivo para a cura (Saviato; Silva, 2004, *apud* Jesus, 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece as PICs como forma de tratamento e, no final dos anos 1970, criou o Programa de Medicina Tradicional, que promove estratégias para a utilização com segurança e eficácia dessas práticas profissionais. A OMS elenca as PICs com a denominação de medicina tradicional, pois, na cultura oriental, elas são conhecidas e aplicadas há séculos, antes mesmo do desenvolvimento da medicina ocidental.

No Ocidente, uma fundamentação científica cartesiana e mecanicista impôs limites ao estudo do ser humano e de questões como transcendentalidade, energias, espiritualidade e consciência, reduzindo, assim, essas experiências ao campo da religião ou da psicopatologia (Brasil, 2018, *apud* Jesus, 2020). No passado, a prática alternativa foi um termo empregado para designar uma vasta gama de práticas como quiromancia, adivinhação e até mesmo técnicas de Medicina Tradicional Chinesa (MTC). Técnicas como quiromancia, astrologia e adivinhação tem origem a partir de convenções pré-científicas e do senso comum (Gauer *et al.*, 1997, *apud* Jesus, 2020).

Nos dias atuais, as PICs são identificadas como técnicas e instrumentos alternativos à concepção ocidental de Medicina e Psicologia, porém, já traz uma conotação mais positiva para a sua legitimação enquanto práticas de promoção de saúde integral. As PICs já ocupam um lugar de destaque no mundo ocidental, uma vez que visualizam o fenômeno humano a partir de uma ótica transc corporal e se mostram como uma alternativa aos tratamentos biomédicos, que fragmentam o ser humano, centrando-se apenas em ações curativas (Monteiro, 2012, *apud* Jesus, 2020). Barbosa agrupa as PICs em:

- Terapias físicas: acupuntura, moxabustão, shiatsu, do-in, argiloterapia, cristais.
- Hidroterapia: banhos, vaporização e sauna.
- Fitoterapia: ervas medicinais, florais.
- Nutrição: terapêutica nutricional ortomolecular.
- Ondas, radiações e vibrações: radiestesia, radiônica.

- Terapias mentais e espirituais: meditação, relaxamento psicomuscular, cromoterapia, toque terapêutico, visualização, Reiki.
- Terapia de exercícios individuais: biodança, vitalização (Barbosa, 1994, *apud* Jesus (2020, p. 21).

Essas práticas têm sido buscadas, cada vez mais, por quem procura melhor qualidade de vida. Algumas evidências sustentam o uso dessas terapias de forma efetiva quando associadas a mudanças no estilo de vida (Mantovani, 2016, *apud* Jesus, 2020).

De acordo com Andrade e Costa, 2010, *apud* Jesus, 2020, no Brasil, as PICs se mostram como fenômeno crescente, pois têm sido apropriadas e difundidas pelo SUS, clínicas particulares, comunidades tradicionais e organizações não governamentais. O interesse pela utilização dessas técnicas ocorre devido a diversos fatores como, por exemplo, o preço elevado da assistência médica e seus medicamentos, a precariedade dos serviços públicos prestados e por conta da integralidade entre mente e corpo pregada por essas práticas (Souza *et al.*, 2009, *apud* Jesus, 2020)

Discorrem que esse aumento na busca pelas PICs tem a ver com o, centramento nos sujeitos em seus contextos sociais/familiares; abordagens ampliadas e holísticas; valorização de saberes/práticas não biomédicos e de múltiplas formas, vivências e técnicas de cuidado; estímulo à auto-cura, participação ativa e empoderamento dos usuários; abordagem familiar e comunitária (Tesser, Sousa, Nascimento, 2012, p.336).

As PICs enxergam o ser humano, a natureza e o universo de uma maneira mais abrangente e holística quando comparado com outras ciências ocidentais. A visão põe o ser humano como um ser integrado e influenciado pelo universo ou meio, sendo ele o único responsável por suas escolhas, destino e caminhos percorridos em busca de si mesmo.

Por conta desse olhar diferenciado sobre o ser humano, e as relações de saúde e doença, as PICs foram se disseminando em todo mundo, como um complemento ou alternativa de tratamentos médicos e medicamentosos, até a sua chegada no Brasil nos anos 1950. Posteriormente, nos anos 1980, começaram a ser pensadas como uma política pública de saúde a partir do desenvolvimento do SUS (Gauer *et al.*, 2012, *apud* Jesus, 2020).

Desde a década de 1970, a Organização Mundial da Saúde tem estimulado que práticas/saberes em saúde tradicionais ou diversos da biomedicina,

chamadas Medicinas Tradicionais Complementares e Integrativas (MTCI), sejam consideradas como recursos de cuidado pelos sistemas nacionais de saúde. Em paralelo, com a Declaração de Alma Ata, expandiu-se a Atenção Primária à Saúde (APS) como estratégia de organização de sistemas públicos universais de saúde, visando universalizar o cuidado clínico sanitário às populações (Tesser, Sousa, Nascimento, 2018, p.175).

No ano de 2002, a OMS, publicou um documento intitulado de *"Acupuncture: Review and analysis of reports on controlled clinical trials"*, baseado em pesquisas internacionais sérias e comprometidas. Tal documento traz análises da medicina científica que comprovam a eficiência da acupuntura e das PICs para o tratamento de doenças, redução de sintomas e condições patológicas crônicas.

Sua institucionalização ocorreu na década de 1980, após a criação do SUS, que teve como uma de suas prioridades a implantação, a inserção e o fortalecimento dos instrumentos, técnicas e práticas terapêuticas caracterizadas como PICS, principalmente, no nível primário de atenção (Jesus, 2020).

Em 3 de maio de 2006, através da Portaria nº 971 do Ministério da Saúde, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) foi aprovada no SUS, agregando aos seus usuários homeopatia, fitoterapia e acupuntura (Brasil, 2006, *apud* Jesus, 2020).

A PNPIC contempla sistemas de saúde e recursos terapêuticos, que caracterizam-se por abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de agravos e recuperação de saúde, tendo como base tecnologias seguras e eficazes, oferecendo uma escuta empática e acolhedora no estabelecimento de um vínculo terapêutico, o que contribui na integralização do ser humano com a sociedade e com o meio ambiente. A PNPIC tem o objetivo de garantir a prevenção e agravos, a promoção e recuperação de saúde, com maior ênfase na atenção básica por meio de cuidados humanizados e integrais em saúde (Brasil, 2015, *apud* Jesus, 2020).

A PNPIC contempla diretrizes e responsabilidades institucionais para oferta de serviços e produtos de homeopatia, medicina tradicional chinesa/acupuntura, plantas medicinais e fitoterapia, além de constituir observatórios de medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia. Em março de 2017, a PNPIC foi ampliada em 14 outras práticas a partir da publicação da Portaria GM nº 849/2017, a saber: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga, totalizando 19 práticas desde março de 2017. Essas práticas ampliam as abordagens de cuidado e as possibilidades terapêuticas para os usuários, garantindo maiores integralidade e resolutividade da atenção à saúde (Brasil, 2018, p. 9).

3.3 Evidências científicas relatadas pelo Ministério da Saúde

O Ministério da Saúde relata que evidências científicas têm mostrado os benefícios do tratamento integrado entre a medicina convencional e as PICs, além de chamar a atenção ao crescente número de profissionais capacitados e habilitados, aumentando a valorização dos conhecimentos tradicionais de onde se originam grande parte dessas práticas (Brasil, 2019, *apud* Jesus, 2020).

No Brasil, o debate sobre as PICs começou a despontar no final da década de 1970, após a declaração de Alma Ata, em 1986, na 8ª Conferência Nacional de Saúde, quando o autocuidado e questões biopsicossociais se apresentaram como determinantes e condicionantes da saúde (Brasil, 2019, *apud* Jesus, 2020).

4. AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES COM UM OLHAR PSICOLÓGICO TRANSPESSOAL

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) geram grandes contribuições no tratamento de diversas patologias, inclusive em transtornos de humor, como depressão e ansiedade, através de técnicas de relaxamento e liberação de energias (Mantovani, 2016, *apud* Jesus, 2020). Segundo Jesus (2020) a concepção das PICs, enxergar o ser humano fragmentado e incompleto gera, fatalmente, esforços incompletos à saúde e seu bem-estar. A integralidade na concepção de ser humano é essencialmente necessária na formação do/a profissional da Psicologia, e de si mesmo/a enquanto humano, pois isso leva à compreensão da gênese de muitos problemas relacionais, além de influenciar na construção de uma visão ampliada de ser humano e de mundo na sua formação intelectual (Gauer, 1997, *apud* Jesus, 2020). Isso sugere que as PICs podem agregar à prática da Psicologia na contribuição do bem-estar biopsicossocial e holístico do ser humano, e, justamente por conta de tal potencialidade de complementação, existe a necessidade de se entender as fronteiras entre essas profissões de saúde. Jesus, (2020).

Na comparação entre a Psicologia, em especial a corrente Transpessoal, e as PICs, torna-se nítido o olhar centrado sobre a complexidade do fenômeno humano e suas relações Jesus (2020). A Psicologia Transpessoal faz uma ponte entre abordagens ocidentais da Psicologia e as tradições orientais na tentativa de compreender padrões físicos, mentais, sociais e espirituais no ser

humano, caracterizando-se como estudo aplicado dos níveis de consciência em fluxo à unidade e integralidade fundamental do ser. O ser humano no olhar da Psicologia Transpessoal é um ser integrado, que busca a harmonia em um mundo semelhante a uma rede que liga todos os sistemas do universo, visão semelhante das PICs em sua filosofia, no seu desenvolvimento e aplicação (Parizi, 2005, *apud* Jesus, 2020).

A Psicologia busca, por meio de seus processos diagnósticos e de observações, instrumentos e, principalmente, escutas, levantar hipóteses sobre as demandas do cliente, e as PICs se utilizam das mesmas técnicas (Gauer, 1997, *apud* Jesus, 2020).

Ambas as profissões também enxergam como de fundamental importância a personalidade do ser em questão na busca de um tratamento adequado, além de buscarem cuidar do ser humano além do seu intelecto. Enquanto na Psicologia, o objetivo é a subjetividade humana, a Psicologia Transpessoal vai além, ao considerar conceitos como energia, espiritualidade e expansão de consciência. Já as PICs têm como objetivo o espírito e seus ciclos energéticos e sua influência na expansão de consciência e no corpo físico.

As semelhanças entre a Psicologia Transpessoal e as PICs são encontradas principalmente em seus objetivos, em que o principal deles é auxiliar as pessoas a terem melhor qualidade de vida, equilíbrio, saúde, integralidade e harmonia consigo, com outros, com a natureza e o mundo em geral. (Mahfoud, 2007, *apud* Jesus, 2020), diz que o ser humano não é dividido apenas em corpo e mente, como diz lógica cartesiana, mas, também possui como pilar o campo espiritual, cujo desenvolvimento depende da conexão entre os aspectos formuladores citados anteriormente. Não se pode prestar assistência à pessoa sem vê-la de forma integral, e se um dos pontos estiver em desequilíbrio existe a necessária de intervenção (Jesus, 2020).

Barros e Tesser, definem PICs como um agrupamento de sistemas de cuidado à saúde, medicinais e terapêuticos, sendo que não consideram tais práticas como parte da biomedicina e que têm como princípios: visão ampliada do processo saúde-doença, desenvolvimento do vínculo terapêutico, escuta

acolhedora, integração do ser humano com o ambiente e a sociedade, promoção global do cuidado humano, entre outros (Barros; Tesser, 2008, *apud* Jesus, 2020).

As PICs têm se destacado por estimular ações de promoção e mudanças em hábitos de vida, além de incitar a participação ativa da pessoa frente à sua doença. O saber psicológico também trabalha na construção de mudanças de hábito para gerar uma melhor qualidade de vida ao ser humano, além de ter o vínculo terapêutico e a escuta acolhedora como um dos de seus principais instrumentos para o processo do cuidado. As PICs enxergam, no fenômeno humano, a natureza e o universo de uma maneira mais abrangente e holística, quando comparado com outros conhecimentos ocidentais (Jesus, 2020).

A visão de ser humano integrado e influenciado pelo universo ou meio, sendo ele o único responsável por suas escolhas, destino e caminhos percorridos em busca de si mesmo (Jesus, 2020). A Psicologia Humanista e Transpessoal postula que o ser humano é centro do seu processo de viver, sendo ele responsável por si mesmo na busca da autorrealização (Maslow, 1968, *apud* Jesus, 2020) A psique humana é vista como um sistema repleto de complexibilidade e dinamismo, que conduz uma variedade de fenômenos ao crescimento e autorrealização. Por isso, a psique pode levar a processos de adoecimento, mas também de cura e crescimento, e de transcendência (Parizi, 2005, *apud* Jesus, 2020).

A Psicologia Transpessoal caracteriza-se como estudo aplicado dos níveis de consciência em fluxo à unidade e integralidade fundamental do ser, sendo uma visão de ser humano integrado, que busca a harmonia em um mundo semelhante a uma rede que liga todos os sistemas do universo, visão que vai ao encontro do holismo e da união entre mente, corpo, espírito e ambiente, postulada pelas PICs. Portanto, essa é a Psicologia que, por estudar experiências de expansão de consciência, espiritualidade e transcendentalidade na saúde nos mais diversos contextos, tem as melhores condições de ser uma base ótima de análise das PICs em sua relação com o fazer psicológico (Jesus, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada por meio de pesquisa bibliográfica, busca elucidar a origem energética aplicada nas terapias integrativas, desvinculando das crenças místicas e religiosas, apesar de muitas delas estarem atreladas as práticas religiosas.

Com tudo, as práticas ancestrais que canalizavam tais energias, buscando a cura e o bem-estar, mesmo ignorando a real fonte energética, que por sua vez atribuía a alguma prática mística ou até mesmo a alguma divindade, havendo equívocos e desinformação ao interpreta-las corretamente gerando aversão e pré-conceitos por parte da comunidade científica, mas com o passar do tempo pôde-se verificar através de pesquisas científicas, a real fonte energética dessas práticas. Porém nem todas as práticas estão inseridas neste conceito de energia quântica, pois falta estudos que comprovem os seus fundamentos e origem energética.

Com tudo pude perceber a falta de interesse da parte dos terapeutas energéticos para fundamentar através de pesquisas científicas, as suas práticas, dificultando assim a sua comprovação, mesmo as fontes pesquisadas, como Jesus e outros.

A popularidade de tais práticas terapêuticas dar-se por meio de crenças e fé, para os leigos, que as procuram. E para estes leigos, não se deve ignorar a medicina convencional, que trata o corpo físico onde a enfermidade já está instalada. As duas práticas devem atuar em conjunto, onde possa haver a cura energética e física. A prática multidisciplinar só vem corroborar com a melhora do paciente como um todo. E por que não dizer, atingir a cura do paciente, nas melhores perspectivas.

“Deus disse: Faça-se A Luz! E a luz foi feita” (Gênesis 1,3), luz é energia e a energia é quântica.

REFERÊNCIAS

ALBERTO TUFAILE, Adriana Pedrosa Biscaia Tufaile. **Biologia Quântica**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335126626_Biologia_Quantica> Acesso em: 21 abra. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e Complementares no SUS – PNPIC SUS. Série B. Textos Básicos de Saúde.** Brasília, 2006a. Disponível em: <<http://dtr2004.saude.gov.br/dab/publicacoes.php>>. Acesso em: 21 abr. 2024.

JESUS, Matheus Correa de. **Práticas Integrativas e Complementares na relação com a Psicologia: um olhar Transpessoal.** 2020. Disponível em: <<https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/4608/1/MATHEUS-JESUS.pdf>> Acesso em: 21 abra. 2024

Gênesis 1:1-19 - **Bíblia Online** - VC. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/vc/gn/1/1-19>>. Acesso em: 1 jun. 2024.

MARCONDES, M. R. **Doze anos de experiência.** Primeira edição. Curitiba, 2014.
MENDES; Dayana Senger et al. **Benefícios das práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem.** Journal Health NPEPS. Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 302- 318, 2019.

NADAI, K. N. G.; JARDIM, A. P. **Gestalt-terapia e Física Quântica: Um diálogo possível.** *Revista da Abordagem Gestáltica* – XVI(2): 157-165, jul-dez, 2010.
OLIVEIRA, Sidnei Santos de. **Biologia Quântica.** ed. 297. 2020. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/biologia-quantica/>> Acesso em: 21 abra. 2024

SANTOS; Jessica Marina Carneiro Gomes dos e Lopes Pablo Queiroz. **Teoria quântica e Terapia Vibracional, uma Nova Visão a Ser Inserida nas Práticas Integrativas e Complementares:** uma revisão da literatura *Revista Saúde Quântica* / vol.5 –nº5/ Jan–Dez 2016. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/revista-praticas-interativas/article/view/620> Acesso em: 21 abr. 2024

TESSER, C. D.; SOUSA, I. M. C.; NASCIMENTO, M. C. **Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde brasileira.** *Saúde debate.* Rio de Janeiro, v. 42, número especial 1, p. 174-188, set 2018.

SCHREIBER, Peter. **Interference and waves in a digital raster micro structure - 3D illustration.** Shutterstock. Disponível em: <https://www.shutterstock.com/pt/image-illustration/interference-waves-digital-raster-micro-structure-1433711138>. Acesso em: 17 jun. 2024.

O CONSUMO DE ÁLCOOL NA JUVENTUDE: impactos na saúde mental e nas relações interpessoais.

Ana Luísa Botelho dos Reis
Graduanda em Psicologia – Uni-FACEF
anaandrereis@gmail.com

Guilherme Henrique Andrade Pimentel
Graduando em Psicologia – Uni-FACEF
guilhermehap12@gmail.com

Sofia Muniz Alves Gracioli
Doutora em Psicologia – Uni-FACEF
sofiagracioli@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é primeiramente compreender o processo de desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial dos jovens, analisar questões sobre consumo de álcool e a partir disso relacionar ambos os temas. Com os dados da pesquisa buscamos explorar os motivos que levaram ao consumo de álcool em jovens de um centro universitário municipal e com isso analisar o impacto do consumo de álcool na saúde mental e nas relações interpessoais desses jovens. Os objetivos específicos são entender se o consumo é feito por vontade própria ou por influência e investigar os efeitos do álcool no estado de saúde física e mental.

2. DESENVOLVIMENTO NA JUVENTUDE

Nota-se o quanto o estudo do desenvolvimento do ser humano é complexo. Desde o nascimento até a fase da velhice passamos por grandes transformações. As mudanças são de ordem física, cognitiva e psicossocial. Para se entender o uso da substância do álcool no jovem adulto é importante salientar as principais características do seu desenvolvimento. Partindo desse pressuposto, compreende-se os motivos que levam os jovens a utilizarem essa droga e a manter a utilização.

2.1 Desenvolvimento Físico

Neste período a resistência, força física e energia do jovem está no auge, e é determinante para uma longevidade caso a alimentação saudável e a prática do exercício físico esteja na rotina do jovem. Segundo Papalia, Diane (2010, pg 474) “Na vida adulta jovem são estabelecidos os alicerces do funcionamento físico para a vida inteira”.

Adultos que são fisicamente ativos colhem muitos benefícios. Além de ajudar a manter o peso corporal em um nível desejável, a atividade física desenvolve a musculatura; fortalece o coração e os pulmões; diminui a pressão arterial; protege de doenças cardíacas, acidentes vasculares cerebrais, diabetes, câncer de cólon, câncer do endométrio e osteoporose; alivia a ansiedade e a depressão e prolonga a vida. (Papalia, Diane 2010, p. 477).

Fatores que influenciam indiretamente o desenvolvimento na saúde e na formação física são as condições socioeconômicas do indivíduo. De acordo com Papalia e Diane (2010) pessoas com renda mais elevada se beneficiam em comparação com pessoas de baixa renda quanto a uma vida longa. Melhores condições socioeconômicas privilegiam para uma boa educação e condições para uma vida mais saudável. Não significa que uma pessoa de baixa renda não terá uma boa saúde, mas, terá dificuldade ao acesso a uma boa saúde e educação. A vulnerabilidade socioeconômica implica em má nutrição, moradia abaixo do padrão, exposição a poluentes, acesso limitado de uma boa alimentação etc.

2.2 Desenvolvimento Cognitivo

A cognição do jovem adulto vem sendo explorada por diversos autores contemporâneos. Em sua teoria o filósofo e educador John Dewey conceitua que a capacidade de pensamento reflexivo surge entre as idades de 20 e 25 anos e o jovem leva em conta as evidências e as conclusões sobre as informações.

Pensadores reflexivos questionam continuamente os fatos supostos, fazem inferência e conexões[...] os pensadores reflexivos podem criar sistemas intelectuais complexos que conciliam ideias ou considerações aparentemente conflitantes- por

exemplo, reunindo várias teorias da física moderna ou do desenvolvimento humano em uma única teoria geral que explica muitos tipos diferentes de comportamento. (Papalia, 2010, p. 488)

A teoria desenvolvida nos anos 70, pós piaget, por Arlin; Labouvie-Vief baseia-se na ideia de pensamento maduro, surgindo no contexto do mundo ambíguo do jovem é levado em consideração as emoções, a fluidez da vida e a intuição, como na teoria Dewey não são todos os jovens que possuem o pensamento Pós-formal bem desenvolvidos.

Segundo Papalia, Diane (2010, p. 490) “Algumas pesquisas revelam um progresso rumo ao pensamento pós-formal durante o início e a metade da vida adulta, principalmente quando emoções estão envolvidas”.

Grande parte da juventude se caracteriza por um pensamento ambíguo, ou seja, preto ou branco, bom e mau. O pensamento reflexivo traz para o jovem uma forma de olhar para o mundo além do bom e mau, percebe o mundo além de uma dualidade questionando a forma cartesiana de viver as experiências.

2.3 Desenvolvimento Psicossocial

As bases dos relacionamentos íntimos na fase do adulto jovem são cruciais segundo Erikson. Segundo o autor (2010, p. 520) “A necessidade de estabelecer relacionamentos fortes, estáveis, estreitos e carinhosos é um forte motivador do comportamento humano”. O relacionamento se desenvolve a partir do momento em que são compartilhados sentimentos e pensamentos e possui uma relação de confiança e reciprocidade. Sem uma intimidade bem estabelecida e uma comunicação falha, a relação tende com o tempo a se desgastar.

A relação de amizade nessa fase é marcada por um forte interesse na satisfação de necessidades. Segundo Papalia (2010) “pessoas que têm amigos tendem a sentir uma sensação de bem-estar; ter amigos faz que as pessoas se sintam bem consigo mesmas e tenham mais facilidade para fazer novos amigos “. A criação de redes é muito importante na manutenção da autoestima, sensação de

bem-estar e segurança, principalmente pelo distanciamento que, na maioria das vezes, é criado com a família.

Se não experimentamos o amor em nossas famílias estendidas de origem [...] o outro âmbito onde as crianças, em particular, têm oportunidade de construir uma comunidade e conhecer o amor é no da amizade. Uma vez que escolhemos nossos amigos, muitos de nós, da infância à vida adulta, temos nos voltado para eles em busca de carinho, respeito, conhecimento e do empenho geral para promover o nosso crescimento que não encontramos na família. (Hooks, 2020, p. 144)

Esses vínculos podem ser saudáveis, norteadores de vida, mas também podem ser caminho para início do consumo de substâncias. Nessa idade a experimentação costuma ocorrer em grupos, tanto no âmbito de drogas, vivências sexuais, sociais e emocionais.

3. CONSUMO DE ÁLCOOL

O álcool é uma droga lícita, comercializada em larga escala e seu consumo grandioso se relaciona a diversos fatores. Uso como “lubrificante social”, consumo como válvula de escape e fatores culturais são alguns deles. Além disso, a produção e comércio de álcool constituem um setor de grande poder na economia, onde muito dinheiro se envolve.

A indústria do álcool é definida como um complexo empresarial multinacional que inclui os produtores de cerveja, vinho e destilados, e uma grande rede de distribuidores, atacadistas e setores relacionados, como hotéis, restaurantes, bares e anunciantes. Além dos produtores de álcool, os interesses da indústria também têm sido tradicionalmente promovidos por grupos que lidam com questões comerciais como impostos, marketing e regulamentação. Centenas de associações comerciais com foco principal no álcool foram estabelecidas em todo o mundo. (Fiocruz, 2023)

As publicidades incentivadoras são muito frequentes, muitas delas usando de estratégias como: o engajamento em causas sociais e humanitárias; promoção de produtos “mais saudáveis” e “mais seguros” (sem glúten, 0 calorias);

financiando e disseminando campanhas de desinformação, promovendo a ideia de “beber com moderação” onde levam a responsabilidade do consumo para quem compra, e omite informações como fatores de risco físicos e sociais; marketing persuasivo, normalizando e glamourizando o consumo de álcool. (Fiocruz, 2021 p. 21).

Tais fatores nos mostram como a relação do ser humano com o álcool, atualmente, vai para além da substância, abarcando fatores sociais, econômicos, de classe, e até gênero e raça, pensando na vulnerabilidade de minorias sociais como fator de risco para a facilitação de persuasão de tais meios de marketing. Com isso, é entendível que o consumo de álcool é um problema de saúde pública que afeta jovens e adultos, gerando riscos e agravos à saúde, interagindo de maneira sistêmica em toda uma sociedade.

O consumo nocivo de álcool é um fator de risco importante para diversas condições de saúde, que vão desde doenças que têm a substância como principal causa, como a cirrose hepática e a SAF – Síndrome Alcoólica Fetal, até doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como a diabetes e a hipertensão. No caso de quedas e lesões, Beber Pesado Episódico (BPE), ou seja, o consumo de 60 g ou mais de álcool puro em uma única ocasião pelo menos uma vez no último mês, também é um fator de risco relevante. (Andrade, 2021, p.27)

Se há então tantos riscos à saúde, torna-se ainda maior a responsabilidade de pensar em como isso se associa aos jovens, que são um grupo mais vulnerável ao uso e abuso de substâncias.

4. ÁLCOOL E JUVENTUDE

A partir desses dois tópicos anteriores, conseguimos dar uma base para entender como o álcool pode surgir em jovens da faixa de 18 a 22 anos, idade onde, como descrito, ainda não há um desenvolvimento cognitivo que possibilite uma maior capacidade de discernir certos riscos a serem corridos, abrindo grande espaço para marketings persuasivos na vida desses jovens. Pensando também nessa idade como um período de transição de meios sociais, com a entrada na universidade e ambientes de trabalho.

Muitos calouros se sentem esmagados pelas demandas da vida universitária. [...] Estudantes que se adaptam facilmente, tem aptidões elevadas e boas habilidades para resolver problemas[...] tendem a se ajustar melhor e a aproveitar ao máximo a universidade. (Papalia, 2010, p. 479)

Essas demandas podem ser difíceis de lidar e elaborar internamente, gerando angústias, frustrações, ansiedades e inseguranças nesses jovens em período de transição social. Ser diferente e não ceder às pressões sociais, nessa idade, pode custar o isolamento e a solidão. Em busca de se sentirem mais seguros, mais sociáveis e menos ansiosos, muitos podem recorrer ao álcool como “ferramenta” para acalmar tais sentimentos. Kovács e Esslinger (2006) descrevem em seu livro sobre adolescência que “a droga permite a fantasia louca de capacidade, de realização de coisas maravilhosas e de intensa realização pessoal.”

A faculdade é um período e um local de apogeu para a bebida. Embora beber com frequência seja comum nessa idade, os estudantes universitários tendem a beber com mais assiduidade e intensidade do que seus pares não universitários. (Papalia, 2010, p.479)

Entre 2010 e 2019, a maior parte das internações PAA (doenças e condições de saúde que são Parcialmente Atribuíveis ao Álcool) e TAA (doenças e condições que são Totalmente Atribuíveis ao álcool) foi devida a transtornos mentais e comportamentais em consequência do uso de álcool (Andrade, 2021, p. 21). Isso mostra como o álcool afeta e até agrava questões de saúde mental. O risco em jovens se torna ainda maior quando pensamos em seus pontos sensíveis de inseguranças sociais e angústias em relação ao futuro. Se há ainda mais vulnerabilidades, como renda baixa, minorias raciais e de gênero, e se não há uma rede de apoio que dê eixo ao jovem, corre-se mais ainda esse risco.

5. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo exploratório, utilizando um questionário (Apêndice A) formulado pela pesquisadora com base para perguntas encontradas em um estudo de Reis (2011), e se justifica uma vez que, se identificarmos um grande consumo de álcool entre jovens e explorar o início disso pode-se buscar

realizar novas pesquisas que encontrem meios de prevenção para o não-desenvolvimento do alcoolismo.

5.1 Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Franca-SP em uma universidade municipal.

5.2 Participantes

Participaram da pesquisa 10 alunos do 4º período do curso de Psicologia, de faixa etária entre 18 e 20 anos, todos já fizeram ou fazem uso de bebidas alcoólicas.

5.3 Instrumento

O material utilizado para a coleta de dados foi um questionário produzido pela pesquisadora (Apêndice A). Este questionário é composto por 21 questões fechadas e 2 abertas e busca investigar: a) identidade; b) acompanhamento psicológico e psiquiátrico; c) início e frequência/qualidade do consumo ; d) o que motiva/influencia a ingestão de álcool; e) influência do consumo na saúde física e mental; f) influência do consumo nas relações sociais e g) desejos de parar ou diminuir o consumo. Para cada temática de investigação há uma sequência de perguntas visando englobar o maior número de respostas sobre o assunto. As questões 1, 2 e 3 são de identificação; já as questões 4, 5, 21, 22 e 23 exploram sobre acompanhamento psicológico e psiquiátrico, as questões 6, 7, 8, 9, 12, 14 e 15 referem-se ao início e frequência/qualidade do consumo; as questões 14 e 15 referem-se também ao que motivou/influenciou a ingestão de álcool; as questões 10, 11 e 13 abordam a influência do consumo na saúde física e mental; as de número 16 e 17 sobre influência do consumo nas relações sociais; e por fim as questões 18 e 19 exploram o desejos de parar ou diminuir o consumo de álcool.

5.4 Procedimento da Coleta de Dados

O projeto foi realizado como atividade da matéria de Fundamentos da pesquisa em psicologia III, ministrada pela professora Sofia Muniz, a divulgação do questionário da pesquisa foi feita através da rede social Whatsapp, pelo perfil da pesquisadora. A aplicação do instrumento aconteceu de forma remota através do Google Forms.

5.5 Processamento de Análise dos Dados

O questionário (Apêndice A) foi cotado, as questões abertas foram transcritas e foi utilizada a abordagem qualitativa, tendo para análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) adotada por (FRANCO, 2005; MINAYO, 2007). A análise das respostas dadas pelos participantes foi realizada de acordo com a separação descrita a seguir:

- a) identificação e história de vida (questões 1, 2, 3, 4, 5, 20, 21, 22 e 23);
- b) consumo de álcool (questões 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 18 e 19);
- c) influências do álcool (questões 10, 11, 13, 16 e 17).

5.6 Considerações éticas

A pesquisa foi realizada como atividade da matéria de Fundamentos da pesquisa em psicologia III, ministrada pela professora Sofia Muniz. Todos os cuidados éticos foram respeitados para preservar a identidade dos participantes.

5.7 Resultados e discussão

Identificação e História de Vida

Dos 10 participantes da presente pesquisa, 8 se identificam como mulher (80%) e 2 como homem (20%). Seis participantes têm 19 anos (60%), dois 18 anos (20%) e dois 20 anos (20%). Em relação à situação empregatícia, metade dos participantes trabalha e metade não trabalha. Seis participantes (60%) fazem

acompanhamento psicológico, desses seis, somente quatro abordam seu consumo de álcool nas sessões. Somente um participante (10%) passa por psiquiatra e faz uso de medicamento contínuo, esse participante aborda seu consumo de álcool nas consultas.

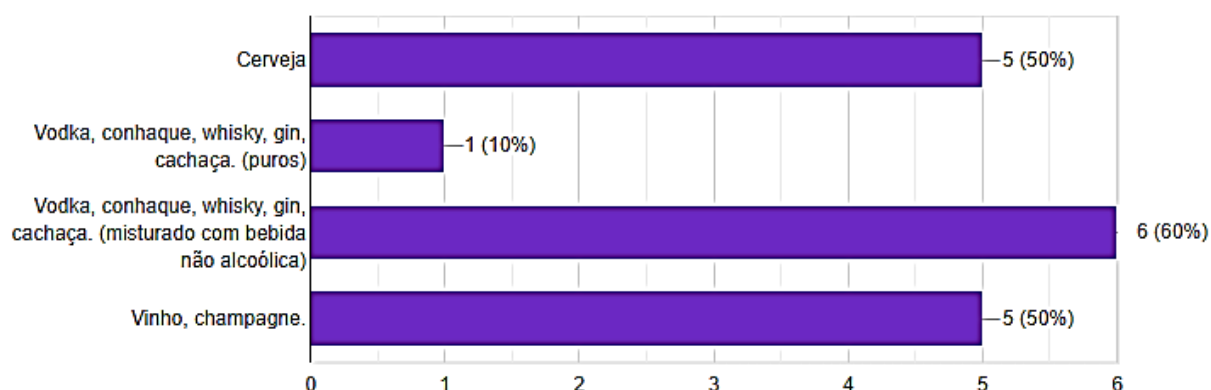
Consumo de álcool

Esse tópico faz referência ao consumo de álcool de cada participante, abordando quando iniciou o consumo, frequência, tipo de bebida consumida, situação em que consome álcool, influências do meio no seu consumo e desejos ou tentativas de parar ou diminuir o consumo. O gráfico 6 diz sobre a idade em que o participante bebeu pela primeira vez.

Em relação à idade, nossos dados afirmam que o consumo de 70% dos participantes se iniciou entre 14-16 anos e 30% entre 10 e 13 anos, idades em que ainda não é permitido a venda de bebidas alcoólicas. Somente dois participantes relataram ter bebido pela primeira vez com a família, o restante iniciou seu consumo com amigos, em festas, na rua ou em casa.

O gráfico 9 mostra qual tipo de bebida é mais consumida por cada participante. Nessa pergunta havia a possibilidade de marcar mais de uma opção.

Gráfico 9 - Tipo de bebida consumida atualmente



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Há uma clara preferência por bebidas à base de destilados, que normalmente são misturados com energéticos, essas bebidas deixam as pessoas

alcoolizadas com mais facilidade do que consumindo outras bebidas com menor teor alcoólico.

A pergunta 12 apresenta em quais situações os participantes sentem mais vontade de beber. Havia possibilidade de marcar mais de uma opção. Nele, nove participantes responderam que a situação mais motivadora de consumo é estar reunido com amigos. Sete pontuaram festas como motivador de consumo, e seis pontuam o fato de estarem comemorando algo como motivador de consumo.

As perguntas 14 e 15 nos mostram que houve influência da família no início do consumo de 70% dos participantes e de amigos em 60% dos participantes.

Hoje em dia, o período de entrada na adolescência é mais precoce do que há quinze anos, aparecendo o seu início por volta dos 10-13 anos de idade. Este tempo é caracterizado por um período de mudança, em primeiro lugar física, isto é, a criança vê o seu corpo mudar de forma radical em poucos meses e, em segundo lugar psicológica, pois neste período o adolescente vai cortar completamente com os seus modelos de identificação da infância, com os seus ideais e rapidamente vai procurar outros com os quais se identifique. (Mendes; Lopes, 2007, p. 26)

A adolescência é um período vulnerável psicologicamente, pois é a época em que está se construindo a personalidade, a criança está buscando modelos e pode encontrar opções não muito agradáveis de identificação onde se espelhar.

As perguntas 18 e 19 dizem da diminuição ou corte do consumo de álcool e seu êxito. A maioria (60%) dos participantes pensou/tentou diminuir ou parar com o consumo de álcool, e que dentro do aspecto de êxito, a maioria (66,7%) diminuiu ou parou com o consumo. Devemos entender que as pessoas que se sentem prejudicadas pelo álcool não necessariamente devem optar pela abstinência total, pode haver sim somente uma diminuição para a redução de danos físicos e psíquicos. De acordo com Gomes e Vecchia (2018) os programas de Redução de Danos são éticos e humanitários, implicam protagonismo e autonomia dos sujeitos em relação à sua vida. Eles são capazes de criar um senso de autocuidado e controle das próprias ações.

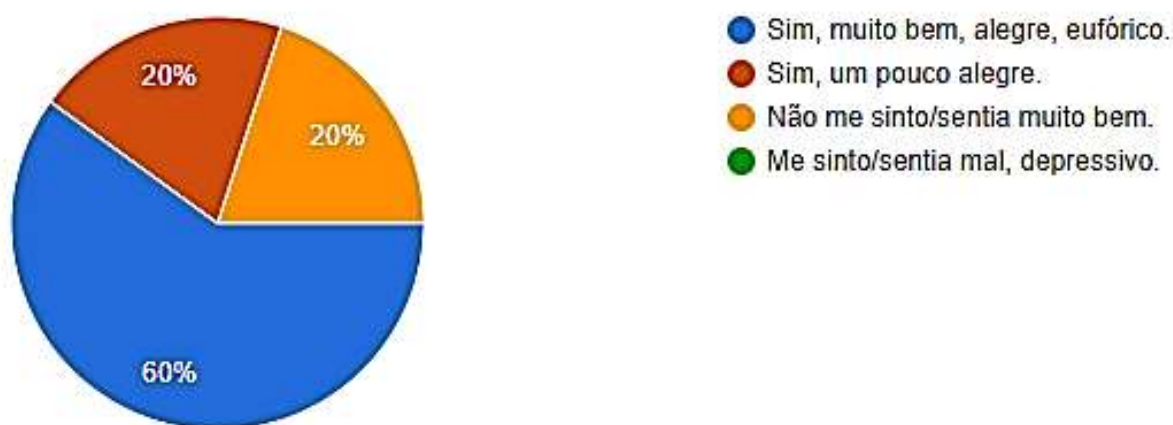
Repudia-se, assim, o abandono e a discriminação de pessoas que vivem problemas por fazerem uso de álcool e outras drogas, que passaram ou passam por fracassos quanto à impossibilidade de abstinência imediata, ou que ainda não se vêem em condições de aderir a um tratamento. (Gomes; Vecchia. p. 2329, 2018.)

Pois se há essa discriminação, pode-se desestimular a pessoa que está tentando parar o diminuir seu consumo de prosseguir com essa ação, influenciando negativamente na sua saúde.

c) influências do álcool

Esse tópico diz sobre as influências e interferências positivas ou negativas do álcool na vida dos participantes, influência no estado físico e mental, afetos na rotina e relações sociais. O gráfico 10 mostra como os participantes se sentem mental ou psiquicamente quando consomem álcool.

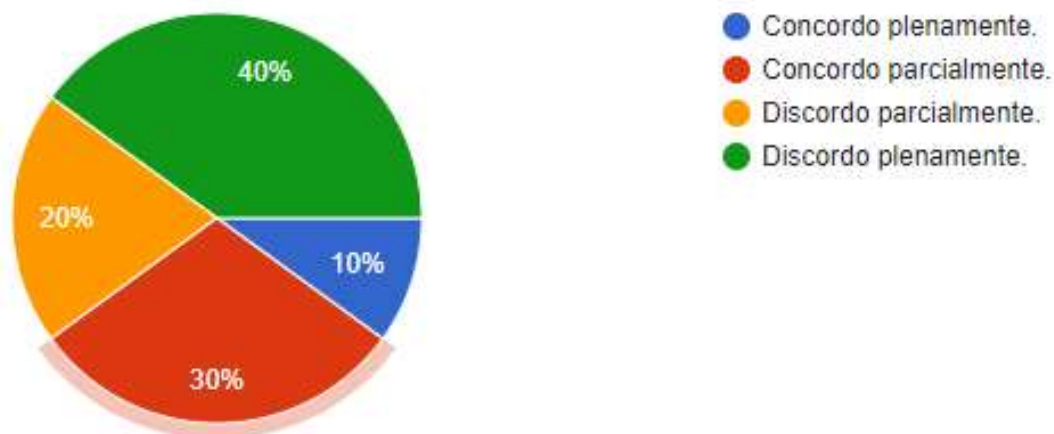
Gráfico 10 - Estado mental durante o consumo



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

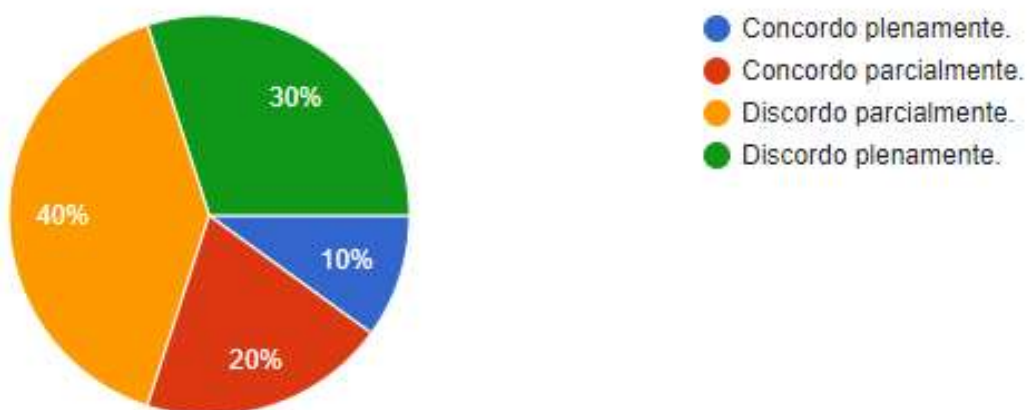
O gráfico 13 responde se o álcool interfere na rotina no dia seguinte após o consumo de álcool.

Gráfico 13 - Interferência na rotina



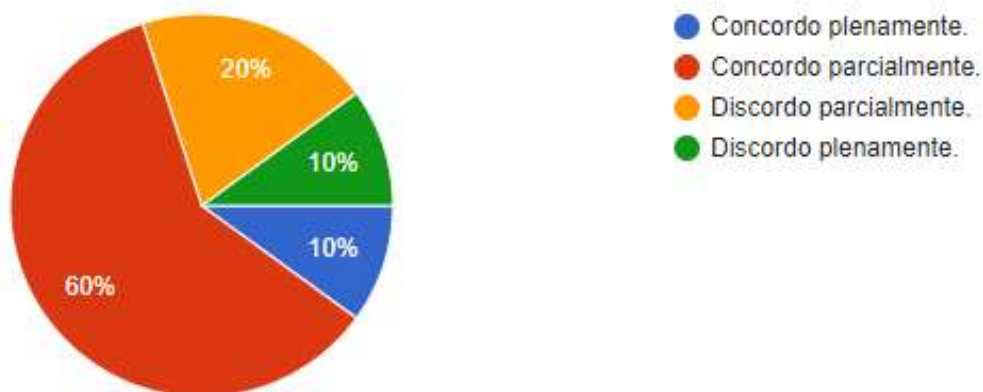
Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Gráfico 16 - Afetos negativos nas relações sociais



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Gráfico 17 - Afetos positivos nas relações sociais



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Por fim, notamos que as respostas dos últimos questionamentos são bem divididas. As perguntas 10 e 11 mostram que nenhum participante se sente exclusivamente mal físico e psicologicamente durante o consumo de álcool. Sobre os afetos positivos e negativos nas relações sociais, também são respostas bem divididas, com um pouco mais de peso para o lado positivo dos afetos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano, desde o nascimento até sua idade avançada, passa por grandes transformações, tanto físicas, cognitivas quanto psicossociais. A capacidade de pensamento reflexivo surge entre as idades de 20 e 25 anos. A complexidade da tessitura entre emoção, pensamento e cognição também começa a surgir nessa época, quando os jovens, em sua maioria, em contexto universitário, passam a receber, em quantidade e qualidade, mais estímulos. A transição do ensino médio para a universidade demarca tais mudanças, é possível notar diferenças entre alunos que fazem essa transição mais curta - direto do colegial para a faculdade -, e alunos que tem uma transição mais longa, seja por já terem ingressado em outra graduação anteriormente, seja por necessidade de emprego etc. Isso diz muito da experiência como construtora de maior aporte cognitivo.

Os relacionamentos sociais dão suporte diante essas experiências, eles podem ser tanto fator de proteção quanto fator de risco, isso irá variar conforme se dê a construção dessas relações, saudáveis ou não. Essas redes de socialização podem proteger do abuso ou influenciar o uso; essas redes podem também ser proteção ou serem instrumento de manutenção do marketing agressivo realizado pelas grandes empresas, que fomentam uma publicidade que glamouriza o consumo de álcool.

Concluindo, entendemos que os padrões de início e continuidade do consumo entre jovens universitários são parecidos, com um início precoce e uma continuidade frequente.

Na adolescência surge cada vez mais uma tendência de experimentação de bebidas alcoólicas e o aumento dos padrões de beber de alto risco, como por exemplo o binge drinking (consumo desmedido de bebidas alcoólicas com o objectivo de se embriagar rapidamente), assim como a mistura de álcool com outras substâncias psicoactivas. Existem fortes ligações entre o

consumo de alto risco, a violência, os comportamentos sexuais de risco e a morte. (Mendes; Lopes, 2007, p. 27)

Diante os resultados obtidos, houve uma surpresa por parte dos pesquisadores em relação às perguntas sobre estado emocional, interferência na rotina e nas relações sociais. Pensamos, pelas descrições da literatura, que os resultados diriam de impactos negativos. Em pesquisas de Pechansky, 2004 “Apesar de trazer claras consequências orgânicas, comportamentais e na estrutura de desenvolvimento da personalidade do jovem”; Vieira, 2007 “As consequências negativas devido ao uso de álcool interferiram em diferentes áreas da vida desses adolescentes: saúde, vida escolar, comportamento sexual, problemas de comportamento, violência e acidentes.”; e Vieira, 2007 “Como consequências do consumo, o álcool potencializa a propensão dos jovens a se engajarem em comportamentos de risco.”; notamos muitas referências a impactos negativos na vida dos jovens.

Por tais motivos descritos na literatura, buscamos entender os padrões de alguns participantes e chegamos à noção de que é necessária uma maior conscientização para que não haja, entre esses jovens, o desenvolvimento de alcoolismo, abuso de outras substâncias, doenças físicas e transtornos mentais associados ao consumo de álcool. Mesmo que a pesquisa nos traga menos impactos negativos do que o esperado, ainda é necessário se atentar para que esse uso recreativo não evolua de maneira negativa para esses jovens, os colocando em situações ou suscitando comportamentos de risco.

Pensando nisso, há formas de se diminuir tais riscos. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça e Segurança Pública (Senad/MJSP) possui um caderno de debates “Bebidas alcoólicas no Brasil: disponibilidade, marketing e desafios regulatórios” (2023). Nesse material é possível encontrar - além do debate sobre o marketing agressivo realizado pelas grandes empresas - informações sobre possíveis maneiras e métodos de regulamentação, tanto da publicidade, quanto de políticas públicas que eduquem a população em relação ao consumo de álcool. Dentre alguns desses métodos podemos encontrar: Regulamentação de comercialização; regulamentação e fiscalização dos meios de publicidade; implementação de medidas de monitoramento e de uma

regulamentação eficiente das mídias sociais; leis de incentivo à saúde e outras formas de “escape” para a angústia dos jovens; apoio psicossocial e econômico, etc.

Existem muitas possibilidades de mudança diante o olhar para o consumo de álcool, mas é necessário coerência entre as políticas públicas adotadas pelos setores municipais e estatais. Com isso abre-se um espaço onde se torna possível a criação de um relacionamento saudável e não de abuso para com a substância, protegendo assim, os jovens de caminhos de vício e doenças graves e inibidoras de potência de vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arthur Guerra de. *Álcool e a Saúde dos Brasileiros: Panorama 2021* / Organizador: Arthur Guerra de Andrade. - 1. ed. - São Paulo: CISA, 2021.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Política sobre Drogas e Gestão de Ativos. CETAB/ENSP/Fiocruz. *Bebidas alcoólicas no Brasil: Disponibilidade, marketing e desafios regulatórios*. Brasília: MJSP. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/fiocruz-projeto-alcool-diagramacao-f-pagina-simples.pdf>.

GOMES, Thaísa Borges; VECCHIA, Marcelo Dalla. *Estratégias de redução de danos no uso prejudicial de álcool e outras drogas: revisão de literatura*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 23, n. 7, p. 2327–2338, jul. 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018237.21152016>

MENDES, Vera; LOPES, Paulo. *Hábitos de consumo de álcool em adolescentes*. Revista Toxicodependências, v. 13, n. 2, p. 25-40, 2007.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PECHANISKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S.. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 26, p. 14–17, maio 2004.

SENAD. Pensando a Política sobre Drogas: Bebidas alcoólicas no Brasil: disponibilidade, marketing e desafios regulatórios”. São Paulo: Fiocruz. 2023.

VIEIRA, D. L. et al.. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. Revista de Saúde Pública, v. 41, n. 3, p. 396–403, jun. 2007.

APÊNDICE A

1 - Qual gênero você se identifica?

Homem

Mulher

Pessoa não-binária

2 - Idade

3 - Você trabalha?

Sim

Não

4 - Faz acompanhamento psicológico?

Sim

Não

5 - Faz acompanhamento psiquiátrico?

Sim

Não

6 - Com que idade você estava quando ingeriu álcool pela primeira vez?

10-13

14-16

17-19

20+

7 - Em que situação você estava quando ingeriu álcool pela primeira vez?

Festa, com amigos.

Festa, com família.

Em casa, com amigos.

Em casa, com família.

Em casa, sozinho.

Na rua, sozinho.

Na rua, com amigos.

Outro:

8 - Atualmente você bebe com que frequência?

Todos os dias

4 a 5 dias na semana

1 a 3 dias na semana

Quinzenalmente

Uma vez ao mês

Menos de uma vez ao mês

Não bebo de maneira alguma

9 - Que tipo de bebida você costuma consumir? (mais de uma marcável)

Cerveja

Vodka, conhaque, whisky, gin, cachaça. (puros)

Vodka, conhaque, whisky, gin, cachaça. (misturado com bebida não alcoólica)
Vinho, champagne.

10 - Você se sente/sentia bem mentalmente quando ingere/ingeria álcool?

Sim, muito bem, alegre, eufórico.

Sim, um pouco alegre.

Não me sinto/sentia muito bem.

Me sinto/sentia mal, depressivo.

11 - Você se sente bem fisicamente quando ingere álcool?

Sim, me sinto/sentia disposto.

Me sinto/sentia normal.

Me sinto/sentia um pouco mal.

Passo mal sempre que bebo.

12 - Em quais situações você sente/sentia mais vontade de beber? (mais de uma marcável)

Quando estou comemorando algo.

Festas (balada, festa universitária)

Reuniões com os amigos (barzinho, rolê na rua)

Quando estou sozinho.

Quando estou estressado.

13 - No dia seguinte, após beber, você fica/ficava ruim de maneira que interfira na sua rotina?

Concordo plenamente.

Concordo parcialmente.

Discordo parcialmente.

Discordo plenamente.

14 - A casa em que você mora influenciou na sua ingestão de álcool?

Sim

Não

15 - O seu grupo de amigos influenciou na sua ingestão de álcool?

Sim

Não

16 - Você sente que a sua ingestão de álcool afeta/afetou negativamente nas suas relações sociais?

Concordo plenamente.

Concordo parcialmente.

Discordo parcialmente.

Discordo plenamente.

17 - Você sente que a sua ingestão de álcool afeta/afetou positivamente nas suas relações sociais?

Concordo plenamente.

Concordo parcialmente.

Discordo parcialmente.

Discordo plenamente.

18 - Você sente ou já sentiu que deveria diminuir ou parar de beber?

Sim, já pensei em/tentei diminuir.

Sim, já pensei em/tentei parar.

Sim, e ainda quero diminuir.

Sim, e ainda quero parar.

Não.

19 - Se você tentou diminuir ou parar, você teve êxito?

Sim, não bebo mais.

Sim, mas voltei a beber na mesma quantidade.

Sim, mas voltei a beber, só que com menos frequência.

Sim, mas somente diminuí a quantidade.

Não consegui.

20 - Seu consumo de álcool é abordado no seu acompanhamento psicológico?

Sim

Não

Não faço acompanhamento psicológico

21 - Seu consumo de álcool é abordado no seu acompanhamento psiquiátrico?

Sim

Não

Não faço acompanhamento psiquiátrico

22 - Faz uso de medicação prescrita por psiquiatra?

Sim

Não

23 - Se sim, qual?

O IMPACTO DA MÚSICA NA VIDA DE PESSOAS IDOSAS

Enzo Lima Ciuti
Graduando em Psicologia – Uni-FACEF
enzociuti@gmail.com

João Pedro Naves Da Silva
Graduando em Psicologia – Uni-FACEF
joaopedronavesaas@gmail.com

Raphael Monteiro Da Cruz Casaqui
Graduando em Psicologia – Uni-FACEF
raphaelmonteiro.mc@gmail.com

Sofia Muniz Alves Gracioli
Doutora em Psicologia – USP
sofiagracioli@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca explorar como a música pode influenciar a positivamente aspectos psíquicos e cognitivos de pessoas idosas participantes da aula de música no Centro de Convivência de Idosos – Alegria de viver.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é investigativa (COZBY, 2003; SPATA, 2005), utiliza-se de abordagem qualitativa para análise de dados e se justifica uma vez que, a partir da análise de dados, o consumo e o acesso de músicas e atividades contêm, música, acerca do dia a dia do indivíduo, pode vir a proporcionar um bem-estar biopsíquico.

2.1 Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Franca-SP no Centro de Convivência do idoso Alegria de Viver.

2.2 Participantes

Participaram da pesquisa 17 senhoras participantes do CCI, com idades entre 65 e 90 anos, todas participantes de aula de música da própria instituição

2.3 Instrumento

O material utilizado para a coleta de dados foram um questionário (APÊNDICE A) elaborado pelos pesquisadores. O questionário foi constituído por 16 questões abertas e fechadas que busca investigar: A) identidade; b) idade; c) status de relacionamento; D) gosto pela música; e) frequência do contato com a música; f) trabalho; g) meio de ouvir música; h) e i) relação da música com atividades e possível melhoria do rendimento; j) e k) influencia da música nos sentimentos e como são esses sentimentos; l) como geralmente escuta música (sozinho ou acompanhado); m) música de conforto; n) diferença do passado para agora ao ouvir música. As questões a, b e c são relacionadas a identificação de cada uma participante; as questões D e E investigam o gosto pela música e se já participaram de algum trabalho remunerado ou não acerca disso; a questão g é sobre qual meio se escutam músicas e a L sobre estar acompanhados ouvindo; a H e a I são relacionadas a música inserida nas atividades e como isso pode melhorar ou não o desempenho; a questão M visa investigar a preferência de músicas e artistas, dos que mais confortam as participantes; e a questão N é uma questão que busca entender se a maturação psicológica influenciou na visão da música.

2.4 Procedimento da coleta de dados

Após o projeto ter sido aprovado pelo comitê de Ética do Centro Universitário Municipal de Franca Uni-FACEF, os pesquisadores foram até o local com um computador para registro. A aplicação do questionário foi de forma individual, aplicado e registrado propriamente pelos três pesquisadores. A atividade ocorreu de forma presencial, registrada através do Google Forms.

2.5. Processamento da análise de dados

O questionário foi cotado, as questões abertas foram transcritas na íntegra, sendo assim será utilizada a abordagem qualitativa, tendo para análise especialmente a de conteúdo proposta por Bardin (1977) adotada por (FRANCO, 2005; MINAYO, 2007). A análise das respostas dadas pelas mães nos questionários respondidos foi analisada de acordo com a separação proposta pelo instrumento sobre as temáticas abordadas pelas questões, assim sendo a) identidade e formação de gênero (questões A, B, C); b) relação da música no cotidiano (questões D, E, F, G, H, I); c) música relacionada a sentimento (J, K, L, M) d) maturidade psicológica a respeito da música (N)

2.6. Considerações éticas

A pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF. Todos os cuidados éticos foram respeitados para preservar a identidade das participantes. Ressalta-se que as participantes da faixa etária entre 65 e 90 anos da instituição receberam todas as informações referentes ao projeto: os objetivos e a atividade que foi realizada, procedimento, duração, privacidade e não exposição dos dados coletados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Características sociodemográficas

Esse tópico é referente as variáveis sociodemográficas dos participantes entrevistados.

Gráfico 1 – Idade dos participantes entrevistados

Qual a sua idade?

17 respostas

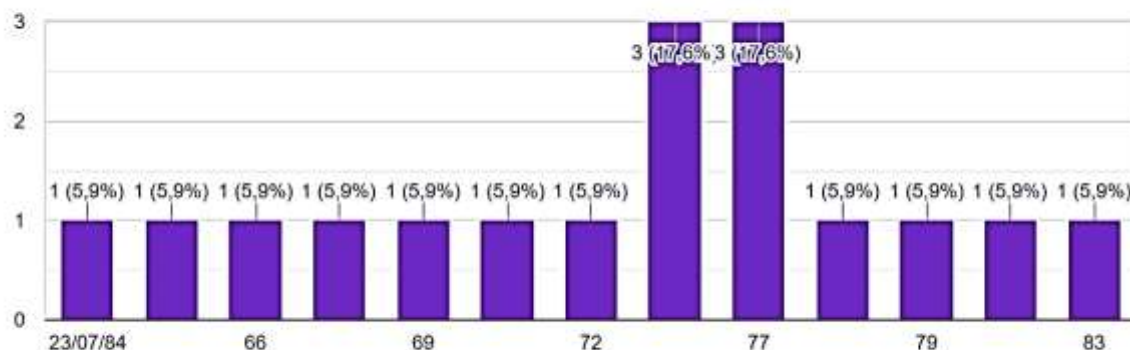
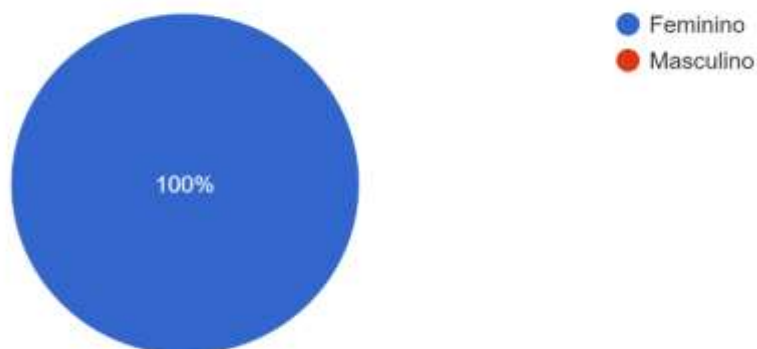


Gráfico 2 – Gênero

Gênero

17 respostas

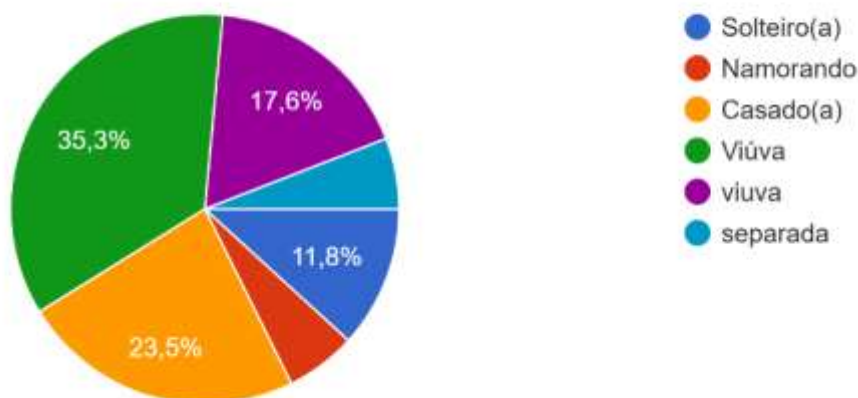


Foi possível ver que a grande maioria das pessoas as quais frequentam o CCI são pessoas do gênero feminino. Pode-se dizer que os homens de idade mais avançadas não possuem tanto interesse assim nas atividades do lugar, até mesmo aquelas com relação com a música.

Gráfico 3 – Status de relacionamento

Status de Relacionamento

17 respostas



É notável perceber, a partir dos dados coletados do terceiro gráfico, que a maioria das mulheres entrevistadas são viúvas. Isso é um reflexo da nossa sociedade, onde as mulheres tendem a viver mais por conta do estilo de vida adotado pelos homens de épocas passadas.

a) Conexão dos participantes com a música

Gráfico 1 – Você gosta de música?

você gosta de escutar música?

17 respostas

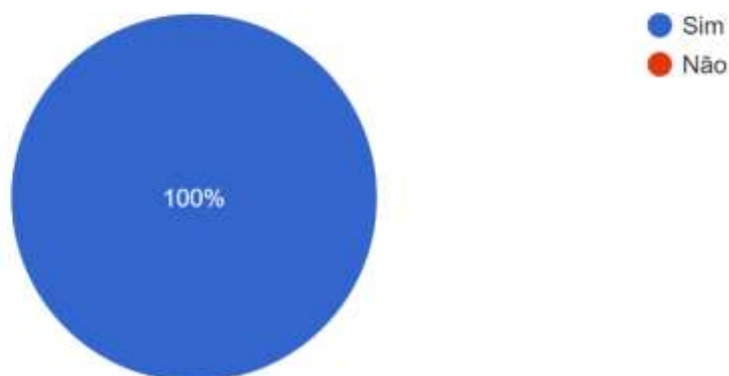


Gráfico 2 – Você trabalha ou já trabalhou com música

Você trabalha ou já trabalhou?

16 respostas

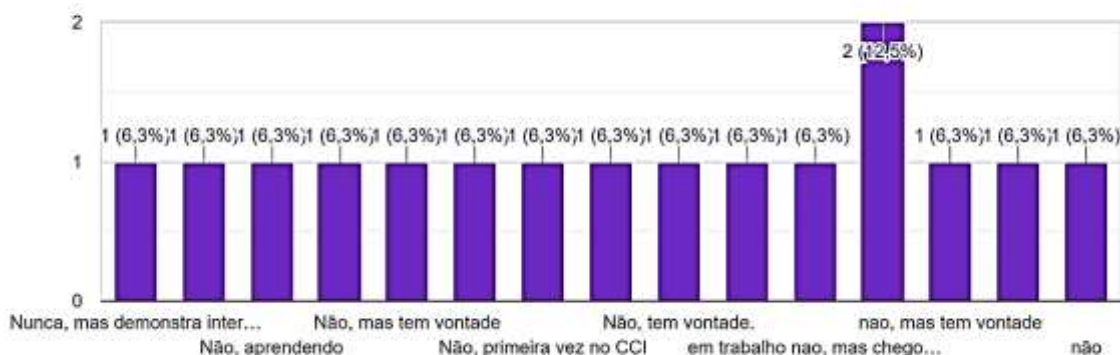


Gráfico 3 – A frequência com que escuta música

com qual frequência você escuta se escuta?

17 respostas

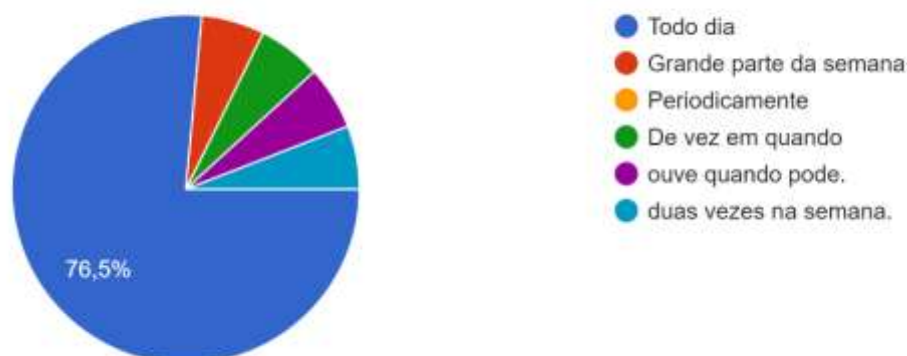
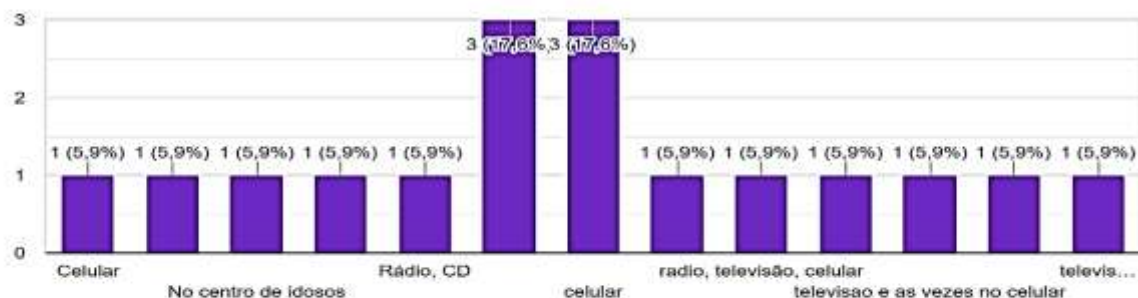


Gráfico 4 – Por qual meio você escuta música?

Por qual meio você escuta música?

17 respostas



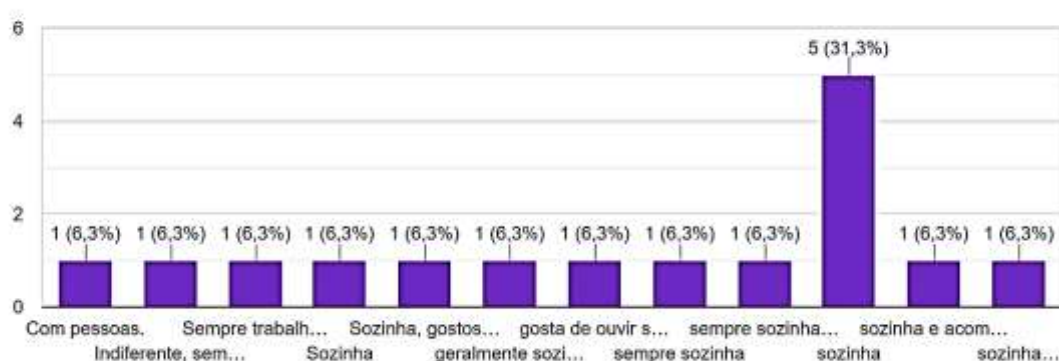
A maioria das pessoas entrevistadas utilizam o rádio e o celular como principal meio para ouvir música. O rádio por conta do conforto e da facilidade de

mexer, diferente de outros aparelhos eletrônicos. E o celular por conta da adaptabilidade que ele traz.

Gráfico 5 – Você ouve música sozinho ou com alguém?

Você ouve música sozinho(a) ou com alguém?

16 respostas



A maioria das pessoas ouvem música sozinhas, seja por conta de seu gosto musical não agradar a maioria das pessoas, seja por conta da preferência de ouvir sozinhoa ou até mesmo por não ter alguém para escutar junto.

Você relaciona música a alguma atividade no cotidiano, como lavar louça ouvindo música? Se sim, qual?

Você sente que ouvindo música suas atividades têm um melhor rendimento?

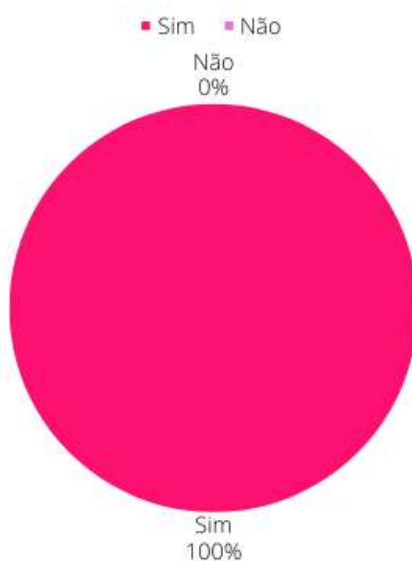
Gráficos 6 e 7 – Você ouve música enquanto faz alguma atividade? Você se sente mais produtivo quando escuta música?



Ambas as perguntas tiveram números parecidos, a maioria das pessoas que responderam, quinze de dezessete pessoas, disseram que gostam sim de ouvir música enquanto praticam suas atividades cotidianas e, dessas quinze pessoas, treze delas, acham que ouvir música enquanto praticam atividades e trabalham pode tanto aumentar o rendimento, quanto relaxar e fazer o que estiverem fazendo com maior maestria. Duas disseram que ouvir música no cotidiano não é um hábito frequente, e duas disseram que ouvem sim música diariamente, porém, em momentos de relaxamento e não durante outras atividades. Isso mostra como a música pode sim auxiliar cognitivamente pessoas nessa faixa etária.

Gráfico 8 - Como a música influencia nos seus sentimentos?

**VOCÊ ACHA QUE A
MÚSICA INFLUÊNCIA
NOS SENTIMENTOS**



Todas as respostas foram positivas, concordam que a música influencia, e muito, nos sentimentos das pessoas. Todas ressaltaram os sentimentos que sentem sendo passado pelas músicas, o que as fazem sentirem felizes e confortáveis.

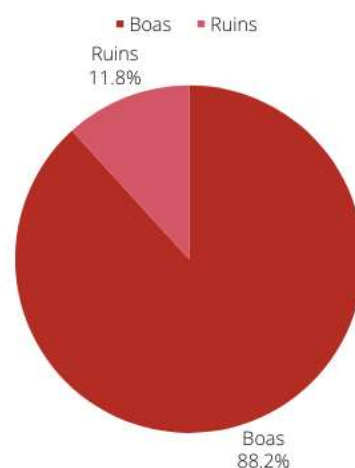
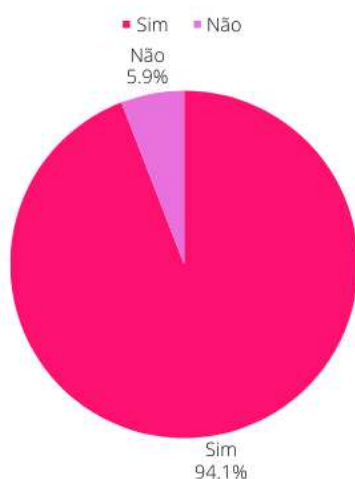
Uma resposta em específico chamou a nossa atenção: "A música eleva a gente, a alma da gente, transcende, viaja, influencia muito". Essa resposta mostra a forte ligação que acontece entre pessoas com idade avançada, a música e a religião, onde grande parte das entrevistadas disseram ouvir músicas religiosas para se sentir bem em momentos tristes.

Esta também é uma maneira da música influenciar o cognitivo de pessoas idosas, funcionando como ferramenta para outras finalidades, como a religião, seguindo esse exemplo.

Gráficos 9 e 10 - A música te traz alguma lembrança?

**A MÚSICA TE TRAZ
ALGUMA LEMBRANÇA?**

**LEMBRANÇAS BOAS OU
RUINS?**

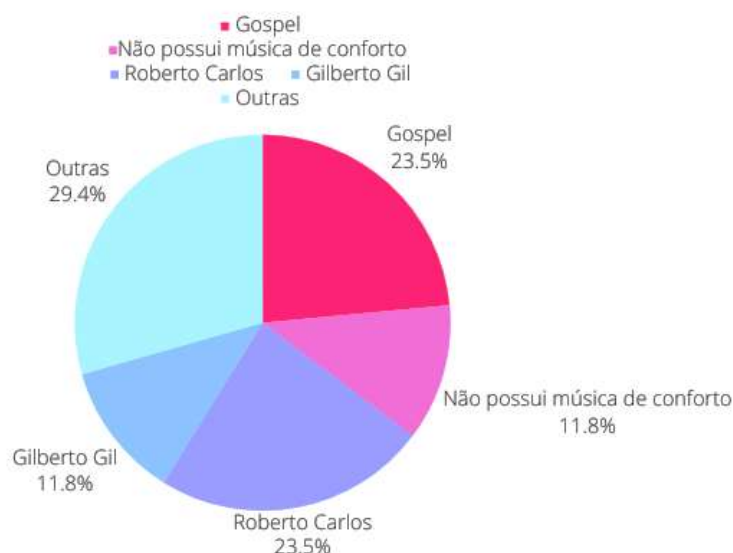


A música tem sim a funcionalidade de ajudar na memória segundo nossa pesquisa. Todos os entrevistados disseram se lembrar de algo quando ouvem músicas, como colocado por nós durante o trabalho.

Todas disseram ter sim sentimentos bons, mas não apenas isso. Seis pessoas de dezesseis disseram que os sentimentos negativos também são passados através da música para elas. As outras dez pessoas disseram que além do sentimento bom, a nostalgia é algo muito presente, e que quando escutam músicas "da sua época", sentem como se voltassem no tempo, lembrando principalmente de familiares. O que nos remete a outra função que a música pode sim exercer, aproximar pessoas cada vez mais, como as famílias que ouvem junto músicas em festas e lugares públicos.

Gráfico 11 – Você possui alguma música de conforto?

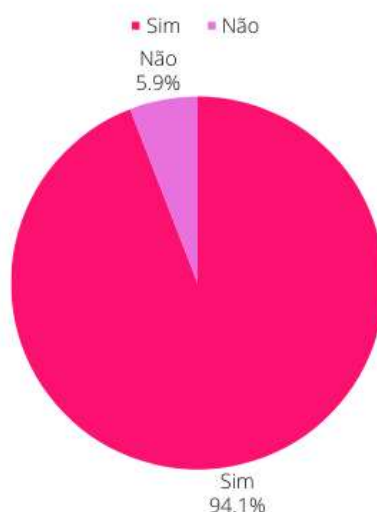
**POSSUI ALGUMA MÚSICA
DE CONFORTO?**



É perceptível que a maioria das pessoas entrevistadas possuam um gosto musical referente a época a qual viveram, sendo a maior parte das respostas o Roberto Carlos. A outra maior parte a música gospel, visto que é um elemento sociocultural do Brasil, onde a grande parte da população tem tradições do cristianismo muito presentes, principalmente nas pessoas mais velhas as quais estão mais atreladas nesse aspecto.

Gráfico 12 – Você sente diferença de ouvir músicas hoje em dia comparado com mais novo(a)?

**VOCÊ SENTE DIFERENÇA
AO OUVIR MÚSICAS HOJE
EM DIA COMPARADO DE
QUANDO ERA MAIS
NOVO(A)?**



Nessa pergunta, a maioria citou o saudosismo pelas músicas mais antigas, a diferença de sentimentos que andam em conjunto com as músicas antigas. Houve respostas como "hoje em dia eu tenho tempo pra ouvir e entender melhor as músicas", que nada mais é do que o reflexo da necessidade do trabalho que começava o quanto antes para poderem ajudar na casa. Outra resposta diferente foi a de que a sensação de mudança causava melancolia por conta de relembrar o passado.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FRANCO, Maria Laura P. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

APÊNDICE A

- 1- Qual seu nome?
- 2- Qual seu gênero?
- 3- Qual sua idade?
- 4- Status de relacionamento?
Solteiro
Namorando
Casada
Outro:
- 5- Você gosta de escutar música?
- 6- Você trabalha ou já trabalhou?
- 7- Com qual frequência você escuta música?
Todo dia
Grande parte da semana
Periodicamente
De vez em quando
Outros:
- 8- Por qual meio você escuta música?
- 9- Você relaciona música a alguma atividade no cotidiano, como lavar louça ouvindo música? Se sim, qual?
- 10- Você sente que ouvindo música suas atividades têm um melhor rendimento?
- 11- Você acha que a música influencia nos seus sentimentos?
- 12- A música te traz alguma lembrança?
- 13- Se a música te traz alguma lembrança, ela está atrelada a algum sentimento bom?
- 14- Você ouve música sozinho(a) ou com alguém?
- 15- Você possui alguma música de conforto? Uma música a qual você se sente bem em ouvi-la
- 16- Você sente diferença de quando escutava música quando mais novo(a) e agora?

O SONHO COMO CAMINHO PARA INDIVIDUAÇÃO DESDE A INFÂNCIA: uma revisão bibliográfica

Stephany Matias de Oliveira Crisostono
Graduanda em Psicologia – Uni-FACEF
crisostonostephany@gmail.com

Maria Cherubina de Lima Alves
Profa. Dra. em Serviço Social - Docente do curso de Psicologia do Uni-FACEF
mcherubina@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos dias, em vigília o sujeito é atravessado a cada instante por diversos estímulos visuais, táteis, sensoriais e auditivos, que convidam o indivíduo a se relacionar conscientemente com as representações externas. Em momentos do dia, ou normalmente à noite, o estado de inconsciência é experienciado através do sono, e assim, o sujeito é comunicado, e faz parte de uma realidade não controlada, mas que genuinamente o representa, os sonhos (Ribeiro 2019).

Atualmente, existe uma dificuldade de legitimação dos sonhos, mas na antiguidade, eles eram reconhecidos como elemento primordial de previsão do destino, tomada de decisões e comunicação com a espiritualidade (Ribeiro, 2019). O neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, que se dedicou a uma pesquisa minuciosa sobre os sonhos afirma: “se os antigos se deixavam guiar pelos sonhos, a intimidade dos contemporâneos com eles é bem menor” (Ribeiro, 2019, p. 12).

Na psicologia, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) e seus contemporâneos são os que mais se dedicaram e ainda se empenham em estudar dos sonhos, uma vez que os junguianos os definem como o aspecto primordial na análise psicológica de um sujeito. De acordo com o autor, as pessoas sonham constantemente, mas a consciência gera ruídos que podem impossibilitar o indivíduo a ouvir o sonho quando desperta (Jung, 2011). Por isso, o registro é um mecanismo importante, se existe o interesse em explorar e compreender os conteúdos oníricos.

Aqui toma-se uma definição do sonho para Jung (2011, p. 15):

O sonho é, conforme sabem, um fenômeno natural. Não é fruto de uma intenção. Não podemos explicá-lo a partir de uma psicologia que provém da consciência. Trata-se de um modo específico de funcionamento que não depende da vontade e do desejo, da intenção ou do objetivo do Eu humano. É um acontecimento não intencional, assim como todos os acontecimentos da natureza.

Diante disso, o objetivo do presente é artigo evidenciar a importância dos sonhos para a psicologia analítica e para a neurociência, trazendo como destaque sua relevância no processo de individuação – definido por Jung como caminho de integração psíquica e autoconhecimento desde a infância. A metodologia utilizada é uma revisão bibliográfica, analisando livros e artigos científicos relacionados ao tema. A primeira seção traz o olhar para o sujeito com as lentes da psicologia analítica junguiana, posteriormente será exposto o sonho e sua relevância para a neurociência e psicologia, além de evidenciar o sonho como um caminho para o processo de individuação.

2. O OLHAR PARA O INDIVÍDUO SOB A PERSPECTIVA ANALÍTICA JUNGUIANA

A psicologia analítica junguiana, anteriormente conhecida como psicologia profunda é uma abordagem teórica criada por Carl Gustav Jung, após o seu rompimento com Sigmund Freud em decorrência de divergências teóricas. Desde o início da fundamentação teórica baseada em experiências, Jung define o inconsciente (pessoal e coletivo) como um dos principais focos da sua abordagem, compreendendo que a sua exploração possibilita o contato íntimo com as implicações e dualidades da alma humana, e de acordo com o autor apenas a partir dessa integração o sujeito se desenvolverá psiquicamente e estará no caminho da individuação (Silveira, 2023).

Para Jung, o inconsciente se subdivide em dois, como mencionado anteriormente, o inconsciente pessoal descreve as camadas mais próximas da superfície do inconsciente, cujos limites com a nossa consciência não são bem definidos. Como conteúdo, o inconsciente pessoal contempla percepções e impressões tão sutis que não possuem energia suficiente para alcançar a consciência plena, assim como associações de ideias ainda vagas, lembranças de eventos passados que se perderam da memória consciente, recordações dolorosas

e, principalmente, conjuntos de representações carregadas de emoções intensas, que são incompatíveis com a nossa postura consciente (os chamados complexos) (Silveira, 2023).

Sobre o inconsciente coletivo, Silveira (2023 p.52) detalha:

Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a este substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente em conteúdos capazes de se tornarem conscientes, mas em disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independente de todas as diferenças raciais. Deste modo, pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os seres humanos em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto.

Assim, o inconsciente coletivo sendo a camada mais profunda da psique, contempla em si os arquétipos e figuras arquetípicas. Os arquétipos são compostos por imagens, memórias e lembranças pré-infantis definido por Jung como *“resto da vida dos antepassados”* (Jung, 2008, p. 89). Silveira (2023), complementa que o arquétipo não seria composto por conteúdos inatos, mas essas formações psíquicas surgiriam como resultado do acúmulo de inúmeras impressões deixadas por experiências essenciais e compartilhadas por toda a humanidade ao longo dos anos.

O funcionamento psíquico de acordo com a psicologia analítica é regido a partir do ego (centro da consciência), que possibilita as atividades humanas. Mas, para estar próximo ao si mesmo (Self¹) através do processo de individuação, e viver uma vida significativa para si e para o mundo, é necessário o contato com os aspectos do inconsciente (coletivo e pessoal) que contemplam não só os arquétipos, como os conteúdos da sombra² (Stein, 2006)

Diante disso, compreende-se que os aspectos inconscientes podem surgir de diversas maneiras no dia a dia do indivíduo, pois fazem parte da psique, e

¹ O Self é o arquétipo do si mesmo, pode ser definido como o processo de tornar-se um indivíduo completo e integrado. (Jung, 2013b, p. 83). O termo é escrito com letra maiúscula seguindo a tradução original e recomendada por Jung, pois indica a sabedoria divina interior que ele representa.

² “A sombra é uma massa espessa de componentes diversos, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas, negrimes assustadores” (Silveira, 2023, p. 105).

possuem conteúdos valiosos para o desenvolvimento do sujeito. Assim, eles podem surgir em gafes, reações intensas e através do sonho, aspecto primordial para criador da teoria.

O próprio autor Carl Gustav Jung, vivenciou grandes experiências com os próprios sonhos, e conta isso com detalhes em sua biografia. Um dos exemplos relatado por Jung em sua conhecida biografia Memórias, sonhos e reflexões (Jung, 2016), foi quando ele enfrentava dúvidas sobre qual área – curso de ensino superior - ele deveria seguir, suas opções no momento era ciências naturais e humanidades. Em meio à dúvida, Jung teve dois sonhos, no primeiro ele estava caminhando em uma floresta sombria, encontra um túmulo próximo a uma pequena colina e começa a cavar, no fim encontra ossos de animais pré-históricos. No segundo sonho, Jung se viu novamente em uma floresta com riachos correndo e um canto sombrio, esférico, com muitas cores e brilhante, feito de células minúsculas parecidos com tentáculos, ele achou surpreendente que essa criatura magnífica tivesse permanecido intacta naquele lugar secreto, sob a água límpida e profunda. A partir disso, despertou uma curiosidade profunda em Jung, que acordou com o coração acelerado após essa experiência (Jung, 2016).

Este é um exemplo valioso, pois evidencia uma das primeiras decisões tomadas por Jung a partir dos sonhos, antes de se aprofundar ou sequer conhecer bem a psicanálise, a partir disso ele escolhe cursar medicina, a opção que naquele momento era mais próxima as ciências da natureza, uma área que através dos sonhos percebeu como uma escolha significativa para si (Jung, 2016).

O sonho contempla em si imensas possibilidades, e vêm ao sonhador revelar algo primordial, de acordo com a psicologia analítica, se atentar ao material onírico é estar próximo ao sentido da própria vida. Von Franz (1988) detalha:

Os sonhos não nos protegem das vicissitudes, doenças e eventos dolorosos da existência. Mas eles nos fornecem uma linha mestra de como lidar com esses aspectos, como encontrar um sentido em nossa vida, como cumprir nosso próprio destino, como seguir nossa própria estrela, por assim dizer, a fim de realizar o potencial de vida que há em nós (Von Franz, 1988, p. 12).

Assim, percebe-se a relevância dos sonhos na vida dos indivíduos, e sua grande relevância na psicologia analítica junguiana, isso devido às experiências pessoais de Jung com os próprios sonhos, os atendimentos que ele realizou ao

longo da vida que possibilitaram um embasamento teórico/científico para o fenômeno na abordagem, e serão descritos nos próximos tópicos deste artigo.

3. O SONHO

3.1 O Sonho para a Neurociência e para a Psicologia Analítica

Ribeiro (2019) realizou um estudo minucioso acerca dos sonhos, e um dos aspectos que o autor traz como na contemporaneidade as pessoas sabem o que os sonhos são, mas tem uma relação de pouca intimidade com eles. Para Sidarta Ribeiro, neurocientista:

O sonho em geral nos aparece como um filme de duração variável, muitas vezes de início indefinido, mas quase sempre levado até um desfecho conclusivo. Numa definição preliminar, o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias. Dele participamos normalmente como protagonistas, o que não significa que tenhamos controle sobre a sucessão de eventos que perfazem o enredo onírico. Por atuarmos nele sem conhecer seu roteiro e direção, muitas vezes experimentamos surpresa e até mesmo euforia durante o sonho (Ribeiro, 2019, p. 12-13).

Assim, o sonho é um aspecto intimamente ligado à memória, é definido como o resultado da relação de conteúdos internos do indivíduo com conteúdos externos, o sonho é o canal das reverberações. Ribeiro (2019) ainda revela como entender o significado de um sonho exige uma análise cuidadosa da situação de vida e dos sentimentos do sonhador, e essa compreensão pode gerar mudanças significativas em sua vida.

Na psicologia, Freud interpreta o sonho como representação dos desejos sexuais reprimidos, com o olhar psicanalítico ortodoxo, mas Jung discorda dessa afirmação e amplia o significado do conceito revelando acreditar que os sonhos comunicavam não só aspectos do passado, mas também conteúdos que faziam parte do presente e do futuro do indivíduo no contexto em que ele estava inserido (Ramalho, 2010). Diferentemente de Freud, para quem os sonhos mascaravam a verdade como um véu para desejos reprimidos, “Jung acreditava que o sonho tendia a mostrar a verdade que a consciência ainda não havia percebido” (Ramalho, 2010, p. 154).

Jung, define o sonho como uma criação psíquica, uma representação genuína e espontânea do inconsciente, ainda afirma que o sonho é aquilo que é,

sem disfarce algum, é uma coisa viva (Jung, 2013b). De acordo com o autor “o sonho é o teatro em que o sonhador é, simultaneamente, a cena, o ator, o ponto, o diretor, o autor e o crítico” (Jung apud Humbert, 1985, p. 29).

Os sonhos são natureza pura; eles nos mostram a verdade natural, sem maquiagem, e por isto se prestam nada mais do que a dar-nos de volta uma atitude que está de acordo com a nossa natureza humana básica, quando nossa consciência se desviou demais de seus fundamentos e chegou a um impasse (Jung, 1999, p. 78).

Ribeiro (2019) traz o sonho como uma experiência ancestral, a partir de registros históricos e enfatiza como os povos antigos se relacionavam com os sonhos. De acordo com o autor “todas as grandes culturas da Antiguidade apresentam referências ao fenômeno onírico, marcadas em cascos de tartaruga, tablets de barro, paredes de templos ou papiros” (Ribeiro, 2019, p. 20). Neste período os sonhos tinham o objetivo de desvendar o futuro, ler a sorte e verificar o destino dos deuses. A Grécia antiga, o Egito e a Mesopotâmia são exemplos de territórios que levava os sonhos a sério, e eles faziam parte não só do dia a dia da população, mas em escolhas políticas e na medicina (Ribeiro, 2019).

Ao pensar no significado de arquétipos e figuras arquetípicas, é possível que imagens registradas em artefatos históricos na antiguidade apareçam em sonhos de pessoas na atualidade, esse conteúdo se apresenta como material simbólico com relação a implicações psíquicas do sonhador ou do contexto em que ele está inserido. Jung (1964, p. 38) afirma que “as imagens e ideias contidas no sonho não podem ser explicadas apenas em termos de memória; expressam pensamentos novos, que ainda não chegaram ao limiar da consciência”. Ou seja, o sonho estabelece uma relação entre consciente e inconsciente e traz à tona a vida do sonhador, de alguma forma, seja através do seu contexto sócio-histórico, suas relações humanas ou o seu conteúdo interno.

Os sonhos citados anteriormente, podem ser denominados “sonhos arquetípicos” e Jung os definem com um elevado grau de importância, pois a criação inconsciente do sonho pode revelar um conteúdo para além da dinâmica psíquica individual do sujeito, contemplando aspectos referidos à humanidade (Robertson 1992, apud Ramalho, 2010).

Dentro do mundo onírico há infinitas possibilidades de sonhos, pois a criação psíquica é realizada a partir do inconsciente do sujeito, mas no que tange a

interpretação e compreensão do que o sonho deseja comunicar ou relevar, é necessário que um analista realize a interpretação. Von Franz (1988) ~~conta~~ relata episódios em que levava seus sonhos para Jung analisar, e, de acordo com ela, o próprio autor compartilhava os próprios sonhos com seus discípulos para que pudessem fazer uma análise. Von Franz afirma que o sonho sempre deseja nos revelar algo, e não é um aspecto óbvio, mas que necessita de um olhar cuidadoso (Von Franz, 1988)

Von Franz (1988) faz uma relação do ponto chave do sonho como as costas, evidenciando que é impossível enxergar as próprias costas sozinho, é um ponto cego, que no sonho foge da consciência, e é necessário um olhar externo de questionamento e reflexão ao sonhador, para que ele compreenda em profundidade o objetivo daquele sonho quando ele surgiu.

4. O SONHO COMO CAMINHO PARA INDIVIDUAÇÃO

O sonho é sem dúvidas um elemento primordial da psique, sob o olhar junguiano, mas desde quando o indivíduo sonha? E de que forma é possível identificar e interpretar os sonhos? Ribeiro (2019) em sua pesquisa extensa sobre esse tema, traz um mapeamento de registros históricos e científicos sobre o início dos sonhos na vida psíquica do sujeito. De acordo com o estudo (Ribeiro, 2019), é comum que mães afirmem e acreditem fielmente que os seus bebês sonham, e percebem isso através de reações, expressões faciais e movimentações corporais do recém-nascido, mas cientificamente isso ainda não pode ser comprovado. Ribeiro (2019) afirma que a linguagem é o instrumento em que o ser pode compartilhar o seu conteúdo onírico, e assim explorar os sentidos e significados, no entanto até a criança conseguir de alguma forma comunicar o que foi sonhado, o conteúdo não pode ser analisado, por não saber do que se trata o sonho.

É apenas no transcorrer do sonho em si que o verdadeiro enredo onírico é acessível, ainda desprovido das associações adicionais realizadas pelo eu desperto logo após deixar o sono. E como sabe toda pessoa não treinada na arte de lembrar sonhos, o despertar traz consigo o esquecimento. Se mesmo o próprio sonhador tem dificuldade de lembrar com fidelidade os eventos experimentados durante o sonho, pesquisar sonhos de outras pessoas exige o exame de narrativas de segunda mão, só acessíveis pela linguagem (Ribeiro, 2019, p.130).

A medida em que a criança cresce e adquire a linguagem, é possível adentrar em seu mundo onírico e compreender minuciosamente o significado de seus sonhos (Ribeiro, 2019). Jung (2011), em sua obra *Seminário sobre sonhos de crianças*, explora de maneira detalhada alguns sonhos de crianças recordados por adultos. Nestes casos, o analista expõe que há uma dificuldade pois os questionamentos não podem ser realizados diretamente à criança, mas são utilizadas outras ferramentas para explorar de maneira significativa o conteúdo onírico e compreender o que ele deseja comunicar.

Jung (2011) complementa que ouvir os sonhos das crianças diretamente também é desafiador, isso porque há possibilidades da criança não comunicar algum acontecimento do sonho e ainda ter dificuldades em fazer associações. O autor afirma que “esses primeiros sonhos são particularmente significativos, pois emanam das profundezas da personalidade e não raro apresentam uma antecipação do destino” (Jung, 2011, p. 15).

Os sonhos infantis que aparecem mais tarde, a menos que tenha o intuito de revelar aspectos imprescindíveis da psique do indivíduo – com influência do *Self*. Na adolescência e no início da vida adulta, até por volta dos vinte anos, os sonhos ganham mais relevância novamente. Depois disso, eles tendem a se tornar menos importantes, mas voltam a ter um peso maior a partir dos 35 anos de idade, esse é um mapeamento do sonho na maioria dos casos, não uma regra para todas as pessoas (Jung, 2011).

Se lembrar dos sonhos na contemporaneidade é um dilema, existem diversos fatores que corroboram com este impedimento, tanto o uso excessivo de telas que afetam a memória, quanto a qualidade do sono. Ribeiro (2019) traz à tona que violências física e econômica costumam produzir um impacto significativo no sono, vários estudos apontam para problemas de sono em populações em vulnerabilidade social. “As condições adversas que levam a isso incluem estresse, ansiedade, ambientes inseguros, quartos superlotados e condições desconfortáveis de ruído, temperatura e umidade, entre outros” (Ribeiro, 2019, p. 142). Dessa forma, entende-se que o contexto também influencia diretamente a relação que o indivíduo tem com os sonhos, pode dificultar ou viabilizar possibilidades de compreensão do conteúdo onírico como parte significativa da psique.

Sobre a interpretação dos sonhos, Jung (2011) traz a relevância em analisá-los de maneira cuidadosa e compreender em profundidade as representações simbólicas e arquetípicas para de fato obter um significado real do material onírico. O autor traz também o que significa as séries oníricas, e como elas podem possibilitar uma interpretação do sonho próxima ao seu verdadeiro objetivo, principalmente em sonhos de crianças, que podem se apresentar com lacunas. De acordo com Jung (2011, p. 16)

Nas séries oníricas os sonhos encontram-se interligados de modo coerente. É como se procurassem expressar a partir de perspectivas sempre diversas um conteúdo central. Quando tocamos nesse núcleo significativo, encontramos a chave para explicar os sonhos individualmente.

Jung (2011) também evidencia quatro núcleos de significação que podem orientar a interpretação dos sonhos. O primeiro eixo que autor apresenta é “o sonho que representa a reação inconsciente frente uma situação consciente” (Jung, 2011, p. 18). São sonhos que revelam um episódio ou situação consciente, acompanhada posteriormente de uma resposta inconsciente, essa resposta no sonho é revelada como uma manifestação que reflete de maneira complementar ou compensatória a impressão genuína que se obteve na situação. (Jung, 2011).

O segundo eixo de significação apresentado pelo psiquiatra Suíço, são os sonhos “que representam uma situação fruto do conflito entre consciência e inconsciente” (Jung, 2011, p. 18). Neste caso, como próprio autor traz, o inconsciente se revela de maneira espontânea e autêntica, e a resposta a situação é tão distinta da consciência que se estabelece um conflito entre ambas.

O terceiro eixo revela o sonho que “representa a tendência do inconsciente cujo objetivo é uma modificação da atitude consciente” (Jung, 2011, p. 18). Em sonhos como estes, a posição contrária tomada pelo inconsciente é mais forte que a posição consciente. O sonho simboliza uma descida que tem início no inconsciente e avança e direção à consciência. Podem ser definidos como sonhos significativos e transformadores, que podem modificar e fazer com que o indivíduo assuma esta atitude na vida.

O quarto e último eixo revela o sonho como “representação de processos inconscientes que não evidenciam uma relação com a situação consciente” (Jung, 2011, p. 18). No geral, estes sonhos são peculiares, e com uma

alta complexidade de compreensão, não possuem representações de fácil interpretação. Designados por Jung como “sonhos grandes”, são produções espontâneas e reveladoras do inconsciente, podem ser de natureza oracular, e podem ser experimentados como iluminação, possibilidades de caminhos.

Pensar nesses eixos, criados por Jung com todo cuidado após suas experiências de análise, revela como os sonhos são de fato produções do inconsciente que revelam aspectos primordiais, com a influência do arquétipo da totalidade que é o si mesmo. Von Franz (1997, p.41) acerca dos sonhos afirma: “podemos dizer que os sonhos são cartas que o Self nos escreve a cada noite, dizendo-nos para fazer um pouco mais disso ou daquilo, ir para um lado ou para outro”.

Diante disso, compreende-se que o sonho é um caminho valioso para o processo de individuação, que para Jung, é a aproximação do si mesmo. Nise da Silveira (2023), psiquiatra brasileira que se dedicou a estudar a psicologia analítica junguiana afirma onde o processo de individuação se manifesta:

Precisamente no confronto do inconsciente com o consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro (Silveira, 2023, p. 61).

Diante disso, compreende-se que o sonho é um caminho para individuação, pois através das produções inconscientes é viabilizado o contato maior com as dualidades da alma humana, possibilitando a integração de ambos os lados da psique, desde a infância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do vasto referencial bibliográfico pesquisado, notou-se a relevância do sonho como forma de contato e reconhecimento dos conteúdos inconscientes da psique. Jung define o sonho como autodescrição da vida psíquica (Jung apud Silveira, 2023), é como se todos os sonhos – ou pelo menos os que são recordados – pudessem auxiliar de alguma forma no processo de autoconhecimento e de integração própria, desde a infância.

A pesquisa possibilitou verificar a relevância e significação dos sonhos não apenas no período histórico, mas em pesquisas científicas empíricas e práticas terapêuticas realizadas por Ribeiro (2019) e Silveira (2023), por exemplo. A partir disso, é necessário, compreender a relevância dos sonhos através do conhecimento, e torná-lo acessível a comunidade em geral, para que compreendam a importância dos sonhos na vida psíquica individual e coletiva. Ribeiro (2019) evidencia que é imprescindível ensinar as crianças a não temer o sonho, mas incentivá-los desde pequenos a se relacionarem com o conteúdo onírico.

Propiciar um espaço de “escuta” e exploração do mundo onírico possibilita o autoconhecimento profundo, contribui para a integração da razão e emoção. Estes elementos contribuem na educação para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, considerando o avanço psíquico e socioemocional.

É importante ressaltar, que essa função vai além das iniciativas parentais, ou das figuras de cuidado, as escolas, e instituições em que as crianças estão inseridas podem incentivar o contato com o material onírico, propiciando atividades que os convidem a contar sobre os sonhos e construir imagens/produções artísticas baseadas em seus sonhos. Sob essa perspectiva, escola e família também possuem a função de educar para a vida em comunidade, e vivência em cidadania. O sonho pode auxiliar, se bem usado, no respeito às diferenças e inteireza singular de cada pessoa

O objetivo do presente artigo foi evidenciar a importância dos sonhos para a psicologia analítica e para a neurociência, trazendo como destaque sua relevância no processo de individuação – definido por Jung como caminho de integração psíquica e autoconhecimento, e que se inicia na infância. Nota-se que o intuito foi alcançado ao expor minuciosamente a importância do sonho e as possibilidades de significação, baseadas na teoria junguiana.

REFERÊNCIAS

- HUMBERT, Elie. *Jung*. São Paulo, Summus, 1985.
- JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (Obras Completas de C. G. Jung, v. 9/1). Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças.* ¹ 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente.* 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. (Coleção Obras Completas de C. G. Jung, v. 7/1).

JUNG, C. G. *A natureza da psique.* Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. (Obras completas de C. G. Jung, v. 8/2)

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

RAMALHO, Cybele M. R. (Org.). *Psicodrama e Psicologia Analítica - construindo pontes.* São Paulo: Iglu, 2010.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019

SILVEIRA, Nise. da. *Jung: vida e obra.* Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

STEIN, M. Jung: *O Mapa da Alma - Uma Introdução.* São Paulo: Cultrix, 2016.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O Caminho dos Sonhos.* São Paulo: Cultrix, 1988

PERSPECTIVA DE FUTURO EM ADOLESCENTES EM UMA CIDADE INTERIORANA: uma pesquisa- intervenção com foco na promoção da psicoeducação e da qualidade de vida

Isabela Fernandes Bareense
Graduanda em Psicologia – Uni-FACEF
belabareense@gmail.com

Maria Cherubina de Lima Alves
Doutora em Serviço Social e docente do curso de Psicologia – Uni-FACEF
mcherubina@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser vista de diversas formas dependendo da cultura. Na cultura ocidental é vista como uma fase em que o jovem nem é mais uma criança, mas ainda não se desenvolveu o suficiente para se tornar um adulto. Segundo Papalia (2013), o período em que se compreende a adolescência são as idades entre 11 e 19 ou 20 anos. Para a autora esta fase é caracterizada além da faixa etária característica deste período, já que a entende como resultado de uma construção social, e foi apenas definida como estágio da vida separadamente da infância e da fase adulta no século XX. Por isso, vemos a adolescência atrelada às transformações fisiológicas que são características da puberdade, porém a juventude vai além de um fenômeno de mudanças corporais, podendo ser atravessada também por questões de ordem social, cultural, histórica e psicológica.

Apesar de existir autores na contemporaneidade que discutem a divergência entre adolescente e jovem, neste artigo as duas palavras serão usadas como sinônimos.

No livro “A adolescência” de Contardo Calligaris (2000), o autor usa a analogia de aero náufragos para explicar o conceito de adolescência na contemporaneidade. Na analogia, o autor conta a história fictícia de um avião que é forçado a pousar no meio da floresta amazônica e uma tribo indígena os acolhe, mas explica que para que esses aero náufragos façam parte da tribo inteiramente eles terão que passar 12 anos aprendendo todos os costumes e a cultura da tribo. Após os 12 anos passarem, eles já falam a língua corretamente, conhecem todos os

costumes e se sentem pertencentes à cultura, mas os anciões dizem que eles ainda não estão prontos para assumir grandes responsabilidades e para de fato pertencer a tribo e que terão de esperar mais 10 anos.

Com isso, não é uma surpresa que os aero náufragos se sintam frustrados e com raiva, pois passaram 12 anos de sua vida se dedicando para aprender a língua, como aquela população se comporta e vive, e quando se sentem prontos são colocados em um limbo onde não são nem recém-chegados e nem pertencentes à tribo. Assim, é normal esperar comportamentos como rebeldia e insatisfação deste grupo (Calligaris, 2000).

Logo, pensar na construção desse estágio da vida em áreas rurais significa contemplar as especificidades impostas pelo meio, como a distância de serviços de saúde e instituições de ensino que os jovens do meio rural enfrentam diariamente como desafios (Collins; Tinkwen; Logan, 2008; Lama; Fernandez; Léon, 2002). Também é importante pontuar sobre os projetos de vida, em que os jovens percebem que as diferenças entre a vida na cidade e no campo dizem respeito não apenas no tipo de projeto de vida, mas sim nas formas de alcançá-lo e principalmente, colocá-lo em prática (Furlani; Bonfim, 2010). Com isso, estima-se que a educação no meio rural, como política pública, deva ser diferenciada, compreendendo o contexto desses jovens e não os comparando com outros jovens.

Um importante fator de proteção ao desenvolvimento saudável na adolescência tem sido o construto de expectativas quanto ao futuro, pois o pensamento sobre o futuro motiva o comportamento cotidiano e influencia as decisões, escolhas e atividades que afetarão a realização futura (Beal; Crockett, 2010; Nurmi, 1991; Sunderberg; Poole; Tyler, 1983). Tal perspectiva de futuro citada consiste ao estabelecer metas de vida, que também podem ser chamadas de tarefas de vida, projetos pessoais ou possíveis *eus* “*possible selves*” (Brickman; Miller, 2001; Markus; Nurius, 1986).

O **objetivo geral** deste artigo é mapear e estudar as perspectivas de futuro dos adolescentes do Ensino Médio, promovendo um grupo em que será explorado diversas abordagens e atividades para engajar os jovens a buscar o que querem para o futuro.

E como **objetivos específicos**, é possível elencar os seguintes:

- Promover a psicoeducação através do grupo de reflexão;
- Identificar atividades de pesquisa para engajar os jovens a serem participantes ativos em suas vidas;
- Elaborar atividades e abordagens para que os adolescentes despertem interesse em tal assunto.

2. METODOLOGIA

A respeito da metodologia, esse trabalho se caracteriza como uma pesquisa-intervenção (Lewin, 1978), utiliza-se de abordagem qualitativa para análise de dados e se justifica uma vez que, propõe um grupo interventivo e de reflexões com os jovens a respeito de perspectivas de futuro.

A metodologia escolhida busca integrar a teoria e a prática, visando não apenas a produção de conhecimento, mas juntamente há a transformação social e individual dos indivíduos. A pesquisa também é caracterizada pelo diálogo constante entre a pesquisadora e os participantes, promovendo um espaço de troca e construção conjunta (Chassot; Silva, 2018).

Segundo o conceito de Ciclo de Ação-Reflexão de Lewin (1978), a metodologia promove um ciclo contínuo de ação e reflexão, em que as intervenções são planejadas, executadas, avaliadas e ajustadas com base nas reflexões e *feedbacks* dos participantes e da pesquisadora.

Além disso, é como uma metodologia de investigação que a pesquisa-intervenção se caracteriza, no aspecto da transversalidade. Pois procura envolver os conhecimentos de todos que compõem o campo de pesquisa, os relacionando como coautores de uma prática de produção de saberes que nunca se separa do próprio processo de intervenção (Chassot; Silva, 2018). Por isso, ao se tratar de uma pesquisa ativa ou participante, por envolver a participação ativa dos participantes da pesquisa, não apenas como objetos de estudo, a pesquisadora fará anotações sucessivas de suas experiências em campo, por meio de um diário.

A pesquisa foi desenvolvida através de encontros com grupos de adolescentes estudantes de uma escola pública, sendo estes planejados para 15

encontros, de no mínimo 1 hora de duração, até no máximo 1 hora e meia, dependendo da atividade que é proposta em cada um dos encontros.

Os encontros têm objetivos específicos, planejados a partir de temas específicos a serem trabalhados, porém, com o respeito do tema, algumas atividades poderão ser adaptadas conforme a pesquisadora avalie o andamento do grupo, visando uma maior aderência dos participantes e maior produtividade conforme as características específicas do grupo que só serão conhecidas durante o seu desenvolvimento.

O grupo é composto por 10 alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio, de uma escola no interior do estado de São Paulo, com características rurais. O principal instrumento da pesquisa são os grupos de encontro, a partir dos quais a pesquisadora trabalhou com os participantes temáticas relevantes para o desenvolvimento da cartilha sobre como tratar o assunto de perspectiva de futuro com adolescentes que estão no Ensino Médio na aula de Projeto de Vida.

Outro instrumento a ser utilizado para a coleta de dados será uma medida *Perceived Life Chances* (Costa; Jessor; Donovan, 1990) traduzida e adaptada por Gunther e Gunther (1998), a medida adaptada com o nome de Como Você Vê Seu Futuro, possui 11 perguntas cujo sujeitos responderá através de alternativas que variam de 1 (correspondendo a chances muito altas) a 5 (correspondendo a chances muito baixas). Também são solicitadas informações demográficas como data de nascimento, escolaridade, gênero, profissão do pai e da mãe, situação de trabalho do respondente. Para efetuar a análise estatística e apresentar os resultados, as opções serão invertidas. Essa medida será aplicada duas vezes, uma ao início do grupo e a outra na finalização dele, com função de compreender o efeito do grupo de jovens (Gunther; Gunther, 1998). Portanto, agora, apenas foi aplicada uma vez, pelo grupo não ter finalizado ainda.

Foi proposto algumas atividades para os jovens do grupo, para que eles pesquisem sobre suas histórias, histórias das famílias e quaisquer materiais escritos foram coletados como dados. Além da realização de oficinas de arte para a reflexão do tema, uma vez que a arte pode ser vista como uma possibilidade de estratégia pela Promoção da Saúde, por permitir o autoconhecimento, interação social e empoderamento (Bittar; Bolzani; Tonello, 2016).

Como já descrita como uma pesquisa-intervenção, a formação do grupo em si já será interventiva, e a proposta de engajar os jovens a se sentirem donos de sua própria história, foi uma tentativa proposta.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Franca – Uni- FACEF, sobre o número do parecer 7.229.478. Todos os cuidados éticos foram respeitados para preservar a identidade dos participantes. Ressalta-se que os participantes da pesquisa receberam todas as informações necessárias sobre tal. Depois de elucidadas todas as dúvidas, com o aceite, os pais e responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido juntamente de uma Autorização de Uso de Imagem para possíveis publicações do artigo e os adolescentes assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido autorizando a própria participação na pesquisa.

3. A ADOLESCÊNCIA NOS ANOS 2000

No contexto brasileiro, a juventude (como já falado anteriormente, neste trabalho juventude será utilizado como um sinônimo de adolescência) foi integrada como categoria social e jurídica com a aprovação da Lei da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, que definiu juventude como indivíduo com idade entre 12 e 18 anos. Esta lei traz uma nova perspectiva sobre os direitos e obrigações da geração jovem e seu reconhecimento como sujeitos da justiça no desenvolvimento (Brasil, 1990). Existem autores que propõe outras faixas etárias para a adolescência, porém esta pesquisa irá adotar esta, por estar em conformidade com o ECA.

Sabe-se que a cada época que as pessoas nascem, crescem e se desenvolvem, o contexto sócio-histórico tem uma influência substancial em suas vidas e em desafios específicos que serão vivenciados. É importante estabelecermos um recorte geracional dos adolescentes do período em que esta pesquisa está sendo desenvolvida, que segundo Howe e Strauss (2000) pertencem à chamada Geração Z, nascidos entre meados dos anos 1990 e 2010. A ideia de se determinar gerações, procura auxiliar com identificação e compreensão das especificidades, sendo que os jovens que nasceram na Geração Z, vivem em um ambiente altamente digitalizado, com acesso fácil e constante à internet. Este

contexto tecnológico influenciou muito a forma como eles se comportam, socializam e percebem o mundo.

Uma das principais características da Geração Z é sua familiaridade e dependência da tecnologia. Segundo uma pesquisa realizada por Twenge (2017), os jovens hoje passam muito tempo na Internet, o que afeta tanto aspectos positivos quanto negativos do seu desenvolvimento. Da mesma forma, existem muitas maneiras de aprender e se conectar com o mundo. Por outro lado, o uso das redes sociais está associado a questões de saúde mental, como ansiedade e depressão.

[...] a Geração Z tem grandes pontos positivos: ela tem noção de instantaneidade, velocidade e senso de urgência. Mas essa geração também tem um ponto negativo muito forte, que é a ausência de paciência. Paciência não é lerdeza, paciência é a capacidade de deixar maturar uma ideia, um afeto, um projeto, um negócio, um estudo. Fazer velozmente é uma habilidade, fazer apressadamente é um equívoco. E, desse ponto de vista, algumas dessas formas de antecipação acabam gerando uma ausência de maturidade em alguns processos. Também é uma geração que tem convivido menos com os pais, mesmo estes ainda exercendo a principal influência sobre as decisões de compras dos jovens. A influência dos familiares no comportamento de compra varia de acordo com o tipo de produto (Cortella apud Ogusko, 2014, s/p).

O trecho acima foi retirado do documentário “A Geração do Agora”, em uma fala de Mário Cortella (Ogusko, 2014). E traz algumas características dessa geração, que já nasceu em um ambiente digital, em que as informações estão sempre à disposição de qualquer pessoa, o que tornou a paciência por processos lentos como a própria busca de informações, algo quase extinto.

Outra ideia trazida pelo filósofo contemporâneo que se mostra importante, é o choque de gerações que o autor traz na escola. Os alunos pertencem ao século XXI, os professores ao século XX e a metodologia ao século XIX. A metodologia trazida pela revolução industrial, que formava pessoas para a esteira de produção e simulava uma fábrica, carteiras enfileiradas, alunos sentados e professores em pé, sinais para anunciar o começo ou final da aula. Os professores foram ensinados em uma época em que a internet e o acesso à informação não eram tão fáceis como hoje. Com isso, há a chance de trazer possíveis conflitos nas relações internas da escola, e até mesmo um sentimento de falta de compreensão em ambos os grupos, alunos e professores.

Alguns estudos que foram efetuados (Bosma, Jackson, Zijlsing, Zani, 1996; Kreppner, 2000; Scabini, 2000; Montandon, 2001), principalmente a partir da

década de 80, mostra alguns apontamentos sobre as transformações que foram observadas nas relações entre pais e filhos. Com base nessas pesquisas, na contemporaneidade, as relações familiares se baseiam mais na participação, na igualdade, no diálogo, na compreensão e na afeição. Os jovens enxergam a relação com os pais como satisfatórias e se torna algo aceitável tomar suas próprias decisões livremente, gerando menos conflitos com os genitores (Bosma, Jackson, Zijlsing, Zani, 1996; Kreppner, 2000; Scabini, 2000; Montandon, 2001). O que significa que os adolescentes dessa geração podem se sentir mais livre e apoiados em suas decisões quanto o futuro, o que é muito importante nesta fase, se sentir acolhido e feliz com suas escolhas.

Algumas decorrências que geraram da melhora na relação com os pais foram a permanência mais longa da coabitação em idades mais tardias, a entrada no mercado de trabalho se dá mais tardiamente e a formação da própria família é postergada (Gil Calvo, 2002; Scabini, 2000; Abramo, 1994; Peralva, 1997).

Portanto, a Geração Z apresenta algumas “vantagens” na escolha de seus projetos para o futuro, e o que antes era uma problemática, como escolher um curso que agradasse a família, deixa de ser tão recorrente.

4. PERSPECTIVA DE FUTURO E PROJETO DE VIDA DOS JOVENS

O conceito de Projeto de Vida que será adotado nesta pesquisa tem o sentido de referir-se aos desejos de realizações, às aspirações, - que se projetam para o futuro, adotando um olhar antecipatório dos acontecimentos. As representações sociais constituem o sentido da elaboração do Projeto de Vida, tais quais as brincadeiras encenadas quando criança, por exemplo, ali essas representações eram presentes através do lúdico interpretado como um ensaio de apropriação de papéis, valores e regras sociais (Nascimento, 2013).

No Projeto de Vida pode-se conhecer o indivíduo para si e para os outros, através dos anseios, planos de vida, que são as perspectivas de futuro, e da ampliação das possibilidades que articulam as realizações, como escolher e possuir uma profissão, se casar, formar uma família, ter acesso aos bens de consumo, ou seja, estabelecer de forma consciente metas próprias. Segundo Nascimento (2013),

o papel da escola para a concretização e até mesmo a construção desses projetos de vida é essencial, ele ainda propõe uma crítica que a escola não está assumindo o seu devido papel de preparar esses jovens para a vida, apresenta uma possível transformação na cultura da escola com o objetivo de proporcionar aos alunos oportunidades de crescimento e de conquistas em suas vidas.

No estudo de Teixeira (2005), destaca-se a relevância da família como rede de apoio na construção do projeto de vida dos jovens. Essa importância foi revelada ao decorrer de muitas falas dos adolescentes sobre a necessidade do apoio da família da decisão sobre o futuro, além do fato que essas perspectivas futuras terem relação à formação de sua própria família ou o sonho de proporcionarem uma vida melhor para eles (Teixeira, 2005).

A escola também não é excluída dessa rede de apoio, pois após a família, ela é o local em que o adolescente passa mais tempo inserido (Li, 2001), de tal forma que é nesse espaço que o indivíduo constrói parte de seu projeto de vida. Nesse sentido, vale salientar que de acordo com as novas alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que foram realizadas em 2017, um dos conteúdos obrigatórios a serem trabalhados no Ensino Médio é o projeto de vida (Lei nº 13.415, 2017).

Valore e Viaro (2007) procuraram compreender os elementos presentes nos projetos de vida de adolescentes do ensino médio, de escolas públicas e privadas, participantes de um programa de orientação profissional. Constatou-se que a dimensão dos projetos de vida mais mencionada pelos estudantes foi a profissão, sendo esse aspecto ainda mais frequente nos relatos dos adolescentes de escolas públicas. Projetos de vida relacionados à constituição de família foram o segundo mais citado, em ambas as modalidades de ensino. Em relação aos projetos de melhoria do mundo, embora tenha sido a categoria menos mencionada, observou-se que a maioria dos adolescentes que a mencionaram era proveniente de escolas públicas.

Contudo, se mostra muito relevante o papel da escola e dos educadores na construção dos projetos de vida e transformação dos desejos e sonhos em algo real. E esta pesquisa tem como principal objetivo promover uma reflexão de qual a melhor maneira de trabalhar isso com os jovens.

5. RESULTADOS PARCIAIS

Ressalta-se que os resultados desse artigo se classificam como parciais pois não foi realizado, no momento, o número de encontros proposto pela pesquisadora para a análise completa de dados. O número total é de 15 encontros, e nesse capítulo serão analisados 5 deles.

Sobre os encontros que já foram realizados, pode se concluir que os jovens estão engajados com a participação no grupo, de 10 adolescentes, 6 deles frequentam o grupo toda semana, sem falta. A maioria deles já trazem profissões que gostariam de seguir e cursos superiores que querem cursar. Apesar de ainda haver muitas dúvidas sobre o mercado de trabalho e especialmente sobre os cursos. Percebe-se que, nos grupos, em atividades relacionadas a arte, há mais engajamento do que nas escritas.

Os jovens trazem que na escola, os professores não levam muitas atividades relacionadas a arte, então pode ser um motivo pelo qual o interesse por exercícios desse tipo seja mais aceita. Um dos participantes do grupo, mostrou a pesquisadora seu caderno de desenhos, e contou a todos o seu grande interesse pela área artística.

É possível perceber, em específico em uma atividade de colagem que foi proposta, que eles ficaram bem descontraídos e animados para o resultado.

Atividades que contém rodas de conversa, reflexão e compartilhamento no final também se mostrou muito engajamento. Os jovens ficam muito empolgados em falar suas opiniões e expor seus valores para o grupo, e os que escutam, realmente prestam atenção no que eles falam, promovendo uma discussão sobre o tema muito rica.

Na área da psicologia se discute a importância do vínculo terapêutico, nesse caso o vínculo com o grupo é crucial para o sucesso dos exercícios propostos. O principal objetivo da pesquisadora nesse artigo é pesquisar junto e não sobre os alunos, então nesse caso só reafirma a importância de estabelecer essa relação horizontal com os estudantes.

É importante trazer para esse artigo o feedback que a pesquisadora recebeu da diretora da escola, dizendo que os alunos estão gostando muito do grupo e que será muito importante para a formação deles. Porém, não são apenas eles que se sentem dessa maneira, é recíproco. A pesquisadora se sente muito satisfeita com os resultados que já estão aparecendo, e aprendeu muitas coisas com eles também.

Portanto, até o momento, os resultados se mostram satisfatórios, porém sem dados para comparação. E essa comparação, será individual, de como cada adolescente entrou e depois sairá do grupo, sem a intenção de compará-lo com ninguém.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual artigo teve como objetivo mapear e estudar as perspectivas de futuro dos adolescentes do Ensino Médio, promovendo um grupo em que será explorado diversas abordagens e atividades para engajar os jovens a buscar o que querem para o futuro.

A pesquisa foi estruturada em etapas, de modo que, na primeira etapa, que foi realizada ao decorrer do ano de 2024, estava prevista a escrita dos capítulos teóricos e a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, portanto foi um período em que não foi realizada nenhuma atividade em campo. A submissão do projeto ao Comitê de Ética é uma etapa crucial para garantir a validade e integridade científica do estudo, e foi feita no final do ano, não tendo tempo hábil para iniciar as atividades na escola. Além do mais, considerando que a formação do grupo com os adolescentes demanda engajamento e continuidade, então optou-se por protelar o início das atividades para o mês de fevereiro, evitando a interrupção que seria causada pelo recesso dos meses de dezembro e janeiro, que poderia comprometer a construção do vínculo entre os participantes.

Por isso, é importante ressaltar que no momento da elaboração desse artigo foi realizado apenas 5 encontros dos 15 totais, devido a feriados e datas de aplicação de provas na escola.

No levantamento bibliográfico a autora identificou dificuldades em encontrar referências atuais sobre a geração de adolescentes na contemporaneidade, salientando a importância de estudos que investiguem as perspectivas e características da juventude moderna, permitindo um recorte geracional mais preciso. Em um cenário marcado pela onipresença das redes sociais e o avanço das inteligências artificiais, torna-se muito relevante compreender como esses fatores influenciam a formação de identidade e a construção do projeto de vida desses indivíduos.

A influência da tecnologia na vida dos adolescentes é um aspecto muito relevante a ser estudado, pois as mídias sociais e os algoritmos são feitos para fornecer conteúdos de consumo imediato e superficial. Esse fenômeno pode trazer consequências na forma como os jovens lidam com a construção dos seus projetos de vida, já que a constante exposição a informações rasas e efêmeras pode dificultar os processos que demandam prolongada reflexão e planejamento a longo prazo. Dessa forma, compreender o papel dessas plataformas e aplicativos no desenvolvimento das expectativas e aspirações da juventude torna-se um fator relevante.

Outro ponto que poderá ser explorado nesse estudo será a relação dos adolescentes com a educação superior e o mercado de trabalho. O contexto socioeconômico, em conjunto às novas exigências do mundo profissional, trouxe novas reflexões para os jovens e os levaram a reavaliarem suas escolhas acadêmicas e profissionais. O grupo buscará promover um espaço de orientação e diálogo, permitindo que os integrantes possam compartilhar suas aspirações e inquietações, além de proporcionar o acesso a informações qualificadas que possam auxiliar na tomada de decisão sobre o futuro.

Portanto, o presente estudo dispõe-se a contribuir para a compreensão das perspectivas e projetos para o futuro dos adolescentes, buscando fornecer dados relevantes para pesquisadores, educadores, e formuladores de políticas públicas. A partir da análise da coleta dos dados, espera-se elaborar um panorama mais detalhado dos desafios e tendências dos jovens da atualidade, bem como elaborar e propor estratégias que favoreçam o desenvolvimento pessoal, profissional e sua autonomia.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, Página Aberta, 1994.

BEAL, S. J., CROCKETT, L. J. **Adolescents occupational and educational aspirations and expectations: links to high school activities and adult educational attainment**. *Developmental Psychology*, 46, 258-265, 2010.

BOSMA, H.; JACKSON, S. E.; ZIJSLING, D. H.; ZANI, B. Who has the final say? Decisions on adolescence behavior within the family. **Journal of Adolescence**, v. 9, p. 277-291, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 03 out. 2024.

BRICKMAN, S. J., MILLER, R. B. **The impact of sociocultural context on future goals and self-regulation**. In MCINERNEY, D. M., VAN ETEN, S. *Research on sociocultural in – fluences on motivation and learning*. Greenwich, CT: Information Age, 119-137, 2001.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHASSOT, C.s.; SILVA, R.A.N. A Pesquisa-Intervenção Participativa como Estratégia Metodológica: Relato de uma Pesquisa em Associação. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, p. 1-12, 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/qjPGZF9b6HYJ56mDsB34yCq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2024.

COLLINS, A., TINKER, J. B., LOGAN, C. **Strategies for improving out-of-school programs in rural communities**. *Child Trends*, 18, 1-8, 2008. Disponível em: https://www.childtrends.org/publications/strategies-for-improving-out-of-school-programs-in-rural-communities?utm_source Acesso em: 08 out 2024.

COSTA, F., JESSOR, R., DONOVAN, J. E. **Value on health and adolescent conventionality: A constructo validation of a new measure in problem-behavior theory**. *Journal of Applied Social Psychology*, 19, 841-861, 1989.

FURLANI, D.D., BOMFIM, Z.A.C. **Juventude e Afetividade: Tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos**. *Psicologia & Sociedade*, 22, 50-59, 2010.

GIL CALVO, E. **Emancipación tardía y estrategia familiar**. Madrid: Injuve, 2002.

GÜNTHER, I. de A., GÜNTHER, H. Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, Porto Alegre, 1998.

HOWE, Neil; STRAUSS, William. **Millennials Rising: The Next Great Generation**. New York: Vintage Books, 2000.

KREPPNER, K. The child and the family: interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 11-22, 2000.

LAMA, G., FERNANDEZ, J.R., LÉON, P. **Estudio epidemiológico de comportamientos de riesgo en adolescentes escolarizados de dos poblaciones, semirural y urbana**. *Aten Primaria*, 30, 214-219, 2010.

Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. *Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelece normas para a educação profissional e tecnológica, e dá outras providências*. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato_2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 04 jan. 2025.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

LI, Y. School engagement: What it is and why it is important for positive youth development. In: LERNER, R. M.; LERNER, J. V.; BENSON, J. B. (Eds.). **Advances in Child Development and Behavior**. p. 131-160. Elsevier, 2001.

MARKUS, H., NURIUS, P. **Possible selves**. *American Psychologist*, 41, 954- 969, 1986.p

MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 33-60, 2001.

NASCIMENTO, I. P. Educação e Projeto de vida de adolescentes do ensino médio. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 31, p. 83–100, 2013. DOI: 10.5585/eccos.n31.4328. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/eccos/article/view/4328>. Acesso em: 10 jan. 2025.

NURMI, J. **How do adolescents see their future? A review of the development of the future orientation and planning**. *Developmental Review*, 11, 1-59, 1991.

OGUSKO, T. T. et al. *Z Geração do Agora*. Núcleo Ativo, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ssl5VXD_X5I. Acesso em: 20 out. 2024.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.].

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. *Juventude e Contemporaneidade*. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

SCABINI, E. Parent-child relationships in Italian families: connectedness and autonomy in the transition to adulthood. ***Psicologia: Teoria e Pesquisa***, v. 16, n. 1, p. 23-30, 2000.

SUNDERBERG, N. D., POOLE, M. E., TYLER, L. E. ***Adolescents' expectations of future events – a Indians cross-cultural study of Australians Americans***. *International Journal of Psychology*, 18, 415-427, 1983.

TEIXEIRA, E. J. ***Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida***. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

TWENGE, J. M. ***iGen: Why Today's Super-Connected Kids Are Growing Up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy—and Completely Unprepared for Adulthood***. New York. Atria Books. 2017.

VALORE, L. A.; VIARO, R. V. Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. ***Revista Brasileira de Orientação Profissional***, v. 8, n. 2, p. 57-70, 2007.

PERSONALIDADE AUTORITÁRIA: Notas sobre o capítulo XVI

Luma de Paula

Gustavo José de Toledo Pedroso

A partir dos anos 2010 começou-se a observar em diversos países um processo de crescimento e ascensão de grupos, movimentos e partidos de extrema-direita o que gerou preocupação com essa questão e as perspectivas para as quais ela aponta. Os autores ligados ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, grupo que ficou conhecido como “Escola de Frankfurt”, realizou já durante as décadas de 1930 e 1940 pesquisas a respeito do fascismo e fornecem elementos interessantes para compreensão, pelo menos em parte, do contexto atual. A obra coletiva intitulada *Personalidade Autoritária* oferece reflexões importantes para a compreensão das possíveis razões de natureza psicológica pelas quais as pessoas ainda se aterm a convicções preconceituosas que não possuem lastro na realidade e que se manifesta em diversas formas de exercício da violência. Tal obra foi realizada em colaboração com psicólogos da Universidade da Califórnia (Sanford, Frenkel-Brunswik e Levinson), durante os anos 40. Tinha como principal objetivo analisar a possibilidade de um fenômeno análogo ao nazifascismo em solo estadunidense. Essa proposta surge a partir de observações preliminares que identificaram a existência de conteúdos antidemocráticos inseridos na democracia, em especial no comportamento dos indivíduos, que além de receptores tornavam-se propagadores da ideologia autoritária. E para compreender de que modo tal contradição se concebia, o centro da investigação concentra-se no âmbito subjetivo com ênfase na constituição da personalidade. Todavia, é importante ressaltar que o fascismo não é considerado um problema psicológico, e sim social que possui aspectos psicológicos.

O conceito de personalidade se faz valer em proximidade à noção de ideologia porque a primeira seria organizada de modo a encontrar gratificações na economia emocional e pulsional subjetivas envolvidas na identificação com ideologias autoritárias circulantes na cultura. (Costa, 2019, p. 47)

O instituto de Pesquisa Social situado em Frankfurt, na Alemanha, foi fundado no início do século XX. E era composto em sua maioria por pesquisadores judeus de diversas áreas do conhecimento (psicologia, economia, sociologia, filosofia etc.) que trabalhavam sob viés marxista. Preocupados em compreender a complexidade do momento histórico em que viviam, estes autores buscaram trabalhar conjuntamente para elaborar um diagnóstico de época. Durante o final da década de 30, com a ascensão de Hitler no poder, o Instituto foi obrigado a exilar-se em outro país, momentaneamente estiveram em alguns locais da Europa, até se fixarem nos Estados Unidos, onde foi transferido para a Universidade de Columbia. Neste contexto, é possível identificar uma tendência comum nas produções científicas que conseguiram aferir "[...] a existência de um antissemitismo mais ou menos camuflado que se combinava com a aceitação da democracia." (Wiggershaus, 1986, p. 382), essa constatação direciona as futuras produções do Instituto para o fenômeno fascista e o preconceito. Que resultou nos *Estudos sobre antissemitismo* financiado pela American Jewish Committee (AJC), e devido a própria natureza dos resultados deste lançaram luz sobre outros elementos sociopsicológicos inseridos no preconceito, que deram origem aos *Estudos sobre preconceito* que conta com cinco volumes na qual a *Personalidade Autoritária* faz parte (Costa, 2019, p. 15).

A concepção apresentava na obra tem matriz psicanalítica e a pesquisa foi desenvolvida por meio da coleta de dados em etapas quantitativas e qualitativas, que serviam como método para identificar certos padrões comportamentais, buscando-se uma maior concretude e aprofundamento nos diagnósticos. Foram aplicados questionários, que envolviam perguntas sobre os dados gerais, como profissão, renda, filiação em partido político etc. Além de perguntas ideológicas de acordo com as escalas temáticas de Antissemitismo (A), constituída apenas por afirmações negativas, e subescalas que contavam com opiniões, atitudes e estereótipos³ em relação aos judeus, Etnocentrismo (E) que conta com subescalas que mencionam outros povos minoritários como os negros, mas também os considerados loucos e inadequados, Conservadorismo político-econômico (PEC)

³ Para melhor compreensão deste texto, é válido ressaltar o entendimento geral sobre “estereótipos” e “estereotípias” quando relacionadas com o preconceito. Ambos, de forma resumida, correspondem a imagens ou concepções simplistas e rígidas que são aplicadas a pessoas ou grupos de pessoas, e as ideias preconceituosas sobre estes configuram-se como estereótipos.

que de maneira geral correspondia à tendências ideológicas, e Fascismo (F) composta apenas por itens implícitos e que não menciona nenhum grupo minoritário, ela é responsável pela mensuração do potencial antidemocrático, seu conteúdo foi equilibrado entre irracionalidades e verdades objetivas. Essa etapa, serviu para selecionar pessoas para o Teste de Apercepção Temática (TAP), que consistia na apresentação de imagens aos entrevistados, os quais deveriam contar histórias com base no que era apresentado, para captar o nível de projeção dos sujeitos. O questionário mesclava as escalas com perguntas variadas, para que quem estivesse respondendo não soubesse do que se tratava, além das afirmações contidas nos questionários que foram progressivamente formuladas de modo mais sintético e indireto, para que o conteúdo antidemocrático ficasse o mais implícito possível, para que fosse possível identificar as opiniões mais rígidas e genuínas dos sujeitos. Seus resultados foram quantificados pelo sistema de pontuação Likert, de modo que quanto mais se concordava com um item, maior seria a pontuação, sendo o indivíduo com maior tendência ao fascismo designado como alto pontuador e o contrário, baixo pontuador. Por fim, eram realizados dois tipos de entrevistas, a ideológica que abordava temas de vocação profissional, renda, religião, política, minorias e raça. E a entrevista clínica procurava por histórico de relações familiares, informações sobre a infância, sexo, relações sociais e fase escolar.

O capítulo XVI do livro é dedicado à análise da questão do preconceito tal como ela aparece no material recolhido nas entrevistas. Adorno concentra-se nos modos pelos quais ele está presente na organização psíquica dos indivíduos e de que maneira ele se manifesta em opiniões, atitudes e comportamentos. A princípio, a pesquisa pretendia identificar se havia determinadas características nos judeus que estimulassem o preconceito, mas os resultados indicaram que as pessoas preconceituosas não estão interessadas nas características reais dos grupos contra os quais elas têm preconceito, assim, os materiais referentes ao papel exercido pelo judeu foram descartados; o interesse maior concentra-se nas reações direcionadas a eles. Essa decisão deriva de indicações, descobertas ao longo da pesquisa, de que o preconceito pouco tem conexão com a natureza do objeto, mas corresponde, em grande medida, às tendências psicológicas do próprio sujeito preconceituoso.

O capítulo começa pela discussão da a funcionalidade do antissemitismo no âmbito da dinâmica psicológica. Para Adorno, o antissemitismo aparece como um

sintoma decorrente do medo e da necessidade de orientação frente a um mundo complexo e difícil de ser compreendido. As pessoas olham o mundo a sua volta e têm dificuldade para entendê-lo por conta da complexidade da economia, da sociedade e da política, e que por isso elas se sentem inseguras, sentem medo. Por isso elas recorrem aos estereótipos, por sua simplicidade e rigidez eles parecem resolver o problema explicando o mundo de uma maneira que parece mais acessível e próxima das opiniões de várias pessoas. O preconceito aparece como uma alternativa para externalizar esses processos internos, e essa transferência ocorre de maneira altamente inconsciente. A funcionalidade do antissemitismo, ou seja, o fato de que ele atende a algumas necessidades psicológicas de uma pessoa, significa que a questão central não é o antissemitismo, mas as necessidades psicológicas que levam a pessoa a ser preconceituosa. Assim, o mais importante para ela exercer o preconceito contra alguém, não é necessariamente ser um judeu, outros grupos podem cumprir com esses requisitos. Desse modo, é identificado a alta mobilidade desta forma de manifestação do preconceito, outras minorias constantemente aparecem, de preferência aquelas que possuem maior distância social. Um exemplo que trata sobre esses dois pontos é o 5051⁴, alto pontuador e possui fortes tendências fascistas que são inconscientes. Ele afirma:

Às vezes, ouvimos que o judeu médio é mais inteligente nos negócios do que o homem branco médio. Eu não acredito nisso. O que os judeus deveriam aprender é educar seus indivíduos maus para serem mais cooperativos e agradáveis. Na verdade, há mais inescrupulosos entre os armênios do que entre os judeus, mas os armênios não são tão notáveis e ruidosos. Saiba que conheci alguns judeus que eu considero meus iguais em todos os sentidos dos quais eu gosto muito. (Adorno, 2019, p. 247)

Neste caso, existe um medo infantil na qual o sujeito sente que sua reputação e consequentemente daqueles que são similares a ele, está sendo colocada em risco. Seu medo é preenchido por um grupo específico e estereotipado, de modo a atender com a necessidade interna de exprimir esse conflito relacionado a insegurança de socialmente significar menos do que os judeus. Simultaneamente, o sujeito entrevistado tenta provar não ser intolerante, ao dizer que conhece judeus que considera semelhantes a ele, no entanto, as concepções estereotipadas segundo as quais eles seriam “mais inteligentes nos negócios” e deveriam ser mais

⁴ Os participantes da pesquisa foram designados no texto por códigos numéricos ou alfanuméricos para que não pudessem ser identificados.

“cooperativos e agradáveis” permanecem. O incomodo relacionado à inteligência qual outras pessoas atribuem aos judeus, Adorno a caracteriza como um dispositivo de glorificação do *ingroup*, (que alguns traduzem por "endogrupo") é o grupo a que a pessoa pertence, ou considera pertencer, ou ao qual ela gostaria de pertencer, e com o qual se identifica, oposto de *outgroup* (às vezes traduzido por "exogrupo") o grupo ao qual ela não pertence, ou considera não pertencer, ao qual não gostaria de pertencer, e com o qual ela não se identifica. Adorno considera que essa distinção aplicada por 5051 é de suma importância para pessoas de tendência autoritária, elas querem pertencer ao lado superior e dominante e, por isso, mais inteligente. Aqueles que ele considera como semelhantes não podem parecer inferiores ao grupo discriminado.

A possibilidade de um grupo seja mais visado do que outros enquanto alvos de preconceito pode ser explicada em parte pela mania de perseguição, que possui estrutura semelhante ao antissemitismo. Adorno explica que, o paranoico, embora não se incline a escolher suas vítimas, desenvolve uma espécie de paixão negativa em relação àqueles que chamam sua atenção. Algo semelhante ocorre com o indivíduo potencialmente fascista: o mesmo grupo destinado a ter sua reprovação é aquele que recebe sua atenção. Isso se sustenta apenas a partir da criação de uma realidade alternativa que corrobore com sua predisposição preconceituosa e que concentre sua agressividade em um determinado objeto.

O fato de que o preconceito tem um conteúdo altamente fantasioso é visível na maioria, se não, em todas as entrevistas dos altos pontuadores. Disso deriva a consideração adorniana de que o preconceito tem uma relação apenas superficial com seu objeto (ou seja, com o grupo discriminado), ou talvez nem sequer tenham relação. Esta concepção está ligada a categorias clínicas como a estereotipia, a impossibilidade de se ter “experiências”, a projetividade e as fantasias de poder. E sua base está no fato de que nas entrevistas as pessoas preconceituosas frequentemente faziam declarações contraditórias, incompatíveis com os fatos e de caráter visivelmente imaginário. Nestes casos trata-se de uma forte desvinculação dos estereótipos em relação à realidade, de modo que eles constituíam contradições flagrantes.

O que Adorno tem em vista em primeiro lugar neste caso são as chamadas “fantasias de poder”, as quais consistem na atribuição de uma onipotência sinistra aos grupos discriminados, quando estes na verdade frequentemente encontram-se em uma posição social frágil. Alguns entrevistados, por outro lado, substituem a ideia de onipotência pela de onipresença, afirmando que os judeus estão por toda parte. Neste caso ocorre uma inversão: a pessoa preconceituosa na verdade gostaria que seu grupo ocupasse todos os espaços, apossando-se de tudo e não tolerando nada diferente de si. Quando se depara com alguém que considera um intruso, ela projeta neste intruso a onipresença que deseja ter. E uma vez que ela fantasia, assim, que o intruso comete um abuso (por estar em toda parte), ela deriva daí uma pseudojustificativa para a violência que deseja praticar – a violência seria um recurso necessário frente a atitude abusiva do intruso. Um exemplo neste sentido, mencionado por Adorno, é o de uma mulher de 26 anos, identificada como 5004, que afirma não se solidarizar com os judeus pelo que Hitler havia feito, pois ela achava que os judeus fariam a mesma coisa com ela.

Sobre a impossibilidade de se ter experiências, Adorno diz que normalmente a solução atribuída aos problemas de relações interculturais seria o maior contato entre pessoas de diferentes grupos. Apesar desse tipo de contato parecer positivo em alguns aspectos, esse recurso não demonstra grande eficácia, principalmente no caso dos altos pontuadores. A experiência não é o suficiente para acabar com a estereotipia, pois, tratando-se de um mecanismo que faça o sujeito ver o mundo de forma confortável e ter suas raízes no inconsciente, não pode ser simplesmente destruído pela realidade. Pelo contrário, a experiência é, em grande medida, mediada pela estereotipia. Os exemplos que compõem o livro demonstram, repetidamente, que os entrevistados, independentemente de qualquer vivência positiva que tenham tido, não só com os judeus, mas outras minorias, não foram o suficiente para que abandonassem seu preconceito. O filósofo entende, por isso, que dificilmente a estereotipia pode ser superada pela vivência, e que seria necessário que antes se recuperasse a capacidade de se ter experiências.

Apesar dos altos pontuadores demonstrarem um alto grau de irracionalidade quanto a suas convicções, e de sustentarem concepções que não se coadunam com a realidade, como já dito, esse comportamento possui certo fundamento e merece atenção. Para Adorno, se a pessoa preconceituosa mantém suas concepções

mesmo quando elas evidentemente não correspondem à realidade, isso ocorre porque estas concepções fornecem à pessoa a satisfação de algumas necessidades psicológicas. No seio da funcionalidade do preconceito existem resquícios de sua racionalidade (no sentido das satisfações psicológicas obtidas pela pessoa preconceituosa), de modo que podemos identificar as gratificações emocionais obtidas pelo sujeito preconceituoso.

Estas gratificações estão ligadas à questões que são discutidas no capítulo XVII do livro, o qual analisa as referências à política e à economia nas entrevistas. Ocorre que, nas entrevistas, uma grande quantidade de pessoas se mostrou ignorante em relação a questões sociais que ultrapassassem o âmbito de suas experiências imediatas (convivência com família, amigos, vizinhos, ambiente de trabalho, etc). Na medida em que as estruturas mais amplas que organizam a dinâmica social escapavam a este âmbito, o que se percebia era uma alienação das pessoas frente a sociedade, de maneira que elas não compreendiam mais esta última e se sentiam confusas, desorientadas e inseguras. Os estereótipos que compõem o preconceito, com sua simplicidade, superficialidade e fixidez, se mostravam então como formas mais fáceis e acessíveis para se explicar a realidade social sem a necessidade de uma reflexão e um conhecimento que ultrapassassem as experiências individuais imediatas – afinal, o preconceito e os estereótipos são coisas que as pessoas já encontram em suas experiências imediatas, sustentadas por familiares, colegas, etc. Qualquer preconceito poderia servir de exemplo. No caso de *A personalidade autoritária* há destaque para o antissemitismo por conta da experiência então recente do nazismo. Adorno considera que o antissemitismo fornecia uma explicação falsa, porém simples e acessível, para os males do mundo: todos os males viriam dos judeus.

Tratava-se de uma explicação falsa, mas que tinha uma longa tradição de propositores cujo sucesso derivava exatamente do fato de que em seus discursos eles atendiam a necessidades psicológicas de determinadas pessoas, de modo que “Quanto mais primitivas são as suas fórmulas drásticas, devido à sua estereotipia, simultaneamente mais atraentes elas são, uma vez que reduzem o complicado ao elementar [...]” (Adorno, 2019, p. 267). No ensaio “Antissemitismo e propaganda fascista” Adorno nota ainda que a propaganda fascista faz uso constante deste tipo de procedimento, sem jamais procurar construir explicações efetivas sobre a

realidade, mas sim utilizando o que ele chama de “fluxo de ideias”, um modo de construção do discurso em que as ideias não são relacionadas de forma lógica, mas sim por mera semelhança e jogando-se com o sentido das palavras. Um exemplo disso está em um agitador antisemita que dizia que Cristo tinha derramado seu sangue para purificar este mundo, e que uma nova purificação exigia o derramamento do sangue dos judeus, misturando desta maneira dos sentidos do derramamento de sangue. Tal forma de discurso tinha ainda a vantagem psicológica de não exigir dos ouvintes nenhuma reflexão ou raciocínio, permitindo que eles apenas se entregassem ao fluxo de ideias e emoções. (Adorno, 2007, p. 143).

Outro procedimento característico das pessoas preconceituosas que aparecia recorrentemente nas entrevistas era a prática de traçar uma distinção entre judeus bons e ruins. Ela se desenvolve em parte pela automatização do pensamento, a qual não se destina à crítica, mas sim por sua simplificação, dividindo-o em apenas dois lados, desconsiderando qualquer complexidade que determinada situação exija. Por outro lado, dar margem a duas perspectivas, superficialmente, demonstra certo nível de objetividade, e também o fato de que sujeito não quer se entregar a uma visão que seja totalmente preconceituosa. Portanto o uso das categorias de bom e ruim, a partir da ótica de orientação, é feito na tentativa de equilibrar a estereotipia geral e a experiência pessoal do sujeito, e sem que haja qualquer vínculo real com as características do grupo ao qual são aplicadas.

Um exemplo neste sentido pode ser encontrado na entrevista da estudante de Enfermagem, designada na pesquisa pelo código 5013. A descrição de sua entrevista é a seguinte:

Acha que em relação aos japoneses, mexicanos e negros a mesma coisa que em relação aos judeus. Em todos esses casos, ela mantém uma espécie de teoria da bifurcação, isto é, de que há bons japoneses e que eles deveriam ter permissão para retornar à Califórnia, mas que há os maus e eles não deveriam tê-la. [...] Quando é apontado para ela que as pessoas de sua própria linhagem provavelmente também se dividem em grupos bons e maus, ela admite isso, mas sente que a linha divisória entre bom e mau não é tão forte no seu caso. (Adorno, 2019, p. 282)

Mas, a alta irracionalidade também parece de algum modo lançar luz sobre a própria consciência do sujeito preconceituoso. A adesão ao preconceito implica necessariamente no abandono, pelo menos em parte, do princípio de realidade. Procedimentos como a tentativa de se distinguir entre indivíduos bons e maus no interior do grupo discriminado demonstram “[...] uma espécie de compromisso entre os anseios [*urges*] subjacentes e os estereótipos hostis, por um lado, e as exigências da consciência e o peso da experiência concreta por outro.” (Adorno, 2019 p. 283). Existe certo grau de consciência em alguns altos pontuadores, os quais ainda se propõem a discutir sobre os judeus e buscam manter certo equilíbrio em relação ao que dizem, mesmo que isso seja feito de maneira meramente formal, e suas ânsias instintivas continuem e distorcer sua visão sobre a realidade.

O indivíduo encontra-se dividido entre estereotipias negativas e experiências concretas que as contradizem. Ele procura lidar com esta situação invertendo-a, caracterizando a atitude não preconceituosa como se ela é que fosse uma adesão a estereótipos, e os seus preconceitos como se fossem uma visão objetiva do mundo, derivada de experiências concretas. Parte da explicação psicológica para isso é que o superego, sendo a agência (*agency*) psicológica dentro do sujeito, aparece facilmente para este último na forma de leis universais abstratas e rígidas, de modo que padrões como a tolerância e a convivência com pessoas diferentes são vistos como ideias abstratas impostas a partir de fora e não como atitudes que correspondem à realidade efetiva (que é como deveriam ser vistos). Assim, mesmo que a realidade comprove reiteradamente que seus preconceitos são fantasiosos, o sujeito se atém a eles por razões psicológicas mais profundas. E para tanto ele alega também que os estereótipos que sustenta nascem de sentimentos sinceros, que ele não poderia evitar, ou seja, ele fala dos estereótipos como se estes fossem uma pura expressão de sua personalidade e de suas experiências.

A fala do estudante identificado como 5005, expressa objetivamente esse padrão. Ele diz:

Eu não acho que deveria haver um problema judaico. As pessoas não deveriam sofrer discriminações, mas deveriam ser julgadas pelos seus méritos individuais. Eu não gosto que isso seja chamado de problema. Certamente sou contra o preconceito. Os judeus são agressivos, não têm boas maneiras, são sectários, intelectuais, limpos, superlotam bairros, são barulhentos e excessivamente sexualizados. Eu admito que minha opinião não é baseada em muito contato, entretanto, eu ouço essas coisas o tempo

todo. Há pouquíssimos estudantes judeus na minha escola e já me referi à minha boa relação com a única judia. (Adorno, 2019, p. 288)

A pessoa preconceituosa enfrenta, porém, um conflito interno que é derivado de um conflito que se dá na própria sociedade. Pois no âmbito da sociedade as pessoas se deparam tanto com estereótipos que circulam e são sustentados por determinados grupos, quanto com os valores democráticos e de reconhecimento da igualdade humana que se opõem a tais estereótipos. Uma observação importante e demonstrada neste estudo é a de que, quando é permitida a aceitação de qualquer quantidade de intolerância na psique existem grandes tendências de que ela se expanda, principalmente quando se trata de personalidades potencialmente fascistas. Quando isso de fato acontece e a pessoa incorpora efetivamente o preconceito, então ocorre uma reviravolta notável, e esta incorporação é surpreendentemente apresentada como se fosse uma atitude moral, como se a pessoa, ao ser preconceituosa, estivesse agindo como um sujeito moral autônomo que se colocasse contra um senso comum fantasioso e conformista, representado pelos valores democráticos. Em termos psicológicos, trata-se de um processo em que o superego, responsável por se contrapor ao id, passasse agora a ser o porta-voz deste último, de modo que necessidades psicológicas que a pessoa deseja satisfazer às custas de outras são ostentadas como resultantes de um olhar objetivo sobre o mundo e de uma postura de correção moral.

Isso nos mostra a situação de contradição e cisão psíquica dos indivíduos sob o capitalismo. Nesse sentido, é bastante frequente a presença de anomalias cognitivas nas quais as pessoas se mostram muito racionais em uma área da vida, mas, em outros domínios mais sensíveis, elas se apegam ao negacionismo científico, anti-intracção ou anti-intelectualismo, superstições, estereótipos, projeções, personalizações, crenças. (Costa, 2021, p. 494)

A democracia que é exercida de modo apenas formal e esvaziado não consegue dar conta de mudar toda a estrutura de violência na qual o capitalismo se apoia e por isso “[...] os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram” (Adorno, 2021, p.45). Neste contexto ocorre a profunda integração de valores contraditórios no cerne da personalidade, que com apoio da teoria psicanalítica, é identificada nesta pesquisa e contribuem para o entendimento de algumas formas de organização da irracionalidade. No começo do século passado o grupo visado pelos

fascistas era principalmente o dos judeus. Hoje há ainda diversos outros grupos perseguidos, como os migrantes ou a população LGBTQIA+. Mas a perseguição ainda é alimentada por dispositivos similares, se não iguais, ligados a estereotipia, ideias fantasiosas que expressam condições sociais e conflitos internos às pessoas preconceituosas. Tal continuidade está intimamente ligado ao *modus operandi* fascista descrito por Adorno. É certo que este *modus operandi* pode também apresentar algumas modificações, adequando-se a novos contextos para manter sua atuação no sentido da preservação do *status quo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

_____. *Ensaio de psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

_____. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. *“A Personalidade Autoritária”: Antropologia Crítica e Psicanálise*. 2019. 319 f. Teoria Crítica – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

_____. *As antropologias autoritárias nas diferentes fases do capitalismo - Elaboraões a partir de Adorno*. Ethic@, Florianópolis, v. 20, p. 489-513, Ago., 2021.

_____. *Resumo de The Authoritarian Personality*. In. ADORNO, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*—São Paulo: Editora Unesp, 2019.

FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JAY, Martin. *A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

WIGGERHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento, significação*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SOB O MESMO TETO DO INIMIGO: impactos psicológicos em famílias convivendo com psicopatas

Maria Fernanda Silva Souza
Graduanda Psicologia Uni-FACEF
mariafernandasilva03180@gmail.com

Sofia da Silva Cordero
Graduanda Psicologia Uni-FACEF
sofiacordero2006@gmail.com

Sofia Muniz Alves Gracioli
Professora Uni-FACEF- Doutora FFCLRP-USP
sofiagracioli@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Comumente associada a comportamentos antissociais, falta de empatia e manipulação, a psicopatia é classicamente definida como um transtorno que surge na idade adulta. No entanto, essa visão tem sido cada vez mais questionada por pesquisas recentes. Estudos têm demonstrado que traços psicopáticos podem ser identificados já na infância, o que tem implicações importantes para o diagnóstico e intervenção precoce. Comportamentos como agressividade, manipulação, falta de remorso e insensibilidade emocional podem surgir em idades muito precoces, desafiando a ideia de que a psicopatia é um transtorno exclusivo da idade adulta.

Apesar de a psicopatia ser amplamente estudada em contextos forenses e associada à prática de crimes, seu impacto nas relações familiares ainda é pouco compreendido e escasso na literatura. Embora o abuso intrafamiliar, seja ele emocional ou físico, seja um problema amplamente documentado ou não, a conexão direta entre esses abusos e os sintomas psicopáticos dos agressores ainda não foi totalmente estabelecida. Diante desse cenário, a experiência de familiares de indivíduos com tendências psicopáticas emerge como uma área de estudo que necessita de maior atenção. Desse modo, a importância do estudo é investigar como a psicopatia se manifesta no contexto familiar e seus impactos nos relacionamentos, a fim de desenvolver intervenções eficazes e oferecer apoio adequado a essas famílias.

O tema artigo busca compreender como as famílias experienciam o comportamento de crianças e adolescentes que apresentam traços psicopáticos. Os familiares, geralmente, são os primeiros a perceber tais comportamentos, desempenhando um papel crucial na observação dos sinais iniciais do transtorno. No entanto, frequentemente, terão dificuldade em interpretar ou lidar com tais características, atribuindo-as, muitas vezes, a comportamentos normais da infância. O choque e a descrença gerados por uma criança que apresenta qualidades psicopáticas podem ser tão devastadores quanto a própria experiência dessa condição, criando uma atmosfera de "viver com o inimigo".

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou investigar, com base nos relatos familiares, apresentados na série "Vivendo com o Inimigo", produzida por *Red Marble Media* e com sua exibição original no canal *Investigation Discovery*, como essas tendências são percebidas e como as famílias enfrentam o problema de ter um membro com tais características. Através desta revisão, não será apenas identificado os primeiros sinais de psicopatia, mas também será investigado as experiências de sofrimento e os mecanismos de enfrentamento utilizados por indivíduos que convivem com estas crianças.

Para tanto, adotou-se a metodologia de revisão bibliográfica crítica, utilizando-se de livros, artigos científicos e séries que versam sobre o tema ora estudado.

2. INFLUÊNCIA PARENTAL E TRANSTORNOS DE CONDUTA NA INFÂNCIA: da identificação precoce aos impactos familiares

A concordância entre diferentes informantes (pais, professores, pares) e a validade preditiva desses relatos para problemas de comportamento futuros e, em alguns casos, para características da psicopatia adulta, reforçam a importância da percepção familiar (Colins *et al.*, 2014).

A influência dos pais na vida dos filhos é inegável, moldando seu desenvolvimento através da educação e do ambiente em que crescem, fatores que exercem um impacto significativo em suas trajetórias; embora ambos os genitores

desempenhem papéis cruciais, é frequentemente observado que as mães exercem uma influência particularmente marcante na vida de seus filhos.

As crianças com mães mais sensíveis aos seus anseios durante os primeiros três anos de vida — aquelas que respondiam ao filho prontamente, que tinham interações positivas e faziam com que a criança se sentisse segura — tinham relacionamentos mais bem sucedidos e eram superiores academicamente em comparação àquelas cujas mães não se envolviam desta maneira (Papalia; Olds; Feldman, 2006, p.10).

É crucial considerar o ambiente em que as crianças se desenvolvem, pois muitas vivenciam hostilidades em seus próprios lares, nas escolas e em espaços públicos; essas situações delicadas demandam atenção, mas a intervenção muitas vezes se mostra complexa; diante desse contexto, recorreremos à classificação e conceituação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que emprega o termo Transtorno de Personalidade Dissocial, registrado na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) sob o código F60.2, e amplamente adotado pelos atuais manuais e classificações psiquiátricas:

Transtorno de personalidade caracterizado por um desprezo das obrigações sociais, falta de empatia para com os outros. Há um desvio considerável entre o comportamento e as normas sociais estabelecidas. O comportamento não é facilmente modificado pelas experiências adversas, inclusive pelas punições. Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade (Organização Mundial da Saúde, 1993).

Contudo, indivíduos com traços psicopáticos podem ser encontrados em qualquer segmento da sociedade, transcendendo crenças, orientações sexuais e classes sociais, podendo manifestar-se como amigos, familiares ou parceiros íntimos; enquanto alguns indivíduos podem conhecer pessoas com essas características, outros podem ter sido manipulados por elas, e em casos extremos, alguns podem ter se tornado vítimas fatais. Em alguns casos, comportamentos precursores podem surgir precocemente no ambiente familiar, através de maus-tratos, furtos e mentiras, situações em que os pais frequentemente se sentem desorientados sobre como agir, podendo levar a consequências sérias, incluindo o desenvolvimento de comportamentos violentos extremos (Raine, 2013).

A identificação de tendências psicopáticas na infância pode ser possível a partir dos três anos de idade, embora haja relatos de manifestação de sintomas entre os seis e dezesseis anos, com maior prevalência no sexo masculino,

sendo a detecção baseada na observação de comportamentos como agressividade, desobediência, impulsividade, furtos e mentiras (APA, 2013).

Os transtornos de conduta apresentam uma variação de intensidade, desde manifestações mais leves até quadros mais graves, conforme a avaliação psicológica, que indicará o nível em que o comportamento da criança prejudica outros indivíduos na sociedade (Bordin; Offord, 2000).

Mesmo com os diferentes níveis de intensidade e as diversas formas de manifestação dos transtornos de conduta na infância, os impactos nas famílias são significativos e multifacetados. A presença de comportamentos como agressividade, desobediência, impulsividade, furtos e mentiras gera um ambiente familiar de tensão constante, estresse elevado e sentimento de frustração e impotência nos pais e outros membros da família (Couto; Castro; Caldas, 2016).

A dinâmica familiar pode ser profundamente afetada, com dificuldades na comunicação, aumento de conflitos e um desgaste emocional considerável. Os pais frequentemente se sentem despreparados e isolados, buscando estratégias para lidar com os comportamentos desafiadores dos filhos, o que pode levar a inconsistências na disciplina e culpa. Além disso, a necessidade de buscar ajuda profissional e o acompanhamento terapêutico para a criança e, muitas vezes, para a própria família, impõem demandas emocionais e financeiras adicionais (Silva et al., 2022).

O estigma social associado a transtornos de conduta também pode levar ao isolamento social da família, dificultando a busca por apoio em sua rede social. Para ilustrar a concretude desses desafios e a forma como se manifestam no cotidiano familiar, a série documental “Sob O Mesmo Teto do Inimigo” oferece um panorama relevante. Nela, a identificação precoce de comportamentos como agressividade, desobediência e impulsividade, conforme apontado pela American Psychiatric Association (2014), e a influência do ambiente familiar nesse desenvolvimento (Achenbach, 1991), ganham contornos práticos.

Ao apresentar narrativas de famílias lidando com essas questões, a série permite uma análise da manifestação desses comportamentos no contexto real e dos seus efeitos nas relações interpessoais dentro do lar. Em suma, independentemente da gradação dos sintomas, os transtornos de conduta na

infância representam um desafio considerável para a estrutura e o bem-estar familiar, demandando compreensão, intervenção especializada e suporte contínuo para mitigar seus impactos negativos.

Nesse sentido, os depoimentos dos familiares revelam vivências marcadas por esgotamento emocional, instabilidade e dificuldades em manter a convivência. Um dos relatos mais contundentes, apresentado na série *Vivendo com o Inimigo* (Max, 2016) é o de Candace Sims, mãe de Robert A. Hawkins, jovem responsável pelo Massacre do Westroads Mall, em Omaha, Nebraska, nos Estados Unidos, em 2007:

O Rob passou dos limites. Ele começou a atirar objetos, bateu a cabeça na parede, me agarrou para tentar me mover ou machucar de alguma forma. E a gente fez o que qualquer pai faria. A gente tentava conversar com ele e fazer ele parar, mas nada disso funcionava com ele. Conversar não adiantava. Então a gente se afastava dele até ele se acalmar (*Vivendo com o Inimigo*, 2016).

A gravidade da cena, que envolve comportamento agressivo e autoagressivo, evidencia a dimensão crítica que os episódios podem alcançar, exigindo das famílias respostas imediatas, muitas vezes intuitivas, e nem sempre eficazes. Após o momento de crise, o contraste no comportamento da criança amplia o sentimento de confusão e desgaste emocional: “Então ele saía e dizia: ‘Bom dia, mamãe. Bom dia, papai.’ E ficava bonzinho. Então você tentava esquecer e seguir em frente como se nada tivesse acontecido, porque era preciso. Mas era muito difícil.” (*Vivendo com o Inimigo*, 2016). Essa oscilação entre comportamentos extremos e momentos de aparente normalidade afeta diretamente a estabilidade emocional dos cuidadores. A imprevisibilidade das reações e a ausência de tempo para processar os acontecimentos geram uma convivência marcada por tensão constante.

A metáfora usada no final do relato sintetiza com precisão essa atmosfera: “Quase sempre a casa inteira pisava em ovos, quase o tempo todo.” (*Vivendo com o Inimigo*, 2016). A sensação de vigilância permanente, de precisar medir cada palavra ou atitude para evitar novas explosões, é recorrente nas famílias que convivem com transtornos de conduta. Trata-se de um ambiente de fragilidade emocional coletiva, no qual todos os membros da família são afetados.

Segundo Dessen e Polonia (2007), quando há a presença de comportamentos disruptivos, os sistemas familiares tornam-se mais vulneráveis a conflitos, estresse e instabilidade, afetando diretamente a saúde emocional dos cuidadores e a qualidade das interações familiares.

Essas narrativas, embora singulares, expressam uma realidade compartilhada por muitas famílias e permitem compreender, em nível mais profundo, os efeitos dos transtornos de conduta no cotidiano familiar. Ao dar voz a essas experiências, a série documental contribui para visibilizar uma dimensão que muitas vezes é silenciada ou subestimada: o impacto emocional e relacional que recai sobre os cuidadores.

Como afirmam Antoniazzi, Dell’Aglia e Bandeira (1998), esse impacto emocional está diretamente relacionado à sobrecarga vivida pelos familiares, especialmente em contextos de baixa rede de apoio. As dificuldades na comunicação familiar, associadas ao medo constante de novas crises comportamentais, são fatores que ampliam a sensação de exaustão dos cuidadores. Elas reforçam, ainda, a necessidade de suporte contínuo — emocional, psicológico e social — para além do acompanhamento da criança, alcançando também os que estão ao seu redor.

3. A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO PRECOCE E MULTIDISCIPLINAR

A convivência com indivíduos que apresentam traços psicopáticos, sobretudo dentro do ambiente familiar, representa um desafio complexo, profundo e de alto impacto emocional. A psicopatia, comumente associada ao transtorno de personalidade antissocial, é marcada por padrões persistentes de comportamento impulsivo, manipulador, antissocial e pela ausência de empatia e remorso (American Psychiatric Association, 2014). Embora o foco dos estudos da psicopatia frequentemente recaia sobre os indivíduos que manifestam tais características, é igualmente essencial compreender os efeitos colaterais devastadores que recaem sobre os familiares — frequentemente silenciosos e invisibilizados no processo terapêutico e social.

A psicopatia raramente se manifesta de forma isolada. Ela contamina os vínculos, paralisa emocionalmente os que estão ao redor e frequentemente os leva a internalizar culpa e insegurança, mesmo quando submetidos a comportamentos claramente abusivos. O impacto indireto da psicopatia é enfatizado por Hare (1999), que observa que os psicopatas não apenas causam danos por meio de suas ações diretas, mas também exercem um efeito psicológico profundo sobre as pessoas ao seu redor, frequentemente de maneira sutil e duradoura. A psiquiatra, palestrante e escritora brasileira Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva, aponta que famílias inteiras adoecem tentando entender o que fizeram de errado, quando na verdade são vítimas:

A psicopatia é um transtorno que raramente vem sozinho. Ele se espalha pelo ambiente, contamina as relações e paralisa emocionalmente quem está ao redor. [...] Famílias inteiras adoecem tentando entender o que fizeram de errado, quando na verdade são vítimas. (Silva, 2008)

A série documental *Vivendo com o Inimigo*, lançada na plataforma Max, traz relatos reais de familiares que descobriram, muitas vezes tardiamente, que conviviam com pessoas capazes de crimes graves ou que apresentavam padrões psicopáticos. A narrativa é construída a partir da perspectiva de quem viveu ao lado do agressor, oferecendo um retrato dramático e revelador sobre a dor, a dúvida e o trauma psicológico que marcam essas famílias. No episódio “Meu Filho é um Sociopata”, os pais de Aaron Foust relatam como os sinais de comportamento antissocial começaram ainda na infância, mas não foram adequadamente interpretados nem acompanhados por profissionais, culminando em um crime violento na vida adulta. Tal situação ilustra de maneira contundente a urgência da detecção precoce de sinais clínicos e comportamentais. A Dra. Ana Beatriz reforça a urgência da intervenção precoce:

A identificação e o manejo de traços psicopáticos desde a infância são essenciais para romper ciclos de violência e sofrimento. A psicopatia infantil não surge de um único fator, mas sim da interação entre genética, neurociência e ambiente. Embora não seja possível “curar” a psicopatia, intervenções precoces podem ajudar a criança a desenvolver habilidades sociais e emocionais que reduzam comportamentos antissociais severos. O reconhecimento precoce dos sinais e o acesso a estratégias adequadas de manejo podem minimizar os impactos desse transtorno ao longo da vida, proporcionando melhores oportunidades para a criança, sua família e a sociedade (Silva, 2025)

Além disso, é necessário ressaltar que a psicopatia pode ter manifestações na infância e adolescência, com traços como frieza emocional, crueldade com animais, destruição de objetos e comportamento desafiador. “As alterações cerebrais em indivíduos com traços psicopáticos podem ser detectadas por exames de imagem funcional, revelando padrões neurológicos anômalos em áreas ligadas à empatia e julgamento moral” (Kiehl 2014). Tais evidências confirmam que o transtorno possui uma dimensão neurobiológica que exige acompanhamento especializado, incluindo avaliação psiquiátrica e neurológica, além da atuação de psicólogos, assistentes sociais e educadores. Acrescenta Kiehl, reforçando a necessidade de atuação integrada entre neurologistas, psiquiatras infantis, psicólogos e pedagogos, visando compreender os fatores biopsicossociais que favorecem o desenvolvimento da psicopatia:

O cérebro de pessoas com traços psicopáticos apresenta disfunções em áreas responsáveis pela empatia, pelo medo e pelo controle moral. [...] Quando esses sinais aparecem cedo, é possível atuar com mais chances de sucesso na prevenção da evolução do quadro” (Kiehl, 2014).

No entanto, a eficácia dessas intervenções depende de um modelo de cuidado multidisciplinar, onde diferentes áreas do conhecimento atuem de forma articulada. Em contextos familiares com filhos que apresentam esses traços, por exemplo, é essencial a implementação de programas de orientação parental, suporte psicoterapêutico aos irmãos e mediação de conflitos. O papel da escola e dos serviços de proteção à infância também é central na identificação de comportamentos desviantes e na construção de estratégias protetivas. Em muitos dos episódios da série “Vivendo com o Inimigo”, observa-se que a ausência de rede de apoio, somada ao sentimento de culpa e medo, impede que os familiares busquem ajuda — o que contribui para o agravamento da situação.

A intervenção precoce, portanto, não visa apenas o indivíduo com traços psicopáticos, mas também a proteção e o apoio da família e da comunidade escolar. Como explica a Psicóloga e neurocientista, Mayra Gaiato:

O foco é a criança, mas também os pais e familiares podem ajudar nas terapias. Os pais podem sentir muita culpa pelo desenvolvimento atípico de seus filhos, e com isso podem sofrer muito. Mas a culpa não é deles. Durante as terapias, é importante que os pais sejam atores ativos no processo. Isso se chama coaching parental. Com ele, os pais aprendem,

sob a orientação dos profissionais, a estimular seus filhos com base em um método científico (Gaiato, 2023)

De igual importância é o cuidado direto com os membros da família que não manifestam o transtorno, mas que sofrem seus efeitos. Em especial, filhos, cônjuges e pais que convivem com o psicopata muitas vezes são vítimas de manipulação emocional, abusos psicológicos e ameaças veladas. “A crueldade do psicopata nem sempre é física, muitas vezes, ela está no olhar frio, na palavra que fere ou no silêncio que sufoca” (Silva 2008). Essa violência simbólica e emocional tem consequências clínicas graves e duradouras, demandando suporte psicológico e, em casos mais graves, intervenção jurídica.

A ausência de intervenção eficaz também tem um impacto social e jurídico importante. Muitos indivíduos com traços psicopáticos só são diagnosticados tardiamente, quando já se envolveram em condutas criminosas, o que representa não apenas uma falha da prevenção, mas também um ônus significativo para o sistema penal. Uma abordagem mais preventiva e integrada é capaz de prevenir a escalada para transtornos mais graves, como o Transtorno de Conduta, e minimizar o risco de envolvimento com comportamentos delinquentes (Hawkins et al., 1992).

A abordagem multidisciplinar nas intervenções envolve a colaboração de profissionais de diversas áreas, que trabalham juntos de forma coordenada. Essa colaboração permite que compartilhem informações, articulem estratégias e construam, em conjunto, um plano de cuidado mais abrangente e eficaz. Em vez de adotar métodos fragmentados, essa abordagem busca entender o indivíduo de maneira integral, levando em conta seu contexto biopsicossocial. Isso resulta em diagnósticos mais precisos e intervenções mais efetivas, como explica Ana Paula Nesi, proprietária e jornalista no “Portal Cocal360”:

O aumento no número de casos reforça a importância de um diagnóstico precoce e de um tratamento adequado para melhorar a qualidade de vida dessas crianças e adolescentes, além da importância de uma abordagem que vá além de um único tipo de intervenção. Por isso, o acompanhamento multidisciplinar se tornou uma estratégia essencial para o tratamento eficaz de diversos transtornos, pois integra diferentes áreas de conhecimento para atender às necessidades específicas de cada indivíduo (Nesi, 2024)

No caso de crianças e adolescentes que apresentam traços psicopáticos ou comportamentos antissociais, essa perspectiva se torna ainda mais crucial. É essencial que psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, educadores e outros profissionais trabalhem em conjunto para oferecer uma avaliação clínica completa, suporte emocional e orientação às famílias. Essa colaboração deve considerar não apenas os aspectos neurobiológicos, mas também os fatores sociais e afetivos que influenciam o comportamento. Ela permite que as demandas das famílias, muitas vezes negligenciadas, sejam acolhidas, promovendo ações preventivas no ambiente escolar e na comunidade. A diversidade de perspectivas enriquece a compreensão do caso e aumenta a eficácia das intervenções, fortalecendo as redes de apoio e garantindo uma continuidade no cuidado que é fundamental para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes (Dishion, Kavanagh, 2003; Eisenberg et al., 2006).

Pesquisas indicam que ações bem elaboradas produzem efeitos duradouros, impactando de forma positiva o desempenho, nas relações sociais e a adaptação psicossocial (Catalano et al., 2004; Weissberg et al., 2015). Estabelecer uma rede de apoio forte — que leve em consideração tanto o sofrimento da vítima quanto a complexidade do transtorno — é fundamental para fomentar não apenas a saúde mental, mas também a dignidade e a segurança das famílias implicadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada sobre a psicopatia e suas manifestações no contexto familiar, o presente trabalho teve como o objetivo investigar, com base nos relatos familiares, apresentados na série “Vivendo com o Inimigo”, produzida por *Red Marble* como essas tendências são percebidas e como as famílias enfrentam o problema de ter um membro com tais características. Esta revisão não foca apenas em identificar os primeiros sinais de psicopatia, mas também observar as experiências de sofrimento e os mecanismos de enfrentamento utilizados por indivíduos que convivem com estas crianças.

As informações apresentadas indicam que, apesar de a psicopatia ser comumente ligada a comportamentos antissociais na vida adulta, é viável detectar sinais ainda na infância. Esta revelação desafia crenças estabelecidas e enfatiza a

necessidade de uma observação clínica e familiar mais cuidadosa, que integre expertise técnica com empatia. O cotidiano com crianças que demonstram essas particularidades pode afetar profundamente o bem-estar dos familiares, resultando em um ambiente carregado de tensão, estresse e insegurança.

O papel do ambiente parental é fundamental na formação e perpetuação de comportamentos psicopáticos. A falta de uma compreensão adequada sobre essas características pode reforçar um ciclo de sofrimento e impotência. As histórias apresentadas na série “Vivendo com o Inimigo” expressam de forma contundente a complexidade emocional que envolve essas relações familiares, destacando a ambivalência, as variações de comportamento e a vigilância constante que os cuidadores precisam manter. Essa realidade evidencia a necessidade de um suporte emocional sólido, que capacite os familiares não só a compreender, mas também a enfrentar as dificuldades e desafios do dia a dia.

É crucial entender que, mesmo diante da gravidade dos comportamentos observados, muitos pais se sentem despreparados e sozinhos. Tal cenário é frequentemente ampliado pelo estigma social associado aos transtornos de conduta. Essa situação evidencia a urgência de um apoio psicológico e psicossocial adequado para quem cuida deles, uma vez que a carga emocional não só impacta sua saúde mental como também prejudica a coesão e o funcionamento familiar. Reconhecer esse sofrimento é uma etapa vital para desenvolver redes de apoio que propiciem alívio e compreensão.

Além disso, a identificação precoce de características psicopáticas e a implementação de intervenções terapêuticas apropriadas são cruciais para atenuar os efeitos adversos sobre a dinâmica familiar. Nesse contexto, uma intervenção precoce e multidisciplinar se mostra essencial para promover mudanças significativas no desenvolvimento das crianças e na rede de apoio às suas famílias. A colaboração entre profissionais das áreas de saúde mental, educação e assistência social oferece uma abordagem mais integrada, que considera não apenas os comportamentos, mas também as necessidades emocionais e contextuais. Essa conexão entre diferentes saberes e práticas contribui para reforçar as estratégias de enfrentamento e criar um ambiente acolhedor e estruturado, onde as famílias possam encontrar apoio e compreensão.

Tanto os estudos acadêmicos quanto as observações práticas evidenciam a necessidade imediata de estabelecer políticas públicas e programas de formação para pais, focados em entender e gerenciar adequadamente esses comportamentos. A capacitação de profissionais competentes e a criação de espaços para diálogo e troca de experiências são essenciais para que as famílias possam acessar o suporte e os recursos necessários para enfrentar os desafios que surgem.

Em conclusão, dado o significado do tema e a falta de publicações acadêmicas que tratem da psicopatia na infância e suas implicações familiares, é crucial que pesquisas futuras se concentrem na avaliação da eficácia de intervenções e na elaboração de estratégias de apoio que considerem os aspectos emocionais e sociais das famílias. Tornar visíveis essas experiências são vitais para enriquecer o conhecimento científico e criar abordagens mais humanas, que possam fomentar acolhimento, compreensão e transformação nas dinâmicas familiares. Dessa maneira, poderemos progredir na busca por soluções que realmente impactem positivamente a vida dessas famílias, promovendo um futuro mais esperançoso e saudável para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ACHENBACH, T. *Manual for the child behavior checklist/4-18 profile*. Burlington, VT: University of Vermont Department of Psychiatry, 1991.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O estresse infantil e suas implicações psicossociais: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, v. 3, n. 1, p. 71-80, 1998.

BORDIN, I. A. S.; OFFORD, D. R. Transtorno da conduta e comportamento antisocial. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22, supl. 2, p. 12-15, 2000.

CATALANO, R. F. et al. The importance of bonding to school for healthy development: the role of school connectedness in adolescent health. *Journal of School Health*, v. 74, n. 7, p. 252-261, 2004.

COLINS, J.; SMITH, A.; JOHNSON, P. The role of family perception in predicting psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, London, v. 55, n. 3, p. 250-265, mar. 2014.

COUTO, A. M.; CASTRO, E. A. B.; CALDAS, C. P. Vivências de ser cuidador familiar de idosos dependentes no ambiente domiciliar. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 76-85, jan./fev. 2016.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paideia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

DISHION, T. J.; KAVANAGH, K. Intervention in adolescent problem behavior: a family-centered approach. In: SCHULENBERG, J. E.; MAGGS, J. L.; HURRELL, J. L. (Org.). *Handbook of adolescent health risk behavior*. New York: Springer, 2003. p. 145-164.

EISENBERG, N.; SPINRAD, T. L.; EGGUM, N. D. Emotion, self-regulation, and school readiness. *Social Development*, v. 15, n. 4, p. 507-529, 2006.

GAIATO, M. H. B. Intervenção precoce. *Instituto Singular*, 31 out. 2023. Disponível em: <https://institutosingular.org/blog/intervencao-precoce/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

HARE, R. D. *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. São Paulo: Lua de Papel, 1999.

HAWKINS, J. D.; CATALANO, R. F.; MILLER, J. Y. Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, v. 112, n. 1, p. 64-105, 1992.

KAZDIN, A. E. *Parent management training: treatment for oppositional, aggressive, and antisocial behavior in children and adolescents*. New York: Oxford University Press, 2008.

KIEHL, K. A. *The psychopath whisperer: the science of those without conscience*. New York: Crown Publishing Group, 2014.

McMAHON, R. J.; FOREHAND, R. *Helping the noncompliant child: family-based treatment for oppositional behavior*. 2. ed. New York: Guilford Press, 2003.

MELOY, J. R. Entre le personnalité antisociale et la psychopathie grave, un gradient de sévérité. *L'Évolution Psychiatrique*, v. 66, n. 4, p. 563-586, 2001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0014385501901264>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Meu filho é um assassino. Direção: J. Thomas Pogue. Produção: J. Thomas Pogue. Estados Unidos: Red Marble Media, 2016. 1 DVD (44 min), son., color.

NESI, A. P. A importância do atendimento multidisciplinar no desenvolvimento de pacientes com Transtornos do Neurodesenvolvimento. *Cocal 360*, 20 ago. 2024. Disponível em: <https://www.cocal360.com.br/a-importancia-do-atendimento-multidisciplinar-no-desenvolvimento-de-pacientes-com-transtornos-do-neurodesenvolvimento/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RAINE, A. *The anatomy of violence: the biological roots of crime*. New York: Pantheon Books, 2013.

SILVA, A. B. B. *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Fontanar, 2008.

SILVA, A. B. B. *Psicopatia infantil: fatores que influenciam e sinais de alerta*. 29 jan. 2025. Disponível em: <https://draanabeatriz.com.br/psicopatia-infantil-fatores-que-influenciam-e-sinais-de-alerta/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, E.; SOARES, A. M. O impacto financeiro nas famílias que têm diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista) e suas consequências financeiras e econômicas para a sociedade. *Tópicos Especiais em Ciências da Saúde: teoria, métodos e práticas*, v. 4, p. 190-201, 2022.

Vivendo com o Inimigo. Direção: J. Thomas Pogue. Produção: J. Thomas Pogue. Estados Unidos: Red Marble Media, 2016. 16 DVDs (107 h), son., color.

WEISSBERG, R. P. et al. Social and emotional learning: past, present, and future. In: DURLAK, J. A. et al. (Org.). *Handbook of social and emotional learning: research and practice*. New York: Guilford Press, 2015. p. 3-19.

XINGAMENTOS E PAPÉIS DE GÊNERO: as expectativas que recaem sobre o gênero e seus impactos na identidade e nos comportamentos de homens e mulheres

Gustavo Garcia Radi
Discente Uni-FACEF
gustavoradi@gmail.com

Marcos Silvestre Gera
Professor Uni-FACEF- Mestre UNICAMP
gera@facef.br

1. INTRODUÇÃO

Os xingamentos e as ofensas expressam locais que não devem ser ocupados, além disso, eles possuem um efeito catártico para quem os exprimem e um perlocutório para quem os recebe.

A maneira com que se insulta homens é diferente das mulheres, essa dicotomia expressa os locais e os papéis sociais que cada gênero deve exercer, influenciando na identidade e no comportamento dos indivíduos.

A relevância desse estudo se dá através da necessidade de refletir os papéis de gênero que levam à desigualdade, legitimam a violência e a opressão sistêmica de mulheres, homossexuais e de garotos que são introduzidos a uma masculinidade hostil.

Apesar da grande multiplicidade de gênero, o objetivo do presente artigo é investigar a relação entre as ofensas, a masculinidade e a feminilidade e como as expectativas atreladas ao gênero afetam na criação, na identidade e nos comportamentos. Além disso, busca encontrar uma outra forma de trabalhar os papéis e as expectativas de gênero utilizando da metodologia do filósofo e educador brasileiro Paulo Freire.

Para tanto, adotou-se a metodologia de revisão bibliográfica crítica, utilizando-se de livros, obras, dados governamentais e artigos que versam sobre o tema ora estudado.

2. GÊNERO E PAPÉIS DE GÊNERO: conceito e contexto social

Ao buscar a definição de gênero é muito comum encontrar inúmeras definições a respeito, algumas recorrendo a gramática, outras a biologia. O linguista Ferreira (Ferreira apud Guedes, 2024) traz algumas definições de gênero "classe cuja extensão se divide em outras classes, as quais, em relação à primeira, são chamadas espécies" e define também como "qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias, que tenham caracteres comuns", em ambas as definições chega-se a mesma conclusão, de que a espécie humana é dividida em dois sexos, homem e mulher que por sua vez seriam agrupados por características em comum masculinas ou femininas (Guedes, 2024).

Ao aprofundar as buscas no dicionário Guedes (2024), encontra as definições de homem e de mulher dadas por Ferreira. Segundo seu dicionário a definição de mulher é "O ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos e que se distingue do homem por essas características" e ao designar as aplicações da palavra mulher, Ferreira dá alguns exemplos, "Mulher à toa", "Mulher de comédia", "Mulher de rótula", "Mulher de rua", "Mulher da vida", "Mulher de amor", "Mulher de má nota", "Mulher de ponta de rua", "Mulher de fado", "Mulher de fandango", "Mulher de mundo", "Mulher do pala aberto", "Mulher errada", "Mulher fatal", "Mulher perdida" e "Mulher vadia", todas essas definições apresentam o mesmo ponto em comum, a associação da imagem da mulher com a prática de prostituição. Entretanto, o mesmo não ocorre ao analisar a definição de homem "qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que, apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano" dotado "das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual etc, Macho - Homem que é homem não leva desaforo para casa", ou seja, em nenhum momento encontra-se alguma definição que seja pejorativa a imagem do homem, muito pelo ao contrário, ele é relatado como quem "apresenta o maior grau de complexidade evolutiva" já a mulher só é definida como prostituta ou como alguém que serve para dar à luz.

Essas designações mostram como o conceito de gênero é uma construção social que já em sua definição apresenta alguns preconceitos e expectativas de quais comportamentos cada indivíduo deve ter. Além disso, essas definições apresentam somente o binarismo de gênero que recorre a um biologismo entre antagonistas macho e fêmea, desconsiderando outras formas identitárias de gênero.

A definição mais pertinente aos dias de hoje é a de Scoot, (1995) “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais [...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Dessa forma o presente artigo busca justamente analisar a dicotomia entre o feminino e o masculino e como o contexto social opera na manutenção e regulamentação dessa segregação entre o que “apresenta o maior grau evolutivo” e a meretriz.

Fávero em sua obra “Psicologia de Gênero” (2010) aponta como a construção da subjetividade e da identidade de gênero está diretamente relacionada as emoções que são experienciadas pelos indivíduos, e que podem ser atreladas as emoções “femininas” como tristeza e medo ou “masculinas” como raiva. Ou seja, para ela o gênero é construído no convívio social e em como são expressadas as emoções. A própria psicologia muitas vezes é mal utilizada para apontar características “naturais” do homem e da mulher, dessa forma, é “natural” do homem ser competitivo, forte e extremamente racional, já o “natural” da mulher seria a fragilidade e o tato. O feminino e o masculino também passam a ter significados expressos em brincadeiras diametralmente antagônicas como brincar de “lutinha” e carrinho, ou brincar de boneca e cozinha.

A partir do momento em que há a naturalização dessa dicotomia apontando uma razão biológica para tal deixa-se de levar em conta que a identidade de gênero é construída, bem como os papéis que são esperados de cada um dos gêneros, que dessa forma podem ser desconstruídos e reconstruídos.

Com a construção imagética dos gêneros os comportamentos dos indivíduos são moldados para se enquadrarem no padrão de masculino e feminino, dessa forma começa-se a criar um padrão de masculinidade tóxica que se legitima pela violência, agressividade e impulsividade (Bola, 2020). Segundo Fávero, (2010) a violência sexual contra a mulher está diretamente ligada ao estereótipo mais forte de masculinidade que atribui valores como dominação e desejo, que se legitimam na ideia de que os impulsos sexuais do homem são naturais, por tanto, incontroláveis.

No livro “Seja Homem” (Bola, 2020), o estudioso aprofunda como a masculinidade é um papel social performático a qual os homens estão condicionados. Ao relacionar com a cultura e a construção do gênero o autor relata como os jovens sofrem para formarem sua masculinidade e como são introduzidos a

sexualidade de forma extremamente prematura e violenta, onde caso essas crianças não demonstrem interesse ou disposição para se relacionar com o sexual feminino, eles são tidos como menos homens ou não homem. Essa validação social da masculinidade se estende para outros ramos como o uso de determinadas roupas, cores, brinquedo e demonstrações de afetividade. Para ser considerado socialmente homem no ocidente o sujeito precisa exercer principalmente dois papéis. O primeiro é abdicar de qualquer traço que remeta ao imaginário de feminilidade, por exemplo demonstrar amor, carinho, afeto e fraqueza, esses traços são ainda mais retaliados caso a demonstração de afeto seja dirigida a outro homem, mesmo que seja à um amigo de anos, ou um familiar. Secundariamente, o sujeito passa a oprimir a feminilidade já que nesse imaginário ela se opõe ao “ser homem”, o mesmo também ocorre com outros tipos de masculinidades que fujam ao padrão, dessa forma essa violência opera como um ciclo vicioso que garante a manutenção e a construção dessa masculinidade tóxica.

Esse ciclo é um processo que Foucault (1979) nomeou de microfísica do poder, onde os indivíduos exercem um tipo de poder sobre o outro, condicionando o comportamento do sujeito através da linguagem, ou mesmo do olhar, essa figura pode ser composta por apenas um sujeito, como o professor em sala de aula, o pai, o segurança, o policial e outros tipos de figuras que exerçam poder em qualquer nível que seja, assim como pequenos grupos também podem desempenhar esse controle social. A microfísica do poder é sutil e quase imperceptível, porém ao analisar o pai que diz ao seu filho que ele deve estudar para ser alguém na vida, percebe-se que ele incute no filho seus valores, nesse caso, o que ele acredita ser necessário para “ser alguém na vida”. Segundo Foucault, esse tipo de poder exerce um controle nos indivíduos muito maior do que o macropoder político. Dessa forma, pode-se questionar como os xingamentos operam na microfísica do poder e qual a diferença entre a forma de xingar um homem e a de xingar uma mulher e como essas ofensas operam no controle e na construção da masculinidade e da feminilidade.

No ocidente, desde a antiguidade, a dicotomia dos gêneros fazia-se presente, com o tempo, e muitas lutas das mulheres e do feminismo, essa desigualdade passou a se reduzir, mas ainda é presente. Na Grécia antiga, apenas os homens maiores de 21 anos e livres, eram considerados cidadãos, portanto detinham o

direito ao voto e as discussões políticas, já as mulheres não recebiam educação na infância, seus trabalhos eram domésticos e em hipótese alguma podiam participar da política. Já na idade média, as mulheres passaram a exercer outras funções relacionadas a manufatura, o homem detinha total poder sob a mulher e ditava o que ela poderia ou não poderia fazer, também nesse período houve a inquisição, onde as mulheres eram queimadas por serem consideradas bruxas. A partir da revolução francesa, os direitos das mulheres começaram a eclodir, no momento em que se passava a exigir liberdade, igualdade e fraternidade, as mulheres passaram a se organizar para exigirem seus direitos. Posteriormente, após as duas guerras mundiais criou-se a ONU, que elaborou a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, mas que ainda não citava explicitamente as mulheres que foram historicamente oprimidas. Apenas em 1979 é promulgada a “Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher”, um tratado internacional, responsável por determinar que os estados que eram membros da ONU combatessem a violência contra a mulher e promovessem a igualdade de gênero (Tavassi, 2021).

Ao fazer uma análise, constata-se que historicamente há uma opressão sistêmica da mulher e que apenas com as lutas delas essas desigualdades passaram a se reduzir, mas isso não significa dizer que ela acabou, no Brasil as mulheres recebem 22,3% a menos que os homens, em 2020 elas eram 14,8% na câmara dos deputados, 16% nas câmaras dos vereadores e 7,1% entre os ministros, em 2019 apenas 37,4% das mulheres ocupavam cargos de gerência nas empresas, 30,4% dos homicídios de mulheres ocorrem em suas próprias casas, 19,2% a mais que os homens, apenas 7,5% dos municípios tem delegacias especializadas para atender mulheres (Brasil, 2024c).

Esses dados mostram que ainda existe muito trabalho a ser feito para diminuir a desigualdade de gênero no Brasil, por isso, o presente artigo faz uma análise histórica da sexualidade e dos papéis de gênero, buscando uma maneira de proporcionar reflexões e reelaborações dos conceitos a fim de diminuir esse quadro.

3. A MICROFÍSICA DO PODER E OS XINGAMENTOS

Foucault, em sua obra “Vigiar e Punir” (Foucault, 1977), articula sobre os dispositivos de poderes presentes para exercer um controle social, em específico, analisando historicamente a organização do sistema carcerário. No mesmo ano, Foucault publica seu livro “História da Sexualidade I: a vontade de saber” (Foucault, 1988) e mostra como a ideologia operou e opera com a finalidade de administração e regulamentação do discurso e da própria forma de exercer e pensar a sexualidade que, segundo ele, está atrelada diretamente à formação identitária do sujeito ocidental. O autor também apresenta o conceito de microfísica do poder (Foucault, 1979), onde como já mencionado, ele aborda as relações de poder no convívio interpessoal.

Pode-se dizer que ao longo de suas obras, Foucault desenvolveu uma genealogia do poder, iniciando com o livro Vigiar e Punir. O autor traçou todo um perfil histórico das expressões de poder e como ele se deu de forma relacional até a contemporaneidade.

Foucault, ao descentralizar o poder das instituições que visivelmente o exercem como o estado e o sistema econômico, mostra como o poder opera em ambientes e situações inesperadas, como a escola, a ciência, a história da loucura, as relações interpessoais e nas formas de exercer a sexualidade.

Xingar, segundo o Dicio (2024) é: “Dizer insultos ou palavras ofensivas”. “Direcionar xingamentos contra algo ou alguém em específico”. Xingar alguém gera a liberação de uma emoção ou sentimento que estava reprimido, a respeito de quem é dirigido, que por sua vez ecoa no receptor podendo gerar raiva, angústia, tristeza, entre outros.

O ato de xingar um sujeito é uma das formas de exercício do poder, mais especificamente do exercício da microfísica do poder (Foucault, 1979). Quando se diz um palavrão, não se xinga com o significado, mas sim com o sentido. Dirigir a uma mulher a ofensa “piranha”, não tem o mesmo efeito de dizer que ela é um peixe no significado primário do termo. A exemplo, o mesmo ocorre com os xingamentos “puta” e “galinha”. Compreender as diferenças entre significado e sentido é fundamental para a análise dos xingamentos e do efeito perlocutório que eles causam no sujeito.

Dessa forma, a ofensa opera expressando determinados locais que os homens e as mulheres devem ocupar. A pesquisa de Zanello, Bukowitz e Coelho (2024) feita com adolescentes que estavam cursando o ensino médio em Brasília, apontou que, dos xingamentos atribuídos as mulheres 68,58% era de comportamento sexual, 14,34% de atributos físicos e 9,64% eram traços de caráter. Na categoria dos comportamentos sexuais, os xingamentos obtinham um teor ativo da sexualidade, como “puta”, “piriguete”, “galinha”, “piranha” e etc. Dessa forma, colocando no imaginário de que a atividade sexual feminina seria uma ofensa, expressando um lugar que, supostamente, não deveria ser ocupado. Os atributos físicos, remetiam principalmente a um ideal de magreza e os traços de caráter estavam relacionados a xingamentos como “mentirosa”, “farsante” e etc. Valores que feririam o imaginário da “essência feminina”.

Já nos xingamentos atribuídos aos homens, a categoria de comportamento sexual obteve 56,33% dos xingamentos, traços de caráter com 25,34% e atributos físicos com 9,17%. As ofensas de caráter sexual apresentaram o imaginário de passividade, com o termo “veado” sendo considerado o mais ofensivo, nesse caso, tudo que remeta a um ideal de feminilidade é usado como ofensa, já que como pontuado, a masculinidade passa a se afirmar ao negar qualquer traço que remeta ao “ser mulher” (Bola, 2020). Na categoria traços de caráter, os xingamentos mais comuns foram “fracassado”, “pobre” e “frouxo”, relacionando diretamente a ideia de masculinidade com produtividade e virilidade. Já nos atributos físicos, observou-se um foco no pênis ou nos traços de virilidade, como por exemplo “pinto pequeno” e “broxa”, mais uma vez associando a masculinidade com potência, força sexual e vigor.

Zanello e Gomes, fizeram também uma pesquisa com os adultos, com o enfoque nos valores de gênero presente na idealização de masculinidade (2024), assim como Baére, Zanello e Romero (2024), realizaram pesquisas entre os homossexuais. Todos esses estudos mostraram o mesmo ponto em comum: a presença de determinados valores de gênero presente no ideal de masculinidade e feminilidade que se expressavam em determinadas formas de ofender. Sendo assim, mesmo entre os homossexuais, ofensas que remetem a uma passividade são consideradas piores, ao ponto dos sexualmente passivos serem tidos como “menos homens”.

4. MASCULINIDADE TÓXICA E A LEGITIMAÇÃO DA VIOÊNCIA

A “masculinidade tóxica” é um termo popularmente utilizado para sintetizar e expressar o conjunto de violências, formas de pensar, agir e sentir que atravessam a identidade hegemônica de masculinidade, como já mencionado, esse conjunto de normas são construídos e dados aos indivíduos pela cultura assim que eles nascem, já que como seres biopsicossociais a biologia não pode e não dá conta de determinar toda a constituição de um sujeito a partir de seus cromossomos, dessa forma a cultura passa normas e regras para os indivíduos que lhe pertencem (Guedes, 2024. Scoot, 1995. Fávero, 2010).

Como aponta Bonácio (2012) a masculinidade hegemônica vem sofrendo crises nos últimos anos, isso se deve principalmente ao crescimento e proliferação do feminismo que ao propor uma reelaboração sobre os papéis sociais de gênero, do ponto de vista da mulher, passou a criar novas ideais sobre o que seria ser mulher e ser homem (Silva, 2000).

A arte Drag é um movimento que em sua constituição busca essa afronta as normas pré-estabelecidas de gênero, se trata de instaurar questionamentos pela via artística, sobre se os gêneros, realmente deveriam dizer algo de muito significativo sobre o sujeito (Filho, Lopes, 2024).

A Drag Queen e professora, Rita Von Hunt, fez uma palestra no Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região RS (Verde, 2023) sobre a masculinidade tóxica, onde ela diz “Quando abordamos a masculinidade tóxica não estamos falando sobre você, mas sobre como você foi ensinado a ser homem”, esses ensinamentos são passados de geração em geração e incutidos nos bebês, esses valores como já expostos, estão relacionados as formas de expressar e sentir as coisas, bem como a atributos físicos como virilidade, força e resistência (Bola, 2020. Guedes, 2024. Scoot, 1995. Silva, 2000).

Os problemas presentes nessa masculinidade em crise passam a ser visíveis quando se analisa os dados sobre suicídio no Brasil (Brasil, 2021), os homens apresentaram um índice 3,8 vezes maior de morte por suicídio que as mulheres, entre 2010 e 2019 houve um aumento de 26% das taxas de suicídio entre homens,

em 2019 essa taxa foi de 10,7 por 100 mil homens. Em um artigo na revista da sociedade britânica de psicologia, é abordado a relação entre masculinidade e suicídio (Swani, Stanistreet, Payne, 2008).

Uma diferença importante no suicídio consumado entre homens e mulheres está situado no método de escolha. Os homens têm maior probabilidade de suicidarem por meio de métodos violentos com alta letalidade, como armas de fogo ou enforcamento [...] Alguns autores sugeriram que essa diferença decorre da maneira como os comportamentos suicidas são usados para demonstrar identidades de gênero. Em outras palavras as diferenças nos métodos usados no suicídio ajudam a definir a si mesmo como mulher ou homem. Especificamente, os homens podem ser mais propensos a usar ações violentas ou letais porque tais métodos são congruentes com construções dominantes de masculinidade que prescrevem a agressão e a força.

Além do exposto, quando se considera mortes violentas, os homens brasileiros entre 15 e 24 anos são atingidos 11 vezes a mais que as mulheres da mesma faixa etária, entre os homens 30% das causas de morte são naturais, os outros 70% são de mortes violentas como suicídios, homicídios e acidentes de trânsito (Brasil, 2018).

Esses dados demonstram como a identidade masculina hegemônica não é saudável para os próprios homens. Essa performance de força, resistência e virilidade que os homens são induzidos a exercer gera toda essa violência exposta tanto nos homicídios como nos suicídios, como consequência dessa identidade ligada a violência, os países onde as armas de fogo são legalizadas, os homens tendem a usar e armazená-las mais do que as mulheres. Além disso, os homens tendem a procurar menos assistência médica e psicológica do que as mulheres, ou seja, enquanto alguns homens armazenam e usam armas de fogo como afirmação de sua masculinidade, outros negam suas dores e sensibilidades emocionais pelo mesmo motivo (Swani, Stanistreet, Payne, 2008).

No Brasil, em 2022 cerca de 47.857 mulheres sofreram violência sexual (Brasil, 2024a), essa violência que é majoritariamente cometida por homens está intimamente unida ao conceito de hipermasculinidade e a hipersexualização que socialmente encoraja a prática sexual masculina a ligando como algo inerente a masculinidade (Fávero, 2010).

Todos esses dados apresentam como o imaginário de masculinidade altera, embasa e justifica socialmente alguns comportamentos dos homens, mas a masculinidade não é algo que se experiencia de forma igualitária, assim como há uma dicotomia entre masculinidade e feminilidade, há outra entre masculinidade negra e masculinidade branca. O número de pessoas mortas pela polícia em oito estados brasileiros chegou a 4.219 em 2022, desse número 2.700 foram considerados negros, porém se for considerar apenas aqueles com cor/raça informada, 3171, a proporção de homens negros mortos em relação aos brancos chega aos 87,4% (Ramos, 2023). Em 2017 (Brasil, 2024b) a taxa de homicídios registrados de negros e de não negros por 100 mil habitantes foi de 43,1 para negros e 16,1 para não negros. Além disso, o ideal de masculinidade forte, viril, provedor e com dinheiro é branco, os homens negros, são hostilizados e colocados em uma lógica que os reduzem a corpos, sendo assim, separa-se os “homens” dos “meio-homens” e os “homens para casar” dos “homens para uma só noite” (Ribeiro, Faustino, 2017).

A criminalidade também surge como um espaço de legitimação das masculinidades. O autor James W. Messerschmidt em sua obra “Masculinities and crime: critique and reconceptualization of theory” (1993) relaciona como a criminalidade, para muitos homens, é uma forma de fabricar masculinidade, especialmente em contextos onde outras afirmações não estão disponíveis. Ao longo do livro Messerschmidt argumenta sobre o papel do estado na criação e manutenção de uma masculinidade hegemônica, que por meio de políticas de criminalização afeta desproporcionalmente os homens negros e a classe trabalhadora. Segundo o sociólogo, a criminalidade surge para o homem negro e periférico como uma forma de resistência às opressões sistêmicas e um meio para se aproximar da masculinidade hegemônica, o indivíduo constrói e valida sua masculinidade pela violência que se expressa no crime, e como no capitalismo a lógica vigente é ter para ser, a criminalidade é uma forma em que o indivíduo passa a possuir e ser, neste caso, ser um homem. Além disso, ele também elabora como a imagem hipersexualizada e estereotipada do homem negro, na cultura popular, cria expectativas prejudiciais sobre a virilidade negra, criando uma fantasia de que todos os homens negros apresentam um falo avantajado e que possuem grande disposição sexual. Como apresenta o autor, é o racismo estrutural e os estereótipos

sobre os homens negros que contribuem para a criminalização da masculinidade negra e da vigilância excessiva que os homens negros enfrentam.

Messerschmidt (1993) também faz uma relação entre criminalidade e masculinidade branca, ao longo do livro ele apresenta como entre os homens brancos da classe trabalhadora, o crime violento é uma forma de reafirmar o poder e a virilidade em face da marginalização econômica, já para a classe média e alta, o crime pode ser uma maneira de se manter no poder por meio de práticas menos visíveis, como crimes corporativos, também conhecidos como crimes do colarinho branco.

Dessa forma, o exposto, apresenta que a cultura entorno da masculinidade legítima ou não alguns comportamentos que podem ser maléficos para a saúde dos homens, bem como das mulheres e outros grupos que são oprimidos por se opor a essa masculinidade tóxica e hegemônica.

5. UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Ao longo dos tópicos anteriores foi possível compreender como os gêneros são construídos socialmente. Os valores referentes aos homens e as mulheres fazem-se presentes em todas as esferas da sociedade, desde o poder político até as relações interpessoais, esses ideais estão emaranhados nas produções artísticas e muitas vezes são embasados por algumas ciências específicas (Bola, 2020. Guedes, 2024. Scoot, 1995. Silva, 2000. Foucault, 1977, 1979, 1988).

Ao questionar-se a respeito de que forma a educação e a ciência vem sendo construídas nos últimos anos e como o poder exercido por elas afeta os sujeitos e seus corpos, Paulo Freire surge com uma nova forma de pensar a relação pedagógica, o papel do educador e do educando, além de que, em sua essência, busca questionar e superar as desigualdades sociais.

Paulo Regulos Freire 1921-1997 foi um renomado filósofo e educador pernambucano, ele é considerado o patrono da educação brasileira e recebeu mais de 30 títulos Doutor Honoris Causa de universidades europeias e americanas. Sua posição era de que a educação é uma ferramenta de libertação dos oprimidos e que

através dela os indivíduos passam a ser capazes de se reconhecerem enquanto classe, raça e gênero. Sua pedagogia busca a emancipação dos oprimidos, a conscientização, o empoderamento e a transformação social, tudo isso, através do diálogo e de uma relação horizontal entre aluno e educador (Santo, Coutinho, 2024).

Uma das experiências mais famosas da aplicação do método de educação de Paulo Freire foi na cidade de Angicos - RN em 1963, conhecido como “40 horas de Angicos” o autor mais que alfabetizou os adultos pertencentes a população local, seu projeto previa (Lyra, 1996 p.152 apud Fonseca, Ferreira, 2021 p. 230):

- 1 Dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais em linguagem, leitura e aritmética;
- 2 Promover o renascimento ou a criação de ideias e padrões elevados de vida;
- 3 Formar no homem a convicção da sua responsabilidade (e da responsabilidade do Estado) em dar educação aos seus filhos;
- 4 Habilitá-los ao exercício da cidadania, como eleitor, como membro de uma nação livre e como participante ativo do regime democrático;
- 5 Promover a elevação do seu nível de vida em casa, do ponto de vista de higiene, do conforto e da alimentação;
- 6 Habilitá-los à administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção de sua própria vida;
- 7 Despertar nele a noção de que ele, sua mulher e seus filhos têm direito a uma vida melhor

Logo após o sucesso de sua experiência em Angicos, Paulo Freire foi exilado do Brasil pela ditadura militar. A revisão sobre o ocorrido feita por Fonseca e Ferreira (2021) concluiu que as 40 horas de Angicos promoveu uma experiência democrática garantindo que os angicanos desenvolvessem a autonomia de pensar e passassem a tomar decisões por si próprios, tudo isso ocorreu graças a educação, que foi o meio utilizado por Paulo Freire para aproximar o sujeito da conscientização da realidade.

Essa vivência coordenada pelo educador mostra a capacidade que a educação tem de libertar e auxiliar na qualidade de vida dos oprimidos, mas assim como as ciências, a educação não é libertadora por si só, ela pode operar como ferramenta de opressão, alienação e manutenção das estruturas sociais vigentes, esse tipo de “pedagogia” Paulo Freire nomeou-a de “educação bancária” (Freire, 2023), o nome é uma analogia à ação de depósito bancário, assim como o sujeito dirige-se ao banco para depositar o seu dinheiro, na educação bancária o professor dirige-se a sala de aula e despeja sua narrativa nos educandos. Segundo Paulo Freire (2023 p. 80).

A Narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. [...] Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. [...] Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.

Como aprofunda o autor, na educação bancária o educador sempre ocupará a posição de quem sabe enquanto os educandos sempre serão aqueles que não sabem (Freire, 2023). Sendo assim, Freire elenca as bases da operação bancária da educação (2023, p.82)

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo: os educandos, meros objetos.

Na perspectiva bancária age-se sobrepondo o sujeito e sua subjetividade, o educador passa a ver os educandos como corpos, exerce a microfísica do poder (Foucault, 1979) e os dociliza.

Paulo Freire e a pedagogia do oprimido (2023) é uma alternativa a essa educação coercitiva, a experiência de Angicos demonstra isso, a educação freiriana

foi tão potente ao ponto de o autor passar a ser considerado subversivo pela ditadura militar. Paulo Freire, usou da educação como ferramenta de libertação.

Em “A universidade como espaço de formação de sujeitos” (Monfredini, 2016) é feito uma análise de toda a história da educação brasileira, ao longo dos capítulos os autores expõem minuciosamente como a mercantilização da educação acelera a formação profissional e técnica em detrimento da formação de cidadãos. Segundo Monfredini, a busca pela rentabilidade tende a diminuir a significação social que a universidade tem, gerando uma formação tecnicista, em contrapartida uma formação integral pode contribuir para um desenvolvimento da própria condição humana, para que isso ocorra é necessário o enriquecimento espiritual, cultural e material.

Nesse contexto, Paulo Freire surge como uma alternativa a essa formação bancária e tecnicista, sobre o método Paulo Freire.

Segundo Gadotti (1999), o método de Paulo Freire representa, na América Latina (e em outras partes do mundo também), um dos mais importantes paradigmas da educação. Quando ele surgiu, significou uma alternativa emancipatória e progressista face aos programas extraescolares predominantes na época, patrocinados por agências norte-americanas e de outros países, com programas de extensão rural, desenvolvimento de comunidade, etc. Esses programas estavam sendo desenvolvidos na América Latina desde o término da Segunda Guerra Mundial. A obra de Paulo Freire e sua abordagem da realidade têm um caráter multidisciplinar e contemplam diversas dimensões, destacando-se a do educador-político. Freire postula uma educação libertadora e conscientizadora, voltada para a geração de um processo de mudança na consciência dos indivíduos, orientada para a transformação deles próprios e do meio social onde vivem (Gohn, 2016, p.84).

Quando o educador aplicou seu método de alfabetização em Angicos ele utilizava de três momentos básicos, a busca de palavras do universo vocabular regional, a codificação e decodificação juntamente com seus significados sociais, e por fim, a problematização, que consistia na busca da superação das primeiras impressões por uma visão crítica. A maior das inovações de seu método é que ele tem como seio o diálogo e a ênfase nos processos comunicativos. Essa técnica, carrega um olhar humanizado para com o outro, propõe uma isonomia comunicativa e educacional, a partir da realidade do educando, é justamente esse conjunto de fatores que fazem com que a pedagogia de Paulo Freire seja a da libertação, isso porque ela se trata da “pedagogia do oprimido” (Monfredini, 2016. Freire, 2023).

A dialogicidade e a criticidade freiriana dá a oportunidade de criar uma melhor forma de trabalhar as desigualdades e os papéis de gênero na universidade, visando uma formação que contemple todas as facetas humanas e com a finalidade de atenuar as desigualdades e os papéis sociais de gênero, isso é possível ao criar um ambiente sadio com o diálogo sendo a base para uma intervenção, além disso, ela deve partir da realidade dos alunos, suas vivências e experiências culturais. Os xingamentos são um bom ponto de partida para iniciar a discussão, como apresenta a pesquisa de Zanello, Bukowitz e Coelho (2024), os xingamentos estão fortemente presentes no cotidiano desde a adolescência, independentemente da realidade socioeconômica. Trata-se de utilizar dos xingamentos como “palavras geradoras”, a partir das ofensas que os alunos escolherem, pode-se em conjunto codificar e decodificar seus sentidos e significados, e após isso fazer a problematização, trata-se de unir a dialogicidade e a criticidade com a própria violência, para assim, superar a mesma (Monfredini, 2016. Freire, 2023).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho é investigar a relação entre as ofensas, a masculinidade e a feminilidade e como as expectativas atreladas ao gênero afetam na criação, na identidade e nos comportamentos. Além disso, busca encontrar uma outra forma de trabalhar os papéis e as expectativas de gênero.

De acordo com o delineado, os gêneros são frutos de uma construção social e eles permeiam a identidade de todos os indivíduos. A idealização de masculinidade e de feminilidade e seus respectivos papéis, são consequências desse ciclo que gera e mantém as identidades de gênero. Assim que nasce um sujeito do sexo masculino é dado a ele um escopo de cores e brincadeiras que ele pode e deve gostar, além disso ele deve experienciar as emoções de determinadas formas, algo semelhante ocorre com alguém do sexo feminino, porem com cores, brincadeiras e sentimentos que devem ser experienciados de formas antagônicas. Os meninos são frequentemente introduzidos a sexualidade de forma violenta e prematura, já as mulheres tem seus corpos docilizados. As consequências dos valores dessa masculinidade tradicional se expressam nos índices de suicídios,

violência doméstica, assassinatos, mortes violentas, estupros e nas formas de xingar e ofender.

Todo esse exposto deixa nítido a necessidade de questionar esses paradigmas, o modelo dicotômico entre masculinidade e feminilidade apresenta fatores que impacta negativamente na vida de homens e mulheres. Unir a pedagogia de Paulo Freire com as ofensas e os xingamentos, que são corriqueiros no cotidiano, surge como uma alternativa pra reelaborar esses conceitos. Utilizando do diálogo e da criticidade é possível fazer com as ofensas o que o autor fez em *Angicos*, levantar os xingamentos como “palavras geradoras”, codificar e decodificar, entendendo a diferença entre sentido e significado e por fim problematizar, sendo um processo que em conjunto entre educando e educador, busca a assimilação, acomodação e equilíbrio dessa forma de enxergar os xingamentos e consequentemente as expectativas que recaem sobre cada gênero, visando uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

Ainda faz-se necessário colocar essa metodologia em campo para testar seus efeitos práticos, entretanto o presente artigo é um recorte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida pelos autores, juntamente com o programa ITI da Uni-FACEF, essa pesquisa tem como um de seus objetivos testar os efeitos práticos dessa metodologia em sala de aula.

Por se tratar de um recorte de uma pesquisa maior as dificuldades ao longo do presente estudo não foram muitas, devido a vasta quantidade de trabalhos e dados presentes a cerca dos gêneros, uma das dificuldades foi justamente fazer um recorte que abarcasse e representasse uma parcela do estudo maior e que coubesse em quinze páginas, visto que a pesquisa completa tem mais de quarenta e cinco.

Por fim, considerando que essa pesquisa aborda justamente o recorte binário de gênero, homem e mulher, é de suma importância a realização de pesquisas futuras que vise a representatividade da multiplicidade de gênero levando em conta os estigmas sociais sofridos por pessoas não binárias.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, F. de; ZANELLO, V.; ROMERO, A. C. **Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?** Revista Bioética, v. 23, n. 3, 26 nov. 2015. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/1106. Acesso em: 08 maio 2024.

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BONÁCIO, D. **Representações da masculinidade em crise: legados pós-modernos**. In: TASSO, I.; NAVARRO, P. (Orgs.). Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas. Maringá: Eduem, 2012. p. 231-258.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estatísticas de gênero: ocupação das mulheres é menor em lares com crianças de até três anos**. 2021. Disponível em: . Acesso em: 02 maio. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estatísticas de gênero: ocupação das mulheres é menor em lares com crianças de até três anos**. 2021. Disponível em: . Acesso em: 02 maio. 2024c.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mortes violentas atingem até 11 vezes mais homens que mulheres jovens**. 2018. Disponível em: . Acesso em 01 outubro 2024.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 01 outubro 2024b.

BRASIL. Senado. **Mapa nacional de violência de gênero**. Disponível em: . Acesso em: 01 outubro 2024a.

DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xingar/>. Acesso em: 02 maio 2024.
FILHO, Francisco Carlos Costa; LOPES, Elisabeth Silva. **Questões de Gênero e Mais Além: a interseccionalidade na Arte Drag**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 14, n. 3, e132185, 2024.

FONSECA, Genaro; FERREIRA, Luís Henrique. **Educação para emancipação: a experiência de Paulo Freire em Angicos – RN**. Rev. Cient. Novas Configur. Dialog. Plur., Luziânia, v. 2, n. 3, p. 217 - 238, 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia de gênero: psicobiografia, sociocultural e transformação**. 1. ed. Editora UFPR, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **A relação entre a educação popular e os movimentos sociais na construção de sujeitos coletivos**. In: MONFREDINI, Ivanise (Org.). **Universidade como espaço de formação de sujeitos**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2016.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. **Gênero, o que é isso?** Psicol. cienc. prof. v.15 n.1-3 Brasília, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>. Acesso em: 17 set. 2024.

MESSERSCHMIDT, J.W. **Masculinities and crime: critique and reconceptualization of theory**. New York: Rowman & Littlefield, Lanham, 1993.

MONFREDINI, Ivanise (Org.). **Universidade como espaço de formação de sujeitos**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2016.

RAMOS, Silvia et al. **A Bala não erra o negro**. Rio de Janeiro: CESeC, 2023.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; FAUSTINO, Deivison Mendes. **Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora**. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017.
SANTOS, André Costa; COUTINHO, Diogenes José Gusmão. PAULO FREIRE: VIDA E OBRA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 5, p. 125–133, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13858>. Acesso em: 05 out. 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade. 20 (2), p. 71-99, 1995.

SILVA, Sergio Gomes da. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos**. Psicol. Cienc. Prof. [online]. 2000, v.20, n.3, p.8-15. ISSN 1414-9893.

SWANI, Viren; STANISTREET, Debbi; PAYNE, Sarah. **Masculinities and suicide**. The British Psychological Society, v.21, n.4, abr. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3bfZ6rK>. Acesso em: 07 out. 2024.

TAVASSI, Ana Paula Chudzinski et al. **A história dos direitos das mulheres**. Politize, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/historia-dos-direitos-das-mulheres/>. Acesso em: 18 set. 2024.

VERDE, Guilherme Villa. **“Quando abordamos a masculinidade tóxica não estamos falando sobre você, mas sobre como você foi ensinado a ser homem”, declara a professora Rita Von Hunty**. Rio Grande Do Sul, 2023. Disponível

em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/576882#:~:text=A%20palestrante%20explicou%20que%20o,afeto%20ou%20demonstra%C3%A7%C3%A3o%20de%20fraqueza>. Acesso em: 01 out. 2024.

ZANELLO, V.; GOMES, T. **Xingamentos masculinos**: a falência da virilidade e da produtividade. Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 23, n. 1/2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7615>. Acesso em: 08 maio 2024.

ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. **Xingamentos entre adolescentes em Brasília**: linguagem, gênero e poder. Revista Interações, Lisboa, v. 7, n. 17, p. 151-169, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.25755/int.451>. Acesso em: 8 maio 2024.

ÍNDICE

A

Ana Carolina Garcia Braz, 2, 4, 5
Ana Laura Rocioli Messias, 36
Ana Luísa Botelho dos Reis, 54

C

Carolina Ferreira Rodrigues, 36

E

Elesbão Evaristo Costa e Freitas Júnior,
18
Enzo Lima Ciuti, 72

G

Guilherme Henrique Andrade Pimentel, 54
Gustavo Garcia Radi, 138
Gustavo José de Toledo Pedroso, 112

I

Isabela Fernandes Bareense, 98

J

João Pedro Naves Da Silva, 72
Josiane Maria Starling Duarte, 4

K

Kátia Simone Lessa de Freitas, 36
Kelly Jacqueline Barbosa, 4

L

Luma de Paula, 112

M

Marcos Silvestre Gera, 18, 138
Maria Cherubina de Lima Alves, 86, 98
Maria de Fátima Aveiro Colares, 3
Maria Fernanda Silva Souza, 124

R

Rafaela Fagundes Nascimento, 9
Raphael Monteiro Da Cruz Casaqui, 72
Raquel Ragel César, 9

S

Sofia Muniz Alves Gracioli, 36, 54, 72, 124
Stephany Matias de Oliveira Crisostono,
86

ISBN VOLUME



ISBN COLEÇÃO



unifacef.com.br

Av. Dr. Ismael Alonso y Alonso, 2400

0800 940 4688 / (16) 3713-4688

